Temas de vida
espiritual e monástica

JOÃO CASSIANO

CONFERÊNCIAS 8 a 15

Volume 2

Espiritualidade

Monástica

Nascido por volta de 360, na atual Romênia, João Cassiano recebe de sua família uma boa formação clássica e cristã. Atraído pelo ideal monástico, jovem ainda, com seu amigo Germano dirige-se à Palestina e ingressa na vida cenobítica em um dos mosteiros de Belém. A fama dos monges do Egito o levou, dois anos mais tarde, a empreender nova viagem em companhia de Germano.

No Egito (380-400), Cassiano e Germano visitam cenobitas e anacoretas. Suas conversas com um determinado "ancião" respondendo às questões do próprio Cassiano e Germano são colocadas por escrito, em forma de diálogo e denominadas Conferências.

As obras de Cassiano, escritas em latim fluente, contribuíram grandemente para a propagação do monaquismo cristão no Ocidente. Os grandes fundadores, São Bento, São Domingos, São Ber-

nardo, Santa Teresa de Ávila inspiraram-se em seus escritos e recomendaram sua leitura. O ensinamento recebido dos Pais do deserto, a doutrina espiritual dos ascetas alexandrinos particularmente de Evágrio, os escritos de São João Crisóstomo, São Basílio e São Jerônimo entre outros, foram repensados e sistematizados por Cassiano, enriquecidos com sua própria reflexão e experiência. O êxito que obtiveram suas obras monásticas através dos séculos se explica sem dúvida pela grande unidade e riqueza de sua doutrina como também pelo entusiasmo e estilo com que as transmite.

EDIÇÕES
SUBIACO

"Em qualquer arte ou disciplina, não é de relance que se atinge a perfeição. Os primeiros passos, na verdade, são necessariamente bem simples, uma vez que se deve partir do que há de mais fácil e de menos austero."

Neste volume Cassiano apresenta, entre outras, as famosas conferências do abade Isaac. Elas introduzem o leitor "na sublime ciência ensinando-o a aderir a Deus em contínua união: a natureza e as qualidades de que se deve sempre revestir a oração, e os meios de que se deve lançar mãos para nela perseverar, tornando-a ininterrupta, quando no ardor da caridade, a alma se funde dilatada pelo amor divino."

ISBN 85-86793-28-0
9 788586 793288

João Cassiano

CONFERÊNCIAS

VIII - XV

Volume 2

Tradução
Aída Batista do Val

EDIÇÕES SUBIACO
Juiz de Fora
- 2006 -

Conferências VIII - XV - João Cassiano - Volume II -
ISBN 85-86793-28-0
Tradução do latim (SC 42): Aída Batista do Val
Rua Conde do Bonfim,1098 - Tijuca - RJ

Copyright © 2006 by Edições Subiaco
Editoração, impressão e acabamento
Mosteiro da Santa Cruz
Rua Prof. Coelho e Souza, 95
36016-110 - Juiz de Fora - MG
Fone: (0**32) - 3216-2814 - Fax: (0**32) - 3215-8738
e-mail: publicacoesmonasticas@yahoo.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios *sem permissão escrita de Edições Subiaco.*

Plano geral de publicação
Volume 1: Conferências I-VII - 2003
Volume 2: Conferências VIII- XV - 2006
Volume 3: Conferências XVI - XXIV - 2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Cassiano, João, ca360 - ca435.
Conferências 8 a 15 / João Cassiano; [tradução do latim por Aída Batista do Val].
- Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2006.
3V. 236p. 21cm.

ISBN 85-86793-28-0

1. Vida monástica e religiosa I. Val, Aída Batista do II. Título.

CDD 255.19

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO,7

CONFERÊNCIAS

VIII SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE SERENO, 13
Os PRINCIPADOS

IX PRIMEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE ISAAC, 43
A ORAÇÃO

X SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE ISAAC, 79
A ORAÇÃO

PREFÁCIO DE CASSIANO PARA A COLEÇÃO DAS CONFERÊNCIAS XI A XVII, 103

XI PRIMEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE QUEREMOM, 105
A PERFEIÇÃO

XII SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE QUEREMOM, 123
A CASTIDADE

XIII TERCEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE QUEREMOM, 149
A PROTEÇÃO DE DEUS

XIV PRIMEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE NESTEROS,183
A CIÊNCIA ESPIRITUAL

XV SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE NESTEROS, 211
OS CARISMAS DIVINOS

MAPAS, 223

ÍNDICE DAS CONFERÊNCIAS, 225

INTRODUÇÃO

Com o lançamento do Segundo Volume das Conferências de João Cassiano as Edições Subiaco dão prosseguimento à série das sete Conferências já publicadas no primeiro Volume. Esperamos que logo possamos ter o terceiro Volume, completando assim a série de 24 *Conferências.*

Este segundo volume, tão bem editado como o primeiro, apresenta igualmente a excelente tradução do texto latino da Professora Aída Batista do Val. Somente aqueles que já passaram pela experiência de procurar traduzir alguma passagem das obras de João Cassiano poderão dar o devido valor ao trabalho de Aída Val. Um dos melhores e mais recentes estudos sobre João Cassiano assim se refere a algumas das dificuldades que devem enfrentar os que abordam os seus textos: "O seu estilo literário, como de outros antigos monges, escapa de certo modo à compreensão dos leitores de hoje. Embora utilizando um latim gramaticalmente correto, suas formas e imagens literárias parecem querer dissuadir, até mesmo os entendidos no assunto, de abrir caminho por entre a complexidade das suas expressões (...) Os leitores de temas monásticos e os que participam dos seus interesses continuam a valorizar muitos dos ensinamentos de Cassiano, embora se dando conta que esses podem permanecer ainda um tanto obscuros, pois tudo o que Cassiano escreve exige, ao mesmo tempo, tradução e interpretação."[1]

---

[1] Stewart, Columba, *Cassian the Monk*, Oxford University Press, New York - Oxford, 1998, p. 3.

Para quem inicia a leitura das *Conferências*, é importante saber que, para uma boa e fiel compreensão do texto é indispensável conhecer também a outra obra anterior de Cassiano, as *Instituições*. Essa primeira obra de Cassiano é assim denominada (no plural) como um termo coletivo para significar os ensinamentos, costumes e estruturas da vida monástica. Destinada a ser uma obra de iniciação para orientar e instruir, ela é mais do que uma simples coleção de costumes e normas. Embora se referindo primariamente à vida cenobítica, inclui também referências à vida eremítica. É com satisfação que podemos informar que as Edições Subiaco planejam publicar também, muito em breve, essa indispensável obra de Cassiano. Já ao escrever as *Instituições* parece ter ele planejado completá-las primeiramente, com uma série de dez *Conferências* atribuídas aos eremitas do deserto de Cétia. Posteriormente acrescentou mais duas séries: as *Conferências* XI a XVII e as de XVIII a XXIV.

No Prefácio que escreveu às *Instituições*, Cassiano afirma que oferece essa obra visando ajudar os monges cenobitas no processo da fundação de um novo mosteiro e por essa razão salienta as relações do monge com seus irmãos (incluindo por isso mesmo, o estudo dos principais vícios).

As *Conferências*, por seu lado, parecendo dirigidas primariamente aos anacoretas, apresentam-se, na verdade, como instruções visando, não tanto o seu modo de vida exterior, mas sim a "pessoa interior" na sua busca de perfeição. O próprio Cassiano desencoraja a comparação meramente exterior e negativa entre as duas formas de vida monástica e se refere antes ao comum ideal de vida procurado porém de diversos modos (cf. *Conf.* XIV,4).

O título de *Conferências* provém da palavra latina "conlatio" que significa uma reunião ou agrupamento, quer seja de objetos ou de pessoas. Cassiano a utiliza neste sentido de pessoas

reunidas para conversas, discussões ou ensinamentos, como acontece quando um monge se dirige a um grupo dos seus irmãos. Neste caso, a própria alocução pode tomar o nome de "conlatio". Sabemos que é neste sentido que Cassiano denomina *Conferências* as suas 24 conversações entre um determinado "ancião" respondendo às questões colocadas pelo próprio Cassiano ou por seu amigo Germano. Essa é a forma do diálogo clássico (em grego: *erotapokríseis*) realizado por perguntas e respostas. Um exemplo bastante conhecido deste estilo literário é aquele utilizado no livro dos Diálogos, atribuídos a São Gregório Magno e onde a vida e a doutrina dos santos, principalmente a de São Bento, no segundo Livro, é assim apresentada e ensinada.

É importante saber também, desde o início, que embora a leitura das *Conferências* (e incluímos também as *Instituições*) possa exigir um certo trabalho e esforço, a doutrina espiritual que João Cassiano nos apresenta é de uma importância excepcional. É sobretudo através das obras de Cassiano que as práticas e os ensinamentos a respeito da vida ascética e posteriormente, sobre o monaquismo cristão, nos quatro primeiros séculos foram transmitidos do Oriente para o Ocidente onde apenas se encontrava em suas primeiras tentativas e experiências. Através da leitura dessas obras de Cassiano, nos mosteiros e posteriormente, nos ensinamentos dos abades e dos escritos de muitos bispos e doutores da Igreja, é que progressivamente foi desenvolvida uma verdadeira Teologia da Vida Espiritual, não apenas nos seus aspectos práticos, ascéticos, mas, sobretudo, em sua dimensão profunda, que mais tarde se denominaria de experiência mística.

As *Conferências* de VIII a XV que se encontram neste volume se referem aos seguintes temas espirituais:

– A *Conferência* VIII, do abade Sereno, juntamente com a anterior (a VII), trata das distrações do espírito, as tentações das dispersão e do seu combate e nesta última, mais particularmente, do problema da queda dos anjos, do poder de sua influência maligna e da lei natural e escrita.

– As *Conferências* IX e X, do abade Isaac e atualmente as mais conhecidas e estudadas, tratam ambas da doutrina sobre a oração. A primeira estuda a oração contínua como finalidade da vida monástica. A *Conferência* X trata mais dos meios para lá se chegar.

– As *Conferências* XI, XII, XIII, do abade Queremon, se referem à perfeição da vida monástica enquanto realizada na caridade. A *Conf.* XI estuda a Caridade na sua relação com a Fé e a Esperança (o Temor de Deus). A *Conf.* XII estuda a Caridade na sua forma de castidade perfeita, só conseguida através da perseverança, da paciência e da contínua ação de Deus em nós. A *Conf.* XIII, pode-se dizer que é a mais famosa de todas, pois entra na questão cadente naquele tempo, do equilíbrio entre a graça divina e a liberdade humana.

– As *Conferências* XIV e XV, do abade Nesteros, tratam da Ciência espiritual, primeiramente em seus princípios teóricos e depois no seu aspecto prático, ou seja, dos meios para conseguila. A *Conferência* XV considera mais os frutos daquela Ciência: os carismas, o dom dos milagres e a sua autenticidade.

Parece ser oportuno notar que os ensinamentos de Cassiano, apresentados como sendo dos próprios abades e pais espirituais dos desertos do Egito, transmitem-nos freqüentemente, a doutrina de um dos mestres do próprio Cassiano, a saber, o filósofo monge Evágrio Pôntico e conseqüentemente, também de Orígenes, sua importante fonte.

Não se deve esquecer, porém, que ao lado da tradição

monástica do Egito, igualmente será o conhecimento e o estudo da tradição oriental decorrente do monaquismo da Capadócia, sobretudo da vida e obras de São Basílio onde o monaquismo se reveste de outro aspecto igualmente essencial que é o da experiência comunitária e eclesial. Nesta mesma linha de tradição, embora já no Ocidente, a figura e sobretudo as obras monásticas de Santo Agostinho poderão trazer também o necessário complemento à tradição de João Cassiano, talvez mais conhecida.

D. Abade Joaquim de Arruda Zamith, osb
Mosteiro de São Bento - Vinhedo - setembro 2005

VIII

SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE SERENO

Os Principados

1- *A hospitalidade do abade Sereno*

Terminadas as solenidades próprias do dia e dispersa a comunidade, voltamos à cela do ancião, onde logo fomos restaurados por uma lauta refeição. Com efeito, em lugar da salmoura com uma gota de óleo que costumava constituir sua refeição diária, o abade Sereno nos preparou uma porção de molho, misturando-lhe um pouco mais de óleo do que costumava.

Quanto à gotícula de óleo a que me referi, jamais nenhum solitário, ao preparar seu alimento, deixou de vertê-la na salmoura. Não que ele o faça no intuito de sentir algum sabor agradável ao prová-lo, pois dose tão minúscula não bastaria sequer para passar da boca à garganta, quanto mais para untá-la. Ao contrário, essa gota se destina a reprimir o orgulho do coração, que costuma insinuar-se, insensível e suavemente, por ocasião de abstinências mais rigorosas. Assim, essa gota acaba por mortificar os estímulos da própria presunção, uma vez que quanto mais secretamente se pratica a abstinência, quanto mais se tenta ocultá-la ao olhar dos homens, tanto mais sutil é a tentação à qual ela induz aquele que a pratica. Em seguida,

Sereno nos serviu sal tostado, com três azeitonas por pessoa, apresentando-nos, ainda, um cesto com grãos-de-bico tostados, que os solitários chamam de "trogalia" e dos quais comemos apenas cinco grãos cada um, aceitando também duas ameixas e um figo. Exceder essa medida seria considerado culpável naquele deserto.

Terminada a refeição, passamos a reclamar do ancião que cumprisse sua promessa, respondendo à nossa indagação. Apresentai vossa questão – retorquiu o ancião – cujo exame adiamos até agora.

2 - *Diversidade que notamos entre os espíritos malignos*

Germano: Qual a causa de tão grande variedade de potências inimigas que hostilizam o homem e por que existe entre elas tanta diversidade? O bem-aventurado Apóstolo assim as enumera, ao escrever: *Nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os principados, contra as autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra os espíritos do Mal, que povoam a região celeste* (Ef 6,12). E também: *Nem os anjos, nem os principados, nem a morte, nem a vida, nem as potências, nem qualquer outra criatura nos poderá separar da caridade de Deus que está no Cristo Jesus, nosso Senhor* (Rm 8,38-39).

De onde surgiram esses adversários cheios de tanta maldade contra nós? Porventura devemos crer que tais potências foram criadas pelo Senhor precisamente para combater o homem com tal poder e tal diversidade?

3 - *Resposta sobre a multiplicidade de alimentos de que trata a Sagrada Escritura*

Sereno: Entre as verdades que a autoridade das Sagradas

Escrituras destinou para nosso conhecimento, existem algumas que se apresentam com tanta clareza e evidência que, mesmo aos de inteligência limitada, aparecem sem a obscuridade de uma significação mais secreta e até dispensam o auxílio da exegese, pois manifestam significado e ensinamento que transparecem nas próprias palavras e letras.

Em contrapartida, outras são tão veladas e obscurecidas por certos mistérios, que exigem de nós uma série ilimitada de diligentes exercícios para sua compreensão e interpretação. É evidente que Deus tinha diversos motivos para agir desse modo, pois, se os sacramentos divinos não fossem encobertos por um véu em seu sentido espiritual, ficariam expostos a todos os homens. Assim sendo, fiéis ou profanos, indiscriminadamente, teriam a mesma facilidade em conhecê-los, não havendo, portanto, nenhuma diferença entre a indolência e a operosidade no que se refere à virtude e à prudência.

Além disso, Deus assim dispôs porque, mesmo entre os irmãos na fé, a Escritura propicia um vastíssimo campo para a investigação intelectual, de modo a oferecer matéria capaz de conscientizar os preguiçosos de sua negligência e aprovar os operosos por seu ardor e empenho.

A Escritura divina também, com bastante propriedade, pode ser comparada a um campo fértil e fecundo. Nessa terra, muitos produtos nascem e se desenvolvem, servindo à alimentação do homem sem necessidade de cozimento. Outros, no entanto, se não passarem pelo fogo, a fim de perderem sua aspereza natural, tornando-se doces e macios, se mostrariam impróprios e até mesmo nocivos ao uso humano. Alguns, porém, já nascem a tal ponto adequados como comestíveis que, em uma e outra forma, são agradáveis e saudáveis.

No entanto, alguns servem tão-somente à alimentação de animais irracionais de carga ou feras selvagens, ou ainda de

pássaros, mas, de modo algum se destinam à alimentação do homem, pois mesmo em sua aspereza nativa e sem qualquer cozimento são apropriados à vida daqueles animais.

Parece-nos que o fertilíssimo paraíso das Escrituras espirituais apresenta uma clara analogia com o que acabamos de descrever. Ali, o sentido literal de algumas passagens é tão luminoso que sequer necessita uma exegese mais sublime, oferecendo aos ouvintes um alimento farto e nutritivo ao simples ressoar de suas palavras, como no exemplo a seguir: *Escuta, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor* (Dt 6,4); ou então: *Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e com toda a tua força* (Dt 6,5).

Alguns textos, porém, se não forem trabalhados por uma extenuante interpretação alegórica, e suavizados por um fogo espiritual, seriam incapazes de fornecer ao homem interior um alimento salutar, isento de qualquer corrupção. Ao contrário, ser-lhes-iam nocivos e poderiam se transformar em alimento sem utilidade. A esse respeito poderíamos fazer as seguintes citações: *Sejam os vossos rins cingidos e as vossas lâmpadas acesas* (Lc 12,35), ou ainda: *Quem não tiver uma espada, venda a túnica para comprar uma* (Lc 22,36), e também: *Aquele que não toma a sua cruz e me segue não é digno de mim* (Mt 10,38). Foi quando alguns monges, dos mais observantes, tendo de fato o zelo de Deus, mas não um zelo esclarecido, interpretando tais palavras de maneira profundamente ingênua (cf. Rm 10,2), confeccionaram para si cruzes de madeira que carregavam sobre os ombros, tornando-se, assim, motivo de ridiculização e não de edificação para os irmãos.

Algumas passagens, todavia, tanto do ponto de vista histórico quanto do alegórico, podem ser entendidas de maneira proveitosa e necessária. Pois nos dois sentidos a alma é capaz de haurir um alimento nutritivo. Poderíamos citar, nesse sentido, os seguintes textos: *Se alguém te fere na face direita, oferece-*

lhe também a esquerda (Mt 5,39), ou: *Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra* (Mt 10,23); e também: *Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá aos pobres e terás um tesouro nos céus. E depois, vem e me segue* (Mt 19,21).

O campo das Escrituras produz também o feno que alimenta os animais de carga (cf. Sl 103,14). Elas estão repletas de tais alimentos que consistem em uma narrativa pura e singela, na qual as almas mais simples e incapazes de captar a doutrina em toda a sua perfeição e integridade vão colher, de acordo com o próprio estado e as próprias necessidades, o alimento que irá torná-las mais fortes e vigorosas para as tarefas e os trabalhos da vida ascética. A respeito de tais palavras é que se afirma: *Salvareis, Senhor, os homens e os jumentos* (Sl 35,7).

4 - *Sobre a dupla opinião que se pode formar no entendimento das Sagradas Escrituras*

Por tal motivo também nós, quando a Escritura é expressa com clareza, podemos opinar sem receio sobre essas palavras. Todavia, aquelas sentenças em que o Espírito Santo inseriu algo de modo velado, reservando-as para nosso exercício e reflexão, só podem ser apreendidas através de indícios e conjecturas, e unicamente com cautela é que seria possível examiná-las, deixando a liberdade de julgar não só ao que fala, como também ao que escuta. Acontece, às vezes, que surgem duas opiniões diferentes sobre a mesma questão, sendo ambas aceitáveis. Sem detrimento para a fé, seria possível adotar-se uma atitude reservada, não se dando nem a uma nem a outra uma adesão absoluta, mas também tampouco uma recusa total, de modo que a primeira não contrarie a segunda, uma vez que nenhuma das duas está em oposição à fé.

Veja-se, por exemplo, o caso de Elias. Há quem diga que

ele veio na pessoa de João e que voltará como precursor da vinda do Senhor (cf. Mt 11,14). Também lemos sobre a abominação da desolação que se ergueu no lugar santo e cuja origem foi a estátua de Júpiter colocada no templo de Jerusalém. E que de novo sobreviria na Igreja por ocasião do advento do Anti-Cristo (cf. Dn 9,27; 2Mc 6,2; Mt 24,15 ss). De maneira análoga, tudo quanto se segue no Evangelho pode ser visto como já cumprido antes da tomada de Jerusalém, ou como devendo realizar-se no fim do mundo. Nenhuma dessas opiniões entra em choque com a outra. E a primeira interpretação não invalida a segunda.

5 - *A resposta à questão que se propõe deve ser aceita livremente*

Quanto à questão que propusestes, não me parece que seja bastante debatida entre os homens, nem suficientemente clara para a maioria das pessoas. Portanto, o que vamos expor pode ser considerado ambíguo por alguns, e, assim, devemos ter uma opinião moderada a esse respeito. Contudo, como tal questão não traz nenhum detrimento à fé na Trindade, convém que nossa solução seja considerada apenas como provável, embora não se baseie somente em simples suposições e conjecturas, mas tenha por base claros testemunhos da Escritura.

6 - *Deus nada criou de mau*

Deus não permita que jamais afirmemos que ele tenha criado algo de substancialmente mau. Pois que a Escritura nos diz: *Tudo que Deus fez era muito bom* (Gn 1,31). Ora, admitir que esses demônios tenham sido criados em estado de maldade por Deus, ou destinados desde o início, em seus diversos graus de malícia, a enganar e arruinar os homens, seria contradizer a Escritura e desonrar a Deus, julgando-o criador e inventor do mal. Portanto, ele próprio teria feito tais naturezas e vontades

tão malévolas, exatamente para que elas se obstinassem no mal e nunca conhecessem os bons sentimentos.

Eis, pois, o motivo de sua diversidade tal como a tradição dos Pais nos ensinou a buscar através da Sagrada Escritura.

7 - *A origem dos principados ou potestades*

Antes de criar o mundo visível, Deus fez as criaturas espirituais e as virtudes celestes, para que, sabendo que tinham sido criadas do nada para tão grande glória e bem-aventurança por pura bondade do Criador, elas lhe dessem contínuas ações de graças e se consagrassem ao seu perpétuo louvor. E dentre os cristãos não há quem disso duvide. Não devemos julgar que Deus, no princípio, tenha iniciado a obra de sua criação pelo fundamento deste mundo, como se, durante os inúmeros séculos anteriores, não tivesse a quem distribuir os benefícios de sua bondade e tivesse ficado preso à sua solidão, sem poder exercer sua munificência. Esse julgamento equivaleria a atribuir àquela infinita, eterna e incompreensível majestade sentimentos mesquinhos e inadequados, quando é o próprio Senhor que diz a respeito daquelas potestades: *Quando foram criados os astros, todos os meus anjos me louvaram em altas vozes* (Jó 38,7 – LXX).

Se eles estavam presentes à criação dos astros, se aplaudiram com exclamações de admiração e louvor o nascimento de todas essas criaturas visíveis que saíam do nada, isso constitui prova evidente de que sua criação foi anterior àquele princípio em que se narra que o céu e a terra foram feitos.

Antes, pois, desse princípio dos tempos, definido por Moisés, no Gênesis e cujo sentido literal é também aceito pelos judeus para assinalar a idade deste mundo, (ressalvando-se aqui nosso sentido cristão, segundo o qual o Cristo é o princípio de todas as coisas), conforme esta palavra: *Tudo foi feito por ele, e*

sem ele nada foi feito (Jo 1,3), de acordo com esse início, não há dúvida de que Deus tenha criado todas essas potências e virtudes celestes. Assim, o Apóstolo as enumera por ordem: *Foi em Cristo que foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: tronos, soberanias, principados, autoridades, tudo foi criado por ele e para ele* (Cl 1,16).

8 - *A queda do diabo e dos anjos*

Do número desses, muitos dos mais privilegiados caíram como nos informam com clareza as Lamentações de Ezequiel e de Isaías, em que os vemos chorar e gemer sobre o príncipe de Tiro ou sobre Lúcifer, que surgia pela manhã no horizonte. Do primeiro, eis as palavras do Senhor a Ezequiel: *Filho do homem, pronuncia um lamento contra o príncipe de Tiro, e lhe dirás: Tu eras um sinal da semelhança de Deus, repleto de sabedoria e de beleza perfeita. Viveste entre as delícias do paraíso de Deus coberto de gemas diversas: rubi, topázio, diamante, crisólito, cornalina, jaspe, safira, turquesa e esmeralda, trabalhados em ouro. Tamborins e flautas estavam a teu serviço, prontos desde o dia em que foste criado. Eras um querubim protetor, colocado sobre a montanha santa de Deus; passeavas entre as pedras de fogo. Foste irrepreensível em teu proceder desde o dia em que foste criado, até que a iniqüidade apareceu em ti. No desenvolvimento do teu comércio, encheram-se as tuas entranhas de violência e pecado; por isso eu te bani da montanha de Deus e te fiz perecer, ó querubim protetor, em meio às pedras de fogo. O teu coração se exaltou com a tua beleza. Perverteste a tua sabedoria por causa do teu esplendor. Assim, te atirei por terra, e fiz de ti um espetáculo à vista dos reis. Em virtude da tua grande iniqüidade e, por causa da desonestidade do teu comércio, profanaste os meus santuários* (Ez 28,11-18).

Quanto a Lúcifer, diz Isaías: *Como caíste do céu, estrela d'alva? Como foste atirado à terra, vencedor das nações! E, no entanto, dizias em teu coração: Hei de subir até o céu, acima das estrelas de Deus colocarei o meu trono, estabelecer-me-ei na montanha do testemunho, nos confins do Norte. Subirei acima das nuvens, tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo* (Is 14,12-14).

Estes, todavia, não foram os únicos a decair daquele apogeu de felicidade, segundo o testemunho da Escritura, pois que o dragão, como ela nos refere, arrastou consigo a terça parte das estrelas (cf. Ap 12,4).

Um dos apóstolos nos fala em linguagem ainda mais explícita: *Os anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram o seu domicílio, ele os reservou para o juízo do grande dia, presos por cadeias eternas no meio das trevas* (Jd 6,25). E há também as palavras do salmista: *Vós, porém, morrereis como homens e caireis como um dos príncipes* (Sl 81,7). Qual seria o significado de tais palavras, senão que muitos foram os príncipes que caíram?

Por tais indícios podemos presumir a causa da diversidade das potências adversas. Vale dizer, a diferença na perversidade. Porque, ou aquelas potências conservam ainda as prerrogativas da ordem anterior na qual cada uma foi criada, ou então, precipitadas do céu, reivindicam, embora em sentido contrário, a semelhança com os anjos que se mantiveram fiéis, usurpando-lhes os títulos de graus e de ordens, isso, porém, em relação à perversidade, segundo cada uma delas se distinguia no mal.

9 - *A queda do demônio começou com a sedução de Eva*

Germano: Acreditávamos até agora que a causa e o princípio da queda ou da prevaricação do demônio, aquilo que o fizera decair da dignidade de anjo fora especificamente a inveja

que levou sua maligna impostura a enganar Adão e Eva.

10 - *Resposta em que se explica a queda do demônio*

Sereno: Ao lermos o Gênesis, vemos claramente que não foi esse o início daquela ruína, do demônio nem de sua decadência. Uma vez que, mesmo antes de os haver tentado, a Escritura o designa com o nome de serpente, com a seguinte descrição: *Ora, a serpente era a mais sábia,* ou segundo o texto hebraico, *o mais astuto dos animais da terra criados pelo Senhor* (Gn 3,1 – LXX).

Podeis ver, portanto, que mesmo antes de haver iludido o primeiro homem, o demônio já se havia desvinculado da santidade angélica, tanto que não só mereceu ser marcado com esse nome infame, como também ser mostrado como excedendo em perversidade a todos os animais da terra. Pois a Escritura não nomearia com tal expressão um anjo bom, nem tampouco designaria com tais palavras os que permaneceram fiéis. Mas diz: *A serpente era o mais astuto dos animais da terra.* Daí deduzimos que, se tal título de modo algum poderia ser aplicado a um Gabriel ou Miguel, ou mesmo a qualquer homem de bem, torna-se evidente que a designação de serpente e a comparação com os outros animais não diz respeito à dignidade de um anjo, mas à infâmia do prevaricador.

E mais ainda, a inveja do demônio, que o levou a enganar o homem com suas artimanhas, tem como origem a ruína anterior, pois ele via que o homem, formado do limo da terra, fora chamado à glória que havia sido sua quando era um príncipe, e da qual se lembrava que fora destituído.

Assim, a primeira queda que sofreu teve como causa o orgulho, valendo-lhe esta, não só sua derrocada mas também o nome de serpente. A essa primeira ruína seguiu-se uma segunda,

proveniente da inveja. Essa ainda o motiva para se levantar, entrar em contato com o homem, com o qual é capaz de se entreter e deliberar, mas a justa sentença do Senhor o relegou às profundezas; por isso, doravante não mais poderá, como antes, levantar o olhar e assumir a posição ereta, vendo-se, portanto, condenado a rastejar preso ao solo e, humilhado, tem como alimento as obras terrenas dos vícios. Até então o demônio era um adversário oculto para o homem. Agora, no entanto, Deus o denuncia publicamente. E estabelece entre ele e a raça humana uma proveitosa inimizade e uma salutar discórdia. Para que, evitado como inimigo perigoso, ele não mais possa prejudicar o homem com fictícias amizades.

11- *A punição de quem engana e de quem se deixa enganar*

Todavia, como conseqüência de tudo quanto foi exposto, é indispensável que aprendamos principalmente a fugir dos maus conselhos.

Seja o enganador condenado e punido convenientemente, mas por outro lado, o que se deixou seduzir também não pode escapar ao castigo, embora menos rigoroso do que o do sedutor. É o que com clareza nos ensina o relato bíblico. Adão que foi seduzido, ou melhor, segundo as palavras do Apóstolo, *não propriamente seduzido* mas, para sua infelicidade, compactuado com aquela que fora seduzida, é condenado somente ao trabalho e ao suor do seu rosto (1Tm 2,14). Todavia, essa pena não lhe é imposta por uma maldição pessoal, mas pelo efeito da maldição e da esterilidade da terra.

A mulher, ao contrário, que fora a instigadora daquela culpa, mereceu o castigo da tristeza, dos gemidos e das múltiplas dores, tendo sido ainda condenada a ficar sempre sujeita ao homem. Quanto à serpente, que fora a primeira a instigar aquela

perfídia, foi punida com eterna maldição.

Por isso, é imprescindível guardar-se com extremo cuidado e circunspeção dos maus conselhos, visto que, da mesma forma que esses punem o seu autor, também não deixam sem pecado e sem castigo aquele que lhes dá ouvidos.

12 - *São muitos os demônios e grande é a perturbação que provocam no mundo*

É tão densa a concentração dos espíritos maus nos ares, espalhados entre o céu e a terra, e de tal maneira se agitam febrilmente que, subtraí-los à nossa vista, foi uma feliz disposição da providência divina, porque, do contrário, pelo terror que sua presença inspira e pelo pavor das formas que revestem, segundo seu bel-prazer, os homens ficariam indubitavelmente consternados e perderiam os sentidos, incapazes de suportar tal visão, uma vez que os olhos carnais não foram feitos para experimentá-la.

Haveria também o risco de que os homens se tornassem cada vez piores, viciados por seus exemplos e por sua imitação, porquanto entre os seres humanos e as imundas potências do ar surgiria uma perigosa familiaridade e um pernicioso convívio.

De fato, crimes vergonhosos são cometidos entre os homens que as paredes das casas, a distância e o pudor ocultam aos nossos olhos. Ora, se os homens tivessem a possibilidade de observá-los abertamente seriam instigados a uma loucura ainda maior porque não ocorreria nenhum momento em que fossem privados de ver tais potências do mal cometerem seus crimes. Pois, não estando elas como nós, sujeitas à lassidão corporal, nem às solicitudes familiares ou às exigências do pão cotidiano, nada têm como nós, que os obrigue a renunciar a seus projetos.

13 - *As potências adversas fomentam entre si as mesmas hostilidades que empreendem contra os homens*

É indubitável que os demônios fomentam entre si as mesmas hostilidades com que infernizam os homens. De fato, eles não cessam de suscitar entre si discórdias e conflitos sob a proteção de certos povos que tomaram sob sua proteção e com os quais estabeleceram estreitos laços de delituosa familiaridade. É o que vemos com absoluta clareza representado numa visão do profeta Daniel, na qual tem a palavra o anjo Gabriel: *Não temas, Daniel, porque desde o primeiro dia em que aplicaste teu coração a compreender, mortificando-te diante do teu Deus, tuas palavras foram ouvidas. E é por causa de tuas palavras que eu vim. O príncipe do reino da Pérsia me resistiu durante vinte e um dias, mas Miguel, um dos primeiros príncipes, veio em meu auxílio. Eu o deixei afrontando os reis da Pérsia e vim para fazer-te compreender o que sucederá a teu povo no fim dos dias* (Dn 10,12-14).

Não é possível negar que esse príncipe do reino da Pérsia outra coisa não significa senão uma potência adversa, favorável à nação persa e inimiga do povo de Deus. Vendo que, pelo ministério do arcanjo, a situação se iria resolver a favor de Daniel, como este suplicara ao Senhor, para impedir tal acontecimento, aquele príncipe cheio de inveja se interpõe no caminho, a fim de que a palavra de consolação levada por Gabriel não chegue prontamente a Daniel e ao povo de Deus ao qual o arcanjo preside.

E ele próprio afirma ao profeta ter sido o ataque tão violento que teria impedido sua aproximação se o arcanjo Miguel não o tivesse socorrido, enfrentando o príncipe persa e tomando partido no combate em defesa de Gabriel. Só assim conseguiu alcançar o profeta, após vinte e um dias, a fim de entregar-lhe a

instrução de que fora incumbido.

Um pouco adiante, declara ainda o profeta: *Sabes por que vim a ti? Agora volto para combater o príncipe dos persas e, no momento em que parti, eis o príncipe da Grécia que aparece. Entretanto eu te anunciarei o que a Escritura expressa de verdade: E ninguém me ajudou em todas essas circunstâncias a não ser Miguel, o vosso príncipe* (Dn 10,20-21).

E ainda: *Naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que está de pé pelos filhos de teu povo* (Dn 12,1).

Vemos, portanto, que há mais um outro que é príncipe da Grécia. Além de favorecer a nação que lhe é sujeita, parece adversário não só do povo de Israel como também dos persas.

Podemos concluir, pois, com segurança, que as discórdias, os conflitos e as competições que as potências adversas instigam entre as nações, também se repercutem entre elas. Alegram-se com a vitória de umas e sofrem com a derrota de outras. Assim, a concórdia não pode existir entre elas uma vez que cada uma toma partido pelo povo que preside com implacável rivalidade.

14 - *Origem dos termos "principados" e "potências" atribuídos aos espíritos malignos*

Às opiniões precedentemente expostas, é evidente que podemos acrescentar uma outra razão pela qual tais espíritos são designados como principados ou potestades. É que além de exercerem sobre diversos povos a dominação e o império, também impõem seu jugo sobre espíritos inferiores e demônios, os quais, de acordo com sua própria confissão, o Evangelho declara que são legiões (cf. Lc 8,30).

De fato, não poderiam receber o nome de dominações se, na verdade, não tivessem sobre quem exercer seu poder. Nem tampouco potências ou principados, se também não houvesse ninguém sobre quem pudessem reivindicar sua preeminência. A

blasfêmia dos fariseus que o Evangelho nos relata confirma bem nossas afirmações: *É por Belzebu, príncipe dos demônios, que ele expulsa os demônios* (Lc 11,15). Aliás, lemos em outro lugar que *estes são chamados dominadores deste mundo de trevas* (Ef 6,12) e, ainda, um outro demônio é declarado *príncipe deste mundo* (Jo 14,30).

Mas todas essas dignidades, como afirma o bem-aventurado Apóstolo, se desvanecerão um dia, quando tudo for submetido ao Cristo, *e ele entregar o reino a Deus Pai, após ter aniquilado todo Principado, toda Autoridade, todo Poder* (1Cor 15,24).

O que só poderá acontecer se forem subtraídos ao jugo dos demônios tudo quanto esses submetem neste mundo por seu poder, sua autoridade e sua dominação.

15 - *Motivo pelo qual as santas virtudes celestes receberam o nome de anjos e arcanjos*

Não é sem razão ou causa que os nomes adotados para designar as ordens angélicas correspondem à sua hierarquia e exprimem suas funções e seus méritos. Com efeito, é claro que em virtude da função que alguns têm de anunciar a vontade divina são denominados anjos, isto é, mensageiros. Arcanjos, por sua vez, como nos indica o próprio nome, são os que comandam os anjos. Uns são chamados dominações porque, na verdade, exercem domínio sobre várias categorias, o que também ocorre com os principados, que sujeitam a seu poder outros, para os quais exercem o papel de príncipes. Tronos são os que se encontram tão intimamente unidos a Deus e lhe são tão próximos e familiares que a divina majestade parece repousar neles de modo especial, como em um trono, pois, de certo modo, apóia-se com mais firmeza nesses espíritos.

16 - *A submissão dos demônios a seus príncipes, segundo a visão de um irmão*

Sabemos pelos testemunhos escriturísticos que os espíritos malignos são governados por potências ainda mais perversas, às quais se submetem. Isso é claramente demonstrado por uma resposta do Senhor à alusão caluniosa dos fariseus: *Se eu expulso os demônios por Belzebu, príncipe dos demônios...* (Lc 11,19). Visões manifestas e diversas experiências dos santos igualmente nos provam isso.

Citaremos a esse respeito o caso de um irmão que, ao caminhar certo dia pelo deserto, encontrou ao entardecer uma caverna e ali penetrou para celebrar a sinaxe das Vésperas. Estando ele a cantar os salmos habituais, acabou por ultrapassar a meia-noite. Terminado o ofício, o irmão alongou-se um pouco a fim de se recuperar da fadiga. De repente, percebe uma multidão de demônios a afluírem por todos os lados. Era uma profusão infinita que avançava em longo desfile, uns precedendo os outros, e alguns seguindo seu príncipe. Este, de aspecto aterrador, excedia em altura a todos os demais. Foi erguido, então, um trono no qual ele tomou assento como se fora um tribunal elevadíssimo.

Nesse momento, deu-se início a um exame extremamente meticuloso sobre a atuação de cada um. Aqueles que confessavam não ter ainda conseguido enganar seus adversários, ele expulsava de sua presença como incapazes e covardes e, fremindo de furor, os censurava com veemência por tão longo trabalho perdido. Em contrapartida, aqueles que se vangloriavam de seus êxitos, isto é, de terem seduzido as almas que lhes foram confiadas, ele cobria de elogios em meio à exultação e ao aplauso geral, despedindo-os, publicamente cumulados de honrarias como valentes guerreiros, propostos a todos como exemplos. Dentre esses surge um, dando sinais de extrema perversidade.

Sua alegria é imensa, como se estivesse a relatar um triunfo inaudito. Dando o nome de um monge de ilibada reputação, ele afirma que, após ter este suportado incólume seu assédio ininterrupto durante doze anos, ele acabara por vencê-lo naquela mesma noite, instigando-o não só a cair no pecado da luxúria, estuprando uma virgem consagrada, como ainda o convencera a tomá-la por esposa.

Tal relato é causa de verdadeira explosão de alegria, e aquele demônio se retira, engrandecido e cumulado de elogios e de glória pelo príncipe das trevas.

Todavia, ao alvorecer, os demônios se dissipam ao olhar do irmão, e este começa a duvidar das palavras do espírito imundo. Ou, melhor, prefere acreditar que, mentindo segundo seu hábito, ele quisesse ludibriá-lo, estigmatizando um irmão inocente pelo crime de incesto. Lembra-se, então, da palavra do Evangelho: *Quando ele fala mentira, fala o que é próprio dele, pois ele é mentiroso e pai da mentira* (Jo 8,44).

Vai, então, a Pelúsio onde sabia que morava o irmão que, segundo o espírito imundo, havia prevaricado. Aliás, tratava-se de monge muito conhecido. Tendo-o, pois, procurado, veio a saber que, naquela mesma noite em que o temível demônio anunciara a sua queda à coorte dos espíritos malignos e ao seu chefe, o monge abandonara o mosteiro e partira para a aldeia, entregando-se ali ao pecado com a virgem mencionada.

17 - *A cada homem sempre estão vinculados dois anjos*

Afirma-nos a Escritura que cada um de nós tem dois anjos vinculados à sua pessoa, acrescentando ser um bom e o outro mau.

Ao referir-se aos bons, diz-nos o Salvador: *Não desprezeis nenhum desses pequeninos, porque eu vos digo, os seus anjos no céu vêem sempre a face de meu Pai que está no céu* (Mt

18,10). E ainda conhecemos esta palavra: *O anjo do Senhor envolverá os que o temem e os salvará* (Sl 33,8). A esse respeito, também temos o episódio de Pedro, relatado nos Atos dos Apóstolos: *É o seu anjo* (At 12,15). O livro do Pastor nos dá uma informação completa acerca dos dois anjos (*Pastor de Hermas* II,6). Se, por um lado, consideramos o demônio que tenta o bem-aventurado Jó, por outro lado, vemos, com clareza, que este não conseguiu levá-lo ao pecado, apesar de todas as ciladas e instigações com que o assedia.

Por isso o diabo pede ao Senhor que lhe dê poder sobre ele. Pois sabe perfeitamente que a força de seu adversário não vem dele mesmo, mas da proteção do Senhor que sempre o defende. Lembremo-nos também do que foi dito sobre Judas: *O diabo esteja à sua direita* (Sl 108,6).

18 - *A diferença da maldade existente nos espíritos que nos são hostis é provada por dois filósofos*

Para nós, as experiências que dois filósofos fizeram, através da magia, sobre a inércia ou força dos demônios, podem ser bastante esclarecedoras. Alguns espíritos malignos, observando o bem-aventurado Antão com certo desdém, por se tratar de um homem ignorante e iletrado, à falta de outro recurso, resolveram expulsá-lo da cela, mediante certos artifícios mágicos e astúcias demoníacas. Para consegui-lo, enviaram-lhe espíritos de requintada perversidade, mordidos que estavam pela inveja, pois viam que ele atraía diariamente multidões de fiéis que o consideram um servo de Deus.

Mas aqueles espíritos ferocíssimos, ao se depararem com Antão que, ora se persignava na fronte, ora no peito e ora se inclinava em humilde súplica, retornam aos que os haviam enviado, sem causar mal algum ao ancião. Outros, ainda mais violentos, são também lançados contra ele e inutilmente pro-

curam atingi-lo. Alguns dos mais perniciosos se sucedem na missão de atacar o valente soldado de Cristo, mas, em vão, despendem suas forças e voltam sem qualquer resultado.

Tantas armadilhas preparadas com tais requintes de magia de nada serviram além de fazer brilhar a virtude singular inerente à profissão de fé cristã. Tais demônios cruéis e poderosíssimos, que os filósofos julgavam capazes até de escurecer o sol e a lua, se tal missão lhes fosse confiada, não somente não tiveram poder para causar o mínimo dano ao bem-aventurado Antão, como nem mesmo conseguiram fazê-lo sair do mosteiro por um instante sequer.

19 - *Os demônios nada podem fazer contra os homens se, primeiramente, não se apoderarem de suas mentes*

Profundamente impressionados, os dois filósofos dirigiram-se ao encontro do abade Antão e, revelando-lhe a gravidade dos assaltos que tramaram contra ele, confessaram-lhe que tais maquinações eram motivadas pela secreta inveja que dele sentiam. Disseram-lhe então que desejavam fazer-se cristãos imediatamente. O abade indagou deles o dia daqueles assaltos e informou-os de que, naquela ocasião, sofrera o mais doloroso embate espiritual.

Por tal experiência, o bem-aventurado Antão provou com clareza ser verdadeira a tese que expusemos com precisão e defendemos ontem em nossa conferência, isto é, que os demônios não têm o poder de ocupar a mente nem o corpo de qualquer homem e tampouco a capacidade de invadir o íntimo da alma de qualquer pessoa a menos que, primeiramente, a tenham destituído de todos os santos pensamentos, tornando-a completamente vazia de qualquer sinal de contemplação espiritual.

Todavia, convém saber que os espíritos imundos obedecem aos homens de dois modos: ou é a santidade dos fiéis que os

submete pela graça divina e a virtude, ou se deixam seduzir pelos sacrifícios dos ímpios e por certas encantações que lhes parecem amistosas lisonjas.

Foi esse tipo de ilusão que enganou os fariseus, fazendo-os pensar que era por tal artifício que o Senhor, nosso Salvador, submetia os demônios: *É por Belzebu, príncipe dos demônios, que ele expulsa os demônios* (Lc 11,15). Lembravam-se do costume, que bem conheciam, dos seus magos e feiticeiros que invocavam o nome de Belzebu e lhe ofereciam sacrifícios, que sabiam que lhe eram agradáveis, conquistando assim sua intimidade e adquirindo poder sobre os demônios a ele submetidos.

20 - *Indagação sobre os anjos apóstatas que, segundo o Gênesis, se uniram às filhas dos homens*

Germano: A citação do Gênesis, feita ainda há pouco, providencialmente, nos vem lembrar de um assunto que sempre desejamos muito conhecer: Que devemos pensar a respeito daqueles anjos apóstatas dos quais consta se terem unido às filhas dos homens? Pode isso ser aplicado literalmente a naturezas espirituais? (cf. Gn 6,2).

Quanto àquele testemunho evangélico que também citastes, acerca do diabo: *Porque ele é mentiroso e seu pai também* (Jo 8,44), gostaríamos igualmente de saber a quem se deve reconhecer como sendo seu pai.

21 - *Resposta à questão apresentada*

Sereno: Apresentais, a um só tempo, duas questões bastante difíceis. Responderei a ambas de acordo com minhas possibilidades e na ordem em que vós mesmos as colocastes: Em primeiro lugar, direi que de modo algum se deve acreditar

que naturezas espirituais possam ter comércio carnal com mulheres. Se, de fato, isso fosse interpretado ao pé da letra, por que não ocorreria de novo em nossos dias, ainda que raramente? Teríamos, assim, visto nascimentos provenientes de demônios e sem sêmen viril. E, principalmente, já que se comprazem com paixões vergonhosas, dariam preferência a praticarem tais atos por si mesmos e não a levar os homens a cometê-los. Pois eis o que afirma o Eclesiastes: *O que foi é o que será: o que acontece é o que há de acontecer. Não há nada de novo debaixo do sol. Se é encontrada alguma coisa da qual se diga: Veja, isso é novo, ela já existia nos tempos passados* (Ecl 1,9-10 – LXX). Mas eis a solução para a questão proposta. Após a morte do justo Abel, para que a raça humana não se originasse de um ímpio fratricida, nasceu Seth, não só para substituir o irmão falecido no lar paterno, como principalmente para herdar sua justiça e sua piedade. Os filhos de Seth foram fiéis a seu exemplo e evitaram qualquer sociedade ou aliança familiar com a linhagem do sacrílego Caim. Isso é atestado com clareza na diferença genealógica de um e de outro. Assim, pois, lemos no Gênesis: *Adão gerou Seth, Seth gerou Enos, Enos gerou Cainam, Cainam gerou Maleleel, Maleleel gerou Jared, Jared gerou Enoque, Enoque gerou Matusalém, Matusalém gerou Lameque, Lameque gerou Noé* (Gn 5,4-30). Contudo, a genealogia de Caim foi exposta à parte: *Caim gerou Enoque, Enoque gerou Cainam, Cainam gerou Maleleel, Maleleel gerou Matusalém, Matusalém gerou Lameque, Lameque gerou Jobel e Jubal* (Gn 4, 17-21). Assim, as gerações provenientes de Seth, o justo, não admitiram alianças fora de sua linhagem e de seu sangue e conservaram-se durante um longo tempo na fidelidade de seus ancestrais, contraindo sempre alianças dentro de sua linhagem e jamais se contaminando com os sacrilégios e os perversos descendentes da raça impiedosa que transmitia o germe do mal.

Enquanto perdurou aquela separação entre as raças, os

descendentes de Seth, dignos de sua nobre origem, mereceram graças à sua santidade a denominação de anjos de Deus ou, como declaram alguns textos, filhos de Deus. Ao contrário, os descendentes de Caim, em razão de sua impiedade ou da de seus pais e, devido às suas obras terrestres, foram chamados filhos dos homens.

Essa feliz e santa separação se manteve até que os filhos de Seth, que também eram os filhos de Deus, vendo as jovens que nasciam da raça de Caim, inflamados por sua beleza, começaram a tomar algumas como esposas. Essas, porém, contaminaram seus maridos com os vícios de seus pais e logo os corromperam, fazendo-os perder a santidade original e a simplicidade ancestral. É com muita propriedade que a eles se aplicam estas palavras da Escritura: *Sois deuses, filhos do Deus altíssimo! E, contudo, morrereis como homens, caireis como qualquer dos poderosos!* (Sl 81,6-7).

De fato, eles esqueceram aquela verdadeira filosofia natural herdada de seus pais, e que o primeiro homem, surgido logo após a instituição de todas as naturezas, pôde contemplar com absoluta clareza e transmitir à sua posteridade. Pois ele fora testemunha da infância do mundo, ainda tenra e palpitante em seu inédito frescor. E viu-se dotado de tal plenitude de sabedoria, agraciado com o dom da profecia infuso em tão alto grau pelo sopro divino, que, apesar de ser um habitante recém chegado a este mundo, impôs o nome a todos os animais, sendo capaz de discernir não só a ferocidade dos que eram selvagens e o veneno das serpentes, como também a virtude das plantas e das árvores, e ainda a natureza das pedras, chegando mesmo a conhecer, embora sem experiência, o ciclo das estações. E assim, pôde ele afirmar com toda a verdade: *Foi ele que me deu a verdadeira ciência de todas as coisas, quem me fez conhecer a constituição do mundo e as virtudes dos elementos, o começo, o fim e o*

meio dos tempos, a sucessão dos solstícios e as mutações das estações, os ciclos do ano e as posições dos astros, a natureza dos animais e os instintos das feras, os poderes dos espíritos, a força dos ventos e os pensamentos dos homens, a variedade das plantas e as propriedades das raízes. Tudo que está oculto e tudo o que está aparente eu conheço: porque foi a Sabedoria, criadora de todas as coisas, que mo ensinou (Sb 7,17-21 – LXX).

Essa ciência universal das naturezas foi transmitida à linhagem de Seth como uma tradição paterna enquanto conseguiu proteger-se da raça sacrílega. Com a mesma santidade com que a recebera, também ela a usava quer no culto divino, quer nas necessidades ordinárias da vida. Mas, por se ter esse povo depois mesclado com a raça ímpia, e também, por influência dos demônios, passou a utilizar para fins profanos e prejudiciais o que aprendera com piedade. E a partir daquela ciência, instituiu com virulência a estranha arte dos malefícios, dos artifícios e as práticas supersticiosas da magia, ensinando aos seus pósteros o abandono do santo culto da divindade para aderir à veneração dos elementos, do fogo e dos demônios do ar.

Como é que esse conhecimento das coisas ocultas não desapareceu com o dilúvio e chegou aos séculos seguintes?

A solução do problema que nos ocupa não está vinculada à resposta dessa nova indagação, todavia, já que a ocasião se apresenta, falarei também, embora sucintamente, a esse respeito. Segundo antigas tradições, Cam, filho de Noé, fora iniciado em tais superstições e artes sacrílegas e profanas. Sabendo que na arca, onde devia entrar com seu pai, que era um justo, e com seus virtuosos irmãos, não poderia introduzir um livro que conservasse a memória daquelas pérfidas tradições, esculpiu aquelas artes criminosas e invenções abomináveis em lâminas metálicas de diversos metais inatacáveis pela água.

Terminado o dilúvio, com o mesmo cuidado com que ocultara aquelas sementes sacrílegas e de perpétua perversidade, ele se pôs a procurá-las. E achando-as, transmitiu-as a seus descendentes. Eis, pois, o que há de verdadeiro na crença popular, segundo a qual foram anjos que ensinaram aos homens seus malefícios e diversas artes ocultas.

Da união dos filhos de Seth com as filhas de Caim nasceram filhos piores que seus progenitores. Foram robustos caçadores, homens violentos e belicosos, denominados gigantes pela enormidade de seus corpos e por sua ferocidade (cf.Gn 6,4). Tornaram-se os primeiros a praticar a pilhagem e a rapinagem contra seus vizinhos, preferindo viver do roubo que do suor de seu trabalho e do próprio esforço. A tal ponto cresceram seus crimes que o mundo não pôde ser purificado senão pelo dilúvio.

Obedecendo aos impulsos da paixão, os filhos de Seth transgrediram o mandamento que, por um instinto natural, haviam observado durante longo tempo, desde o princípio do mundo. Por isso, tornou-se necessário restabelecê-lo por escrito: *Não contrairás com elas* (com as filhas de Caim) *matrimônios, não darás tua filha a seus filhos, e não tomarás de suas filhas para teu filho. Pois elas afastariam do Senhor o teu filho, e seduziriam vossos corações para servirem e adorarem seus deuses* (Dt 7,3; Ex 34,16; 1Rs 11,2).

22 - *Objeção: Por que se pode imputar como culpa a união dos descendentes de Seth com as filhas de Caim, se ainda não fora proibida por uma lei explícita?*

Germano: Seria justo incriminar os filhos de Seth por sua presunção de se terem unido às filhas de Caim, se esse preceito já lhes tivesse sido dado. Mas, desde que nenhuma lei lhes prescrevia até então aquela separação, como imputar-lhes, como falta, alianças contra as quais não havia ainda nenhuma

interdição? A lei não condena os crimes passados, apenas os futuros.

23 - *Desde o início do mundo, os homens são passíveis de julgamento e de punição pela desobediência à lei natural*

Sereno: Deus, ao criar o homem, nele infundiu naturalmente toda a ciência da lei. Se ele a tivesse sempre observado, como era a vontade do Senhor e como o fizera até então, não seria necessário promulgar em seguida outra lei, ainda mais escrita. Seria supérfluo oferecer externamente um remédio que já atuava com eficácia na alma do homem. Mas, desde que a licenciosidade e o hábito do pecado alteraram significativamente aquela lei natural, a rigorosa disciplina da lei mosaica lhe foi acrescida para assegurar sua execução e sua fidelidade, ou, servindo-nos das próprias palavras da Escritura, como sua auxiliar a fim de que ao menos o temor do castigo presente impedisse os homens de extinguir completamente os benefícios da ciência natural. Como disse o profeta: *Deus deu a lei como ajuda* (Is 8,20 – LXX). Por sua vez, o Apóstolo no-la apresenta sob os traços de um pedagogo, destinado a formar e proteger os homens para que o esquecimento não os levasse a se afastarem da disciplina em que a natureza os havia educado (cf. Gl 3,24).

Que, desde a origem da criação, tenha sido infundida no homem toda a ciência da lei, atesta-o com evidência o fato de que todos os santos, mesmo antes da lei e do próprio dilúvio, terem observado os preceitos legais sem nenhum código escrito.

De fato, como poderia saber Abel, sem nenhuma prescrição explícita, que devia oferecer a Deus em sacrifício as primícias de seu rebanho e a gordura de suas ovelhas, se uma lei inata não o houvesse instruído? (cf. Gn 4,4). Como teria Noé distinguido, antes de qualquer norma legal, os animais puros dos impuros,

se uma ciência natural não lhe houvesse mostrado? (cf. Gn 7,2).

E Enoque, onde teria aprendido a caminhar com Deus se ninguém lhe comunicara as luzes da lei? (cf. Gn 5,22).

Onde Sem e Jafé teriam lido: *Tu não descobrirás a nudez de teu pai*? (Gn 9,23; Lv 18,7), para andarem de costas e cobrirem a nudez do pai? O que teria levado Abraão a recusar parte dos despojos do inimigo que lhe eram oferecidos (cf. Gn 14,22), para não receber a recompensa por seus trabalhos e pagar a Melquisedeque os dízimos prescritos pela lei de Moisés? (cf. Gn 14,20).

Quem o teria instruído? Quem teria ensinado a Abraão e também a Lot (cf. Gn 18-19), a prestarem os humildes serviços da hospitalidade aos peregrinos e viajantes, lavando-lhes os pés, quando não resplandecia ainda o mandamento evangélico? (cf. Jo 13,34). Onde Jó teria obtido uma fé tão amadurecida, tanta pureza na castidade, tanta ciência na humildade, na mansidão, na misericórdia e na hospitalidade? Já que agora mesmo não as vemos praticadas em tal grau, sequer por aqueles que sabem de cor o Evangelho? Acerca de que santo lemos que não tenha observado um único preceito da lei, mesmo antes que esta tenha existido? Não se conhece qualquer deles que não haja guardado as palavras do Deuteronômio: *Ouve, Israel, o Senhor é o único Senhor*? (Dt 6,4). Qual deles não cumpriu o seguinte mandamento: *Não farás imagem talhada, nem figura do que há no céu ou do que há na terra, ou do que há nas águas abaixo da terra*? (Ex 20,4). Quem dentre eles não obedeceu ao: *Honra a teu pai e a tua mãe*? (Ex 20,12). Ou aos outros preceitos que se encontram no Decálogo: *Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não darás falso testemunho, não cobiçarás a mulher do teu próximo*? (Ex 20,13-17), e outros ainda até maiores, com os quais eles se anteciparam não só à lei, mas até aos conselhos evangélicos?

24 - *Aqueles que pecaram antes do dilúvio foram castigados com justiça*

Daí, vemos que Deus desde o princípio criou todas as coisas com perfeição e, se estas tivessem permanecido no estado e na disposição em que as criou, jamais teria sido necessário acrescentar nada àquela ordenação inicial, como se fora uma organização deficiente ou imprevidente. Por isso, reconhecemos que foi devido a um justo julgamento que Deus castigou os que pecaram antes da Lei, até mesmo antes do dilúvio, porque transgrediram a lei natural, o que os deixa sem nenhuma desculpa. Nós, porém, não seremos coniventes com aquela calúnia blasfema dos que, ignorando esse motivo que expusemos, rebaixam o Deus do Antigo Testamento e, desprezando a nossa fé, escarnecem, dizendo: "Por que aprouve a vosso Deus promulgar, após o decurso de tantos séculos, uma lei que até então fora omitida? Se algo de melhor aconteceu no perpassar dos anos, é evidente que, na origem do mundo, Ele teve planos menos sábios e menos perfeitos e que, depois, então, como que instruído pela experiência, começou a conceber projetos mais aprimorados para o futuro, corrigindo, assim, suas primeiras concepções."

Tais afirmações, de modo algum, se podem adequar à infinita presciência de Deus. Nem a insana heresia proferir tais blasfêmias. Pois, como diz Eclesiastes: *Reconheci que tudo o que Deus fez subsistirá sempre, sem que se possa acrescentar nada, sem nada suprimir* (Ecl 3,14 – LXX). É por isso que *a Lei não foi dada para os justos, mas para os injustos e insubmissos, os ímpios e os pecadores, os criminosos e profanos* (1Tm 1,9). Instruídos em uma doutrina sadia e íntegra, pela lei natural que lhes era inerente, aqueles primeiros homens não necessitavam de uma lei extrínseca e confiada às letras, a qual não lhes fora dada senão como auxílio à lei natural. Daí se deduz que essa lei

escrita não lhes devia ser entregue, logo no princípio, por ser então supérflua, uma vez que já estava vigente a lei natural ainda não completamente violada. Por outro lado, a perfeição evangélica não lhes podia ser revelada antes que aprendessem a observar a lei natural. De fato, como poderiam eles ouvir: *Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda*? (Mt 5,39). Pois os que não se satisfaziam em vingar as injúrias pela lei de talião, reagiam a um leve tapa com pontapés e ferimentos infligidos pelas armas, chegando por causa de um dente a tirar a vida aos que os agrediam.

Impossível também dizer-lhes: *Amai os vossos inimigos* (Mt 5,44). Pois, já eram considerados extremamente virtuosos os que amavam os próprios amigos e os que, em relação aos inimigos, se contentavam em evitá-los e em afastar-se deles com ódio, sem atacá-los ou tirar-lhes a vida.

25 - *Como se deve entender a palavra evangélica: O diabo é mentiroso como seu pai*

Tratarei agora daquela palavra do Evangelho que tanto vos impressionou: *O diabo é mentiroso como seu pai* (Jo 8,44). É totalmente contrário ao bom senso suspeitar, mesmo de modo superficial, que o Senhor tenha dito que o demônio e seu pai são igualmente mentirosos. Como foi visto há pouco, o espírito não pode gerar espírito. Nem uma alma é capaz de procriar outra alma. Apesar de não haver dúvida de que a carne, à qual a alma está unida, seja proveniente do sêmen humano.

O Apóstolo distingue perfeitamente as duas substâncias de que o homem é formado, estabelecendo com precisão a origem de cada uma: *Assim, como respeitávamos nossos pais humanos que foram nossos educadores, será que não devemos nos submeter muito mais ao Pai espiritual para recebermos a*

vida? (Hb 12,9). Poderia haver algo mais claro do que essa distinção?

Os homens são os pais de nossa carne, enquanto Deus é o único pai de nossas almas. Embora devamos reconhecer que na formação do corpo humano o homem tem apenas uma função instrumental, podemos afirmar que a nossa criação é devida essencialmente a Deus, Criador de todas as coisas. Como diz Davi: *As tuas mãos me criaram e me modelaram* (Sl 118,73). E o bem-aventurado Jó também falou: *Não me derramaste como leite e me coalhaste como queijo, de ossos e nervos me teceste* (Jó 10,10-11 – LXX). E enfim disse o Senhor a Jeremias: *Antes que eu te houvesse formado no seio materno, já te conhecia* (Jr 1,5).

Por sua vez o Eclesiastes considera a natureza e a origem de cada substância, examinando o início e o princípio de que cada uma provém e ainda o fim a que ambas tendem para concluir, com bastante propriedade: *Que o pó retorne à terra para se tornar o que era, e antes que o espírito retorne a Deus que é seu autor* (Ecl 12,7 – LXX). Seria possível falar com maior clareza? A matéria da carne, a que chama pó, porquanto provém do sêmen masculino, e parece ser semeada por intermédio do homem, volta à terra, tendo sido dela retirada. Mas o espírito, ao contrário, que não é gerado pela união de dois sexos, porque é unicamente dom de Deus, volta a seu autor. É isso que significa aquele sopro pelo qual Deus animou o corpo de Adão. Por esses testemunhos, deduzimos com segurança que ninguém se pode imputar pai dos espíritos, senão unicamente Deus, que os faz do nada quando lhe apraz, pois os homens só podem ser considerados pais de nossa carne. O diabo, portanto, enquanto foi criado como espírito ou anjo, é originariamente bom, e não teve outro pai senão Deus, seu criador. Mas, ao encher-se de soberba, disse em seu coração: *Elevar-me-ei acima das nuvens e serei semelhante ao Altíssimo* (Is 14,14). Tornou-se, pois, mentiroso *e não permaneceu na verdade* (Jo 8,44).

Ao tirar, porém, a mentira de seu próprio repositório de iniqüidades, o diabo torna-se mentiroso e pai da mentira. É o que ele prova ao oferecer ao homem a divindade: *Sereis como deuses* (Gn 3,5). Não permanecendo na verdade, mas se transformando desde cedo em homicida, tanto ao introduzir Adão na condição de mortal, como também ao instigar o crime, acaba levando Abel à morte, pela mão de Caim.

Mas o despertar da aurora põe fim a nossa dissertação – que já se prolonga por duas noites – e a temas tão vastos e profundos como o abismo dos mares. Minha rusticidade, impondo-me limites, traz-me de volta ao silêncio, como a um porto tranqüilo e seguro. Quanto mais o sopro interior do Espírito divino nos levar a essas profundezas, tanto mais se abriria a nossos olhos a sua imensidade. Segundo a palavra de Salomão: (A Sabedoria) *se torna mais distante do que era, e esta grande profundidade quem a atingirá?* (Ecl 7,24 – LXX). Roguemos, pois, ao Senhor que o seu temor e sua inexaurível caridade permaneçam indeléveis em nós (cf. 1Cor 13,8), fazendo-nos sábios em todas as coisas e protegendo-nos sempre contra os dardos do demônio. Pois o que faz a diferença entre perfeitos e imperfeitos é que naqueles a caridade se acha profundamente radicada e, tendo alcançado um grande grau de maturidade, os mantém mais firmes e seguros na santidade, nestes, porém, ela se encontra menos fortemente arraigada e mais frágil, deixando-os enredar-se mais depressa e mais freqüentemente nos laços do pecado.

Após a conferência que acabávamos de ouvir, ficamos tão inflamados por aquelas palavras, que nossa sede de uma doutrina de tal plenitude era ainda mais ardente ao deixarmos a cela do ancião, que quando ali havíamos chegado.

IX

PRIMEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE ISAAC

A Oração

1 - *Introdução à conferência*

As conferências do venerável abade Isaac, que ora apresentamos, vêm, com a ajuda do Senhor, dar cumprimento à promessa, feita no final do segundo livro das *Instituições* sobre a necessidade da oração permanente e contínua. Revelando-as, tenho esperança de satisfazer tanto as ordens do bispo Castor, de feliz memória, quanto o vosso desejo, bem-aventurado bispo Leôncio e venerável irmão Heládio. Antes do mais, porém, quero desculpar-me pela vastidão da obra. Embora me tenha empenhado para torná-la mais concisa, e até omitido muitas coisas, estendi-me além do que havia estipulado. De fato, o bem-aventurado Isaac, após ter tratado copiosamente de diversos costumes, que preferi resumir para não tornar este relato demasiado prolixo, assim terminou sua palestra:

2 - *Palavras do abade Isaac sobre a qualidade da oração*

Toda a finalidade do monge, bem como a perfeição de seu coração tendem a uma contínua e ininterrupta perseverança na oração. E, tanto quanto lhe permite a fragilidade humana, o mon-

ge procura alcançar uma inalterável tranqüilidade e uma permanente pureza de alma. E é esse o motivo que nos leva a enfrentar não só o trabalho corporal como ainda a contrição do coração que procuramos praticar com indefectível empenho. Na realidade, entre essas duas atitudes existe um vínculo recíproco e indissolúvel. Pois, assim como toda a estrutura das virtudes tem como escopo a perfeição da oração, assim, também, sem essa meta que mantém reunidas todas essas partes, isto é, as virtudes, nada permanecerá firme e estável. De fato, sem a prática das virtudes, não se pode adquirir nem assegurar essa constante tranqüilidade da oração de que falamos. Mas também em contrapartida, as virtudes que predispõem à oração, sem a fidelidade a esta, jamais chegarão à sua perfeição. Assim sendo, não poderemos, com improvisado discurso, tratar corretamente da eficácia da oração, nem atingir seu fim principal, que supõe a prática das virtudes, a não ser que, preliminarmente, examinemos, por ordem, os obstáculos que devem ser vencidos e os preparativos que devem ser feitos para a sua obtenção. Instruídos pela parábola evangélica (cf. Lc 14,28), compete-nos, primeiramente, avaliar e reunir tudo quanto se fizer necessário para a construção daquela elevada torre espiritual.

Contudo, os materiais assim preparados de nada nos serviriam, incapazes que seriam de sustentar a cúpula sublime da perfeição, sem um trabalho anterior, que consiste em remover todos os nossos vícios e desenterrar de nossa alma os resquícios e as ruínas das paixões. Depois, lançando-se sobre a terra viva e sólida de nosso coração, – como se costuma dizer – ou melhor, sobre aquela rocha de que fala o Evangelho (cf. Lc 6,48), os inabaláveis alicerces da simplicidade e da humildade, essa torre de nossas virtudes se poderá erigir, de maneira indestrutível e segura e, em virtude de sua própria solidez, elevar-se até o mais alto dos céus.

Edificada sobre tais fundamentos, mesmo que se precipite sobre ela o dilúvio das paixões, ou, como um aríete, se abatam em cima dela as violentas torrentes das perseguições, ou, ainda, que se choquem contra ela espíritos hostis, nada fará com que se desmorone, ou mesmo, seja abalada.

3 - *De que modo a oração deve tornar-se pura e sincera*

Para que a oração possa alcançar o grau de fervor e pureza que lhe convém, cumpre-nos observar algumas normas. Primeiramente devemos abolir por completo qualquer preocupação relativa às tendências carnais. Em seguida, urge que não aceitemos, – já não digo – qualquer solicitude – mas até mesmo a lembrança de qualquer atividade ou interesse profano. De maneira idêntica, é imprescindível renunciar às maledicências, às palavras vãs, às tagarelices, aos gracejos. E, antes de mais nada, suprimir com intolerância, os impulsos da cólera e as demonstrações de tristeza. É preciso também erradicar completamente o foco pernicioso da concupiscência carnal e da ambição do dinheiro.

Assim, profundamente erradicados e extirpados esses e outros vícios semelhantes, que nem mesmo ao olhar humano podem passar despercebidos; após a purificação que estabelecermos, e que se concretiza pela pureza e a simplicidade da inocência, é necessário lançar primeiramente, os inabaláveis fundamentos de profunda humildade capazes de sustentar a torre que elevará sua cúpula até os céus.

Sobre esta, colocar-se-á o edifício espiritual das virtudes, impedindo-se à alma qualquer escapada que a leve a divagações e pensamentos sensuais, para que assim, ela comece a se elevar paulatinamente até a contemplação de Deus e à intuição das realidades espirituais.

De fato, tudo aquilo que nossa alma engendrar antes da hora da oração, nos será infalivelmente representado, pela memória, enquanto oramos. Por conseguinte, tais como desejamos ser durante a oração, urge que o sejamos também antes da oração. Pois é de nossas condições anteriores que depende o estado de nossa alma durante a oração.

Ao nos prostrarmos para rezar, atos, palavras e sentimentos ressurgem – como um prelúdio aos olhos de nossa imaginação, idênticos aos que aceitávamos anteriormente, suscitando, de acordo com o que sentíamos então, a cólera ou a tristeza, ou ainda, a recordação de nossas concupiscências e de nossa irascibilidade. Por isso, às vezes, – e envergonha-me dizê-lo – apresentamos um sorriso tolo à lembrança de algum gracejo ou palavra inconveniente, porque nosso pensamento se pôs de novo a revolutear pelos antigos devaneios.

Assim, tudo quanto nos pareça indesejável e inoportuno durante a oração devemos apressar-nos a rejeitar com empenho, no tempo mesmo que a precede, para que possamos observar o preceito do Apóstolo: *Orai sem cessar* (1Ts 5,17). E ainda: *Que os homens orem em todo lugar, erguendo mãos santas, sem ira e sem animosidade* (1Tm 2,8). Mas nunca nos tornaremos capazes de atender a esta admoestação se nossa alma purificada de todo contágio com o vício e totalmente entregue às virtudes, como a seu estado natural, não se nutrir continuamente da contemplação do Deus onipotente.

4 - *A mobilidade da alma comparada com uma pena ou com uma pequena asa*

A alma, com bastante propriedade, poderia ser comparada a uma pena sutil ou a uma asa levíssima. Se nenhuma umidade exterior chegar a maculá-la ou impregná-la, a mobilidade inerente à sua substância fará com que, à menor aragem, ela se eleve

naturalmente para as alturas celestiais. No entanto, se porventura, for penetrada por respingos de qualquer líquido, tornar-se-á pesada e, ao invés dos arroubos celestiais, sua mobilidade infiltrada de líquido irá puxá-la até a terra.

A mesma coisa se observa em relação à nossa alma. Se os vícios e interesses do mundanos não vêm sobrecarregá-la, ou se não for maculada pela paixão pecaminosa, elevar-se-á, pelo privilégio natural de sua pureza, ao mais leve sopro da meditação espiritual, ascendendo às alturas e desprezando as coisas rasteiras e terrenas erguer-se-á até as alturas celestes e invisíveis.

É, portanto, diretamente a nós que se dirige a advertência do Senhor: *Cuidado para que os vossos corações não fiquem pesados pela devassidão, pela embriaguez, pelas preocupações da vida* (Lc 21,34).

Assim, caso desejemos que nossas orações cheguem até os céus e penetrem mesmo além deles, empenhemo-nos para libertar nossa alma de todo vício, purifiquemo-la de toda escória da sensualidade a fim de restituí-la à sua natural subtileza. Aí, nossa oração, livre do peso morto dos vícios, será capaz de subir até Deus.

5 - *Causas que oneram a alma*

Todavia, observemos com cuidado quais as causas que o Senhor aponta como responsáveis por onerar a alma. Ele não mencionou adultérios, fornicações, homicídios, blasfêmias, ou roubos. Ninguém ignora que tais pecados levam à morte e à condenação. Mas ele se referiu à devassidão, à embriaguez, aos cuidados e às preocupações mundanas. Contudo, quanto a essas, não só as pessoas que vivem no mundo não as evitam, – chego até a envergonhar-me ao mencionar – mas até alguns, que se ufanam do nome de monge, se entretêm com esses divertimentos

como se fossem inofensivos ou mesmo de alguma utilidade.

Compreendidos ao pé da letra, esses três vícios tornam a alma pesada, pois a afastam de Deus e a inclinam às coisas terrestres. No entanto, não é difícil evitá-los, principalmente em nossa condição, já que tão longa distância nos separa da vivência mundana e em nenhuma ocasião somos obrigados a nos preocupar com os interesses visíveis ou mesmo com os excessos na comida ou bebida.

Mas há também uma embriaguez não menos funesta, um inebriar-se espiritual, ainda mais difícil de ser evitado; e um outro tipo de interesses e solicitudes temporais. E mesmo após termos renunciado a todos os nossos bens, na completa abstinência de vinho e de iguarias em que vivemos, e até mesmo em meio à nossa solidão, elas freqüentemente nos envolvem. É, pois, a respeito de tais coisas que diz o profeta: *Despertai, vós que estais ébrios, mas não de vinho* (Jl 1,5 – LXX). E outro também diz: *Enchei-vos de pasmo. Sim, ficai pasmos. Cegai-vos, sim, ficai cegos. Embriagai-vos, mas não por vinho. Cambaleai, mas não por causa da bebida forte* (Is 29,9). Assim, o vinho que provoca essa embriaguez, outra coisa não poderá ser senão o *furor dos dragões* (Dt 32,33 – LXX) de que fala o profeta. E observai de que raiz provém essa bebida: *Pois sua vinha é vinha de Sodoma e vem das plantações de Gomorra; suas uvas são uvas venenosas e seus cachos são amargos* (Dt 32,32 – LXX).

Sim, se não nos purificarmos completamente de todos os vícios e não nos tornarmos isentos da sordidez das paixões, certamente foi em vão que nos abstivemos dos excessos da comida e da bebida, pois nosso coração carrega o peso de uma embriaguez e de uma saciedade ainda mais funesta.

E o que nos vem provar que as preocupações com a vida presente podem ainda se abater sobre nós, que praticamente não nos imiscuímos nas atividades mundanas, é a regra pro-

posta pelos anciãos na qual declaram que tudo quanto excede às necessidades da vida cotidiana e às estritas exigências do corpo, deve ser considerado solicitude e preocupação mundanas.

6 - *A visão que um ancião teve acerca da operosidade descontrolada de um irmão*

Que os demônios são os instigadores de tais excessos é o que nos ensina uma experiência irrefutável.

Um ancião dos mais experientes, ao passar perto da cela de certo irmão, observou que este estava acometido da doença a que aludimos, pois não se passava sequer um dia sem que ele, agitado, não se afadigasse na construção ou reparação de coisas supérfluas. De longe o ancião o viu tentando quebrar um bloco de pedra duríssimo, com um martelo muito pesado, tendo a seu lado um etíope que, com as mãos entrelaçadas nas dele, ajudava-o a desfechar as marteladas e o instigava a esse trabalho com tochas de fogo. Por muito tempo deteve-se o ancião, impressionado com a crueldade dos ataques demoníacos e a imensa ilusão em que o irmão se deixava enredar.

Como o irmão, exausto pelo excesso de trabalho, procurasse descansar, pondo fim à obra, o demônio novamente o instigava, forçando-o a pegar mais uma vez o martelo e a recomeçar, com a mesma urgência, o trabalho ininterrupto. Assim, sucessivamente incitado, o irmão não sentia o peso de tal labor.

Então, profundamente emocionado pelo cruel embuste do demônio, o ancião, desviando-se de seu caminho, vai até a cela do irmão e saudando-o lhe diz: "Que tipo de trabalho é esse que estás fazendo?" E o irmão responde: "Trabalhamos neste bloco de pedra duríssimo, e foi com imenso esforço que pudemos partilo". E o ancião, em resposta: "Bem disseste 'pudemos' pois não o partiste sozinho, contigo estava um outro a quem não viste. E

que, neste trabalho, não só te ajudava como também com a maior violência te instigava a prossegui-lo".

Portanto, para demonstrar que nossa alma não está imune a essa doença dos interesses mundanos, não será suficiente que nos mantenhamos afastados de negócios que fogem ao nosso âmbito e dos quais, mesmo que quiséssemos, não nos seria possível tratar. Nem tampouco desprezar aquilo ao qual, se nos apegássemos, nos denunciaria não só aos homens espirituais como também aos homens notáveis do mundo. Mas o que demonstraria nossa liberdade em relação a tais interesses seria poder afastar com inflexível determinação tudo quanto realmente está a nosso alcance e poderíamos mascarar com um honesto pretexto.

Poderíamos julgar que tais coisas não passam de ninharias sem a menor conseqüência e que homens da nossa profissão as admitem sem remorsos. Mas, na realidade, tais "ninharias," por sua natureza, não sobrecarregam menos nossa alma, do que outros interesses mundanos mais importantes, que, em virtude de sua condição, costumam inebriar os sentidos das pessoas mundanas. Tais bagatelas não permitem que o monge, purificado de toda escória terrena, se eleve até Deus, em quem deve ter sempre fixada a atenção de seu espírito. Pois, para o monge, a mínima separação desse Bem supremo deve parecer uma verdadeira morte e o mais funesto dos fins.

Quando a alma, estabilizada nessa tranqüilidade e liberada de todos os liames das paixões carnais, fixar a intenção do coração naquele único e sumo Bem aí, então, se estará cumprindo o preceito do Apóstolo: *Orai sem cessar* (1Ts 5,17). E ainda: *Que os homens orem em todo lugar, erguendo mãos santas, sem ira e sem animosidade* (1Tm 2,8).

É que, na verdade, a alma, deixando-se absorver assim por essa pureza, e restaurada segundo um modelo angélico e

espiritual, passará a transformar todas as suas impressões, todos os seus atos em puríssima e verdadeira oração.

7 - *Pergunta-se: Será mais difícil conservar os bons pensamentos ou concebê-los?*

Germano: Oxalá pudéssemos conservar os pensamentos espirituais com a mesma facilidade com que os concebemos. Mal, porém, nosso coração os concebeu, graças à lembrança de uma palavra da Escritura ou de alguma ação meritória ou, ainda, pela contemplação dos mistérios celestes, eles escapam numa fuga insensível, esvaindo-se imediatamente. Se nosso espírito, depois, descobre novas ocasiões de elevação espiritual, de repente reaparecem as distrações e aqueles bons pensamentos, que tínhamos conseguido reter, por sua vez esquivam-se numa lúbrica volubilidade. A alma, incapaz de se fixar, não consegue dar consistência aos santos pensamentos. E, mesmo quando parece retê-los, acaba por pensar que ela os concebeu fortuitamente e não por algum merecimento.Com efeito, como acreditar que deveríamos atribuí-los à nossa livre vontade, quando sequer somos capazes de conservá-los? Receio, porém, que o exame dessa questão não nos afaste por demais de nosso assunto e não retarde excessivamente os esclarecimentos prometidos a respeito da natureza da oração. Portanto, deixemo-lo para mais tarde e instantemente pedimos que neste momento nos dês instruções acerca da natureza da oração, mesmo porque o bem-aventurado Apóstolo nos adverte a jamais interrompê-la, quando diz: *Orai sem cessar* (1Ts 5,17). Assim, nosso desejo primordial é que nos ensines qual a natureza e quais são as qualidades de que se deve sempre revestir a oração. Depois, nos dirás os meios de que devemos lançar mãos para nela perseverar, tornando-a ininterrupta. Um coração que pouco se empenhe em praticá-la, jamais poderá alcançá-la. Isso nos é demonstrado não só pela

experiência diária como também pelas reflexões que fizeste sobre esse tema e nas quais ficou demonstrado que a finalidade do monge e o cume de toda perfeição tem seu fundamento na perfeição da oração.

8 - *Resposta: As diferentes modalidades de prece*

Isaac: Considero impossível, sem uma absoluta pureza de coração e uma iluminação especial do Espírito Santo, poder compreender todas as formas de prece. Elas são tão numerosas que podem ser encontradas em uma só alma e também em todas as almas, segundo os estados e disposições de cada uma. E assim, embora saibamos que a insensibilidade de nosso coração não nos permite perceber todas elas, tentaremos, no entanto, descrevê-las, na medida de nossa medíocre experiência.

A oração se modifica a todo instante, conforme o grau de pureza em que a alma se encontra e, também, segundo a disposição natural do momento. Seja tal disposição fruto de influências estranhas ou de sua própria operosidade, o certo é que ninguém pode orar continuamente de maneira idêntica. A oração é uma quando estamos felizes e outra quando nos sentimos deprimidos pela tristeza ou pelo desespero. A oração não é a mesma, se vivemos num estado de euforia por uma vida espiritual realizada, ou se estamos passando por violentas tentações; não é igual se imploramos o perdão de nossas faltas ou se pedimos uma graça, uma virtude, ou a cura de um vício; não é idêntica se nos achamos compungidos pelo pensamento do inferno e o medo do julgamento, ou se nos encontramos cheios de fervor pela esperança e o desejo dos bens eternos; será diferente se nos sentimos inundados pela revelação dos mistérios celestes ou paralisados pela esterilidade na virtude e a aridez de pensamentos.

9 - *As quatro modalidades de prece*

Falei sobre as diferentes espécies de prece, não tão extensamente quanto exigia a amplidão do assunto, mas na medida da exigüidade do tempo disponível e da limitada penetração de nossa inteligência e da falta de sensibilidade de nosso coração. Eis-nos pois, agora, diante da maior dificuldade, ou seja, explicar cada uma das diversas modalidades de prece que, segundo o Apóstolo, são quatro: *Recomendo-vos, antes de tudo, que se façam súplicas, promessas* (*orações votivas*), *intercessões e ações de graças* (1Tm 2,1).

Uma vez que parece fora de dúvida não se tratar de uma divisão arbitrária do Apóstolo, devemos, prioritariamente, indagar em que acepção convém entender as seguintes denominações: súplicas, orações votivas, intercessões e ação de graças. A seguir, examinaremos se o orante deve assumir essas quatro espécies simultaneamente, de modo que estejam sempre e em qualquer condição presentes em sua oração ou se ele deve apresentá-las separadamente, cada uma ao seu tempo. Então haveria uma ocasião apropriada para as súplicas, outra, para as orações votivas, um dia para as intercessões, outro, para a ação de graças? Ou determinada pessoa faria as súplicas, enquanto outra se dedicaria à ação de graças? Um faria as intercessões, enquanto outro se encarregaria da ação de graças? E isso se daria, segundo a capacidade que cada alma consegue atingir em virtude de seu fervor e de seu empenho?

10 - *A ordem das diversas modalidades de prece*

Primordialmente devemos examinar qual o sentido exato desses termos e que diferença existe entre súplica, promessa, intercessão e ação de graças. Depois é igualmente necessário que se discuta se tais formas de oração devem ser praticadas

concomitantemente ou cada uma a seu tempo. Em terceiro lugar, convém investigar se a ordem estabelecida pela autoridade do Apóstolo contém ainda algum ensinamento especial para os fiéis, ou, ao contrário, se convém encará-la com simplicidade e julgar que o Apóstolo não teve, ao indicá-la, nenhuma intenção particular. Essa última hipótese parece-me bastante absurda, pois não é crível que o Espírito Santo, ao falar pela boca do Apóstolo, o tenha feito aleatoriamente e sem motivo. Iremos, pois, retomar cada uma dessas formas, na ordem já indicada, e delas trataremos conforme a graça que Deus nos conceder.

11 - *As súplicas*

Recomendo-vos, antes de tudo, que se façam súplicas. A súplica é o grito, a prece do pecador tocado pela compunção que implora o perdão por suas faltas presentes e passadas.

12 - *A promessa ou oração votiva*

A oração votiva ou promessa é o ato pelo qual oferecemos ou prometemos alguma coisa a Deus. Os gregos a denominam εὐχή, isto é, voto, onde se lê em grego, τὰς εὐχάς μου τῷ Κυρίῳ ἀποδώσω, lemos em latim: *Vota mea Domino reddam*, que significa: cumprirei minhas promessas ao Senhor. E, ao pé da letra, equivaleria a "Cumprirei as orações prometidas ao Senhor". O que, por sua vez, corresponde às palavras do Eclesiastes: *Se fizeres uma promessa ao Senhor, não tardes a cumpri-la* (Ecl 5,3 – LXX). Em grego, corresponde, como vimos acima a: Ἐὰν εὔξῃ εὐχὴν τῷ Κυρίῳ, isto é, se fizeres uma promessa ao Senhor, não tardes a cumpri-la. Quanto a nós, vejamos como observar tal preceito. Prometemos, quando renunciamos ao mundo e nos comprometemos a morrer solenemente para todas as atividades e vivências mundanas a fim de servir ao Senhor.

Prometemos, quando, após termos desprezado todas as honras do século e renunciado às riquezas terrenas, aderimos ao Senhor, na perfeita contrição do coração e na pobreza de espírito. Prometemos, quando fazemos voto de observar a mais pura castidade do corpo e uma inalterável paciência e ainda nos empenhamos em arrancar completamente de nosso coração as raízes da ira ou da tristeza causadora da morte. Mas se, infiéis a nossos votos, nos deixamos invadir pelo relaxamento e voltamos aos antigos vícios, seremos culpados por faltar a nossas promessas e votos e dir-se-á de nós: *Melhor é não fazer votos do que fazê-los e não cumpri-los.* O que no grego assim se exprimiria: *Mais vale não fazer promessas, do que fazê-las e não cumpri-las* (Ecl 5, 4).

13 - *A intercessão*

Em terceiro lugar vêm as intercessões, que são as preces que, enquanto estamos com o espírito cheio de fervor, fazemos pelos outros, seja que as façamos pelos nossos entes queridos, seja pela paz do mundo, seja enfim, para nos servirmos das palavras mesmas do Apóstolo, por toda a humanidade, pelos reis, pelas autoridades e por todas as pessoas constituídas em dignidade.

14 - *A ação de graças*

Em quarto lugar temos a ação de graças. Trata-se, aqui, da prece que a alma com inefáveis arrebatamentos dirige ao Senhor, quando relembra os benefícios com que Deus a cumulou no passado e no presente, e considera, ainda, a infinita recompensa futura preparada por Deus para aqueles que o amam. Com tal disposição do espírito, as orações se tornam às vezes ainda mais fervorosas porque, contemplando com um olhar pu-

ríssimo as recompensas reservadas aos santos no futuro, o coração se sente impelido a dirigir-se a Deus com sentimentos de imensa alegria.

15 - *Discute-se se tais formas de oração são necessárias a todos e devem ser rezadas concomitantemente ou se separadas e individualmente*

Essas quatro modalidades de prece constituem fontes fecundas de oração. Com efeito, da súplica que nasce da compunção dos pecados, da promessa que brota da pureza de consciência, da lealdade nas ofertas no cumprimento dos votos, da intercessão que provém do ardor da caridade, e da ação de graças que se origina da contemplação dos benefícios de Deus, de sua grandeza e de sua bondade, jorram muitas vezes preces fervorosas e cheias de ardor.

É fora de dúvida que todas elas podem ser úteis e mesmo indispensáveis para cada pessoa. E podemos observar a mesma pessoa, de acordo com seus diferentes estados de alma, escolher ora a súplica, ora as promessas, ora as mais puras e fervorosas intercessões.

No entanto, a súplica parece convir mais especialmente aos principiantes, que ainda estão presos aos espinhos e à memória de seus antigos vícios. A segunda forma, por sua vez, parece ser mais usada por aqueles que, já tendo feito algum progresso na vida espiritual e se empenhado na prática das virtudes, asseguraram-se certa elevação do espírito; a terceira seria a forma de oração dos que, tendo já cumprido plenamente a exigência de seus votos, sentem-se inspirados pela caridade, ante a fragilidade de seu próximo, a interceder por ele.

Quanto à quarta, é o apanágio daqueles que, tendo arrancado do coração o doloroso espinho do remorso, na tranqüilidade da alma purificada, recordam a generosidade e a miseri-

córdia com que o Senhor os cumulou no passado, lhes concede no presente, e lhes prepara no futuro, assim, com o coração abrasado, se sentem atraídos por aquela oração inflamada, incompreensível e inexprimível pela linguagem humana.

Acontece, no entanto, que a alma que alcançou esse verdadeiro estado de pureza, e nele já começou a se radicar, concebendo, ao mesmo tempo, todas as formas de oração, esvoaça, de uma para a outra, à semelhança de uma chama irreprimível e voraz, extravasando, diante de Deus orações puríssimas e inefáveis, inspiradas pelo Espírito Santo, que, mesmo sem o nosso conhecimento, as apresenta a Deus com gemidos inenarráveis. O orante, então, concebe e deixa transbordar de seu coração, em um único instante, inefável profusão de súplicas tão fervorosas que, em outro momento, não poderia exprimir, já não digo em palavras, mas nem mesmo revivê-las na lembrança. Pode ainda acontecer que alguém alcance um estado elevadíssimo de pureza e intensidade na oração, em qualquer grau que esteja, mesmo no primeiro e mais humilde, e que consiste na meditação do julgamento futuro. Pois, ao mesmo tempo em que a alma apavorada treme, ao pensar no castigo reservado aos culpados, experimenta um profundo sentimento de compunção.

Da abundância de sua súplica, jorra a alegria do espírito, inundando-a, não menos intensamente do que aquela que, no esplendor de sua pureza, contempla os benefícios de Deus plenificando-se de alegria e felicidade inexprimíveis. Pois, de acordo com a palavra do Senhor ela começa a amar mais porque sabe que muito lhe foi perdoado (cf. Lc 7,47).

16 - *Que modalidades de oração devemos preferir?*

Todavia, perseguindo nosso progresso espiritual e o aperfeiçoamento nas virtudes, devemos procurar as formas de

oração que se inspiram na contemplação dos bens futuros e no ardor da caridade ou, exprimindo-nos de uma maneira mais modesta, e mais adequada à compreensão dos principiantes, conviria que nos iniciássemos naquelas formas que brotam do desejo de adquirir uma virtude ou de extirpar algum vício. De fato, nenhum outro caminho nos levará aos sublimes pináculos da oração, que já mencionamos, se não experimentarmos, primeiramente, aquelas formas de súplicas, crescendo, depois, paulatina e insensivelmente para experiências mais elevadas.

17 - *As quatro formas de oração oferecidas pelo Senhor*

O próprio Senhor se dignou formular para nós essas quatro formas de oração, dando-as como exemplo, para que se cumprisse o que dele se diz nos Atos dos Apóstolos: *Fiz meu relato a respeito de todas as coisas que Jesus fez e ensinou desde o início* (At 1,1). De fato, trata-se de uma súplica, quando Jesus pronuncia as seguintes palavras: *Pai, se é possível afasta de mim este cálice* (Mt 26,39). Ou estas que o salmista coloca em seus lábios: *Meu Deus, meu Deus, olha para mim, por que me abandonaste?* (Sl 21,2). E, em outras ocasiões semelhantes. E também prometeu: *Eu te glorifiquei na terra, concluí a obra, que me encarregaste de realizar* (Jo 17,4) ou ainda: *E, por eles, a mim mesmo me santifico, para que sejam santificados na verdade* (Jo 17,19).

Constituem ainda uma súplica estas palavras do Senhor: *Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que contemplem minha glória que me deste, porque me amaste antes da criação do mundo* (Jo 17,24). E mais: *Pai, perdoai-lhes porque eles não sabem o que fazem* (Lc 23,34).

Mas pronuncia uma ação de graças, ao dizer: *Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra porque ocultaste essas coisas*

dos sábios e dos doutores e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado (Mt 11,25-26). E também quando assim se exprimiu: *Pai, dou-te graças porque me ouviste. Eu sabia que sempre me ouves* (Jo 11,41-42).

Mas apesar de estabelecermos essas quatro modalidades de prece, que podem ser praticadas separadamente e em ocasiões diversas, o Senhor nos mostrou também por seu exemplo, que podem ser todas reunidas em uma oração perfeita como a que lemos no final do Evangelho de João (cf. Jo 17) e na qual ele fez transbordar a plenitude de sua alma. O texto, demasiado longo para ser transcrito, pode ser conferido pelo pesquisador cuidadoso.

É também essa a idéia do Apóstolo, quando na Epístola aos Filipenses, cita em ordem um pouco diferente essas quatro modalidades de oração. Mostra, então, que às vezes devem se fundir em uma única e fervorosa súplica, ao dizer: *Apresentai a Deus todas as vossas necessidades pela oração e pela súplica, em ação de graças* (Fl 4,6). Pensamos que ele quis nos ensinar particularmente o seguinte: em toda oração e súplica a ação de graças deve se unir à intercessão.

18 - *A oração do Senhor*

Essas diversas modalidades de prece serão seguidas de um estado ainda mais sublime e de transcendência mais elevada que consiste na contemplação única de Deus. No ardor da caridade, a alma se funde dilatada pelo amor divino, e, em estado de grande piedade, entra em colóquio familiar com Deus, como se fora seu próprio Pai. A fórmula do *Pai nosso* não nos deixa dúvida de que para nós constitui-se um dever buscar com empenho esse estado de oração. Confessando com a própria boca que o Deus e Senhor do universo é também nosso Pai, estamos, na verdade, professando que fomos chamados a passar

da condição de servos para a de filhos adotivos.

Ao acrescentarmos: *que estais nos céus* (Mt 6,9), o tempo de nossa vida passa a ser, desde então, nada mais que um exílio; e a terra que habitamos, uma terra estrangeira que nos separa de nosso Pai. Urge abandoná-la e, com todo ardor de nosso desejo correr para a região em que proclamamos que nosso Pai reside. Que nada em nosso comportamento nos torne indignos da profissão que fazemos de nossa filiação e nada nos prive da honra de tal adoção, como se fôssemos filhos degenerados, privados da herança paterna e merecedores de incorrer na cólera e na severidade de sua justiça.

Uma vez alcançada essa condição de filhos de Deus, seremos inflamados pelo afeto próprio dos bons filhos e, sem mais buscar nossos interesses e sim a glória de nosso Pai, diremos: *santificado seja o vosso nome.* Testemunhando, assim, que sua glória é nosso desejo e nossa alegria, pois queremos ser imitadores daquele que disse: *Quem fala por si mesmo procura a sua própria glória. Mas aquele que procura a glória de quem o enviou é verdadeiro e nele não há injustiça* (Jo 7,18).

Repleto desse afeto é que Paulo, esse vaso de eleição, vai até desejar tornar-se anátema e separado do Cristo, contanto que lhe conquiste uma família numerosa e aumente a glória de seu Pai pela salvação de Israel (cf. Rm 9,3). Sem receio ele pode desejar morrer pelo Cristo, pois bem sabe que é impossível morrer por aquele que é a própria Vida. E diz ainda: *Alegramo-nos todas as vezes que somos fracos e sois fortes* (2Cor 13,9). E por que nos admirarmos, se o "vaso de eleição" deseja tornar-se anátema pela glória de Cristo, por causa da conversão de seus irmãos e a salvação do povo privilegiado, quando o profeta Miquéias queria passar por mentiroso e estranho à inspiração do Espírito Santo contanto que a nação do povo judeu pudesse escapar aos sofrimentos e calamidades do cativeiro que ele

próprio predissera? Assim diz ele: *Quisera Deus que o Espírito não estivesse em mim e minhas palavras fossem mentirosas* (Mq 2,11). E nada direi daquele anseio do Legislador que não se recusa a seguir o destino de seus irmãos que devem morrer. *Senhor,* diz ele, *este povo cometeu um grave pecado: ou perdoa-lhes este pecado, ou apaga-me do livro que escreveste* (Ex 32,31-32).

As palavras "santificado seja o vosso nome" podem também com muita propriedade expressar que Deus é santificado pela nossa perfeição. Poderíamos então traduzir: santificado seja o vosso nome por "Pai, faze-nos tais que mereçamos conhecer ou entender a grandeza de tua santidade ou, ao menos, que sejamos capazes de revelar a tua santidade em nossa vida espiritual." É o que se realiza em nós, quando *os homens, vendo nossas boas obras, glorificam o Pai que está nos céus* (Mt 5, 16).

19 - *Venha a nós o vosso reino*

O segundo pedido do orante, que deve ser feito com a alma purificada, é o seguinte: *Venha a nós o vosso reino.* Essa petição exprime o anseio de ver chegar o mais cedo possível o reino de seu Pai. Quer se refira esse reino ao que Cristo inaugura cotidianamente no coração dos santos, o que acontece quando ele, após ter expulsado o demônio de nossas almas, com seus vícios fétidos, passa a reinar soberanamente em nós com o bom odor das virtudes. Assim, dominada a fornicação em nossas almas, começa a reinar a castidade; superada a irascibilidade, surge a tranqüilidade; e, calcada a soberba, emerge a humildade. Quer esse reino signifique aquele que já está prometido a todos os perfeitos e filhos de Deus, quando o Cristo lhes dirá: *Vinde, benditos de meu Pai, recebei de herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo* (Mt 25, 34). A alma que deseja e espera esse final feliz, com o olhar ardentemente fixo

no Cristo, exclama: *venha a nós o vosso reino* (Mt 6,10). A alma sabe, pelo testemunho de sua própria consciência, que quando esse reino chegar, ela ali fixará sua morada. Em contrapartida, não existe um só pecador que ouse pronunciar tais palavras, nem formular semelhante desejo, pois a visão do tribunal parecerá odiosa para aquele que, à chegada do juiz, não receberá coroa nem palma como recompensa de seus méritos, pois lhe caberá apenas um castigo iminente.

20 - *Seja feita a vossa vontade*

O terceiro pedido dos filhos é o seguinte: *Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu.* Não existe maior prece do que pedir que as coisas celestes possam ser comparadas às do céu. De fato, quando dizemos: seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu, outra coisa não fazemos que pedir que os homens sejam semelhantes aos anjos; e como esses espíritos bem-aventurados fazem no céu a vontade divina, também os homens, em lugar de satisfazerem a própria vontade, devem cumprir na terra a vontade divina.

Aí está uma oração que, na realidade, só pode ser feita por quem de todo coração acredita que Deus dispõe todas as coisas visíveis deste mundo, sejam elas contrárias ou favoráveis, para proveito de seus filhos, por cujos interesses ele zela com mais solicitude do que eles mesmos poderiam fazê-lo. Tal petição deveria ainda ser compreendida no sentido de que a vontade de Deus é a salvação de todos, segundo a palavra bem conhecida de São Paulo: *Nosso Salvador quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade* (1Tm 2,4). O profeta Isaías também nos fala a respeito dessa vontade divina: *Minha vontade se cumprirá plenamente* (Is 46,10). Ao pedirmos, pois "Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu", estamos fazendo com outras palavras a seguinte oração: "como

os que estão no céu, ó Pai, todos os que estão na terra se salvem pelo conhecimento do vosso nome!"

21 - *O pão supersubstancial ou cotidiano*

Depois acrescentamos: *O pão nosso* ἐπιούσιον, isto é, *supersubstancial nos dai hoje* (Mt 6,11). Outro Evangelista (Lc 11,3) diz: *cotidiano*. O primeiro adjetivo exprime a nobreza e o caráter dessa substância, que a elevam acima de qualquer outra substância e fazem com que ela supere, por sua sublime grandeza e santidade, todas as outras criaturas. Quanto ao segundo qualificativo, exprime o caráter do seu uso e sua utilidade. O termo "cotidiano" especifica que nossa vida espiritual é incapaz de perdurar um só dia sem esse alimento.

Já a palavra "hoje" mostra que esse pão nos deve nutrir diariamente, e que não é suficiente havê-lo recebido na véspera se não nos for dado igualmente hoje.

Que nossa indigência diária nos advirta que devemos fazer essa prece em qualquer ocasião! Não há um só dia em que não precisemos comer este pão, a fim de revigorar o coração do nosso homem interior.

Mas podemos compreender também o termo "hoje" com o significado de tempo presente. Enquanto vivemos neste mundo, dá-nos deste pão. Cremos também que o darás àqueles que o merecerem no futuro, todavia, rogamos que no-lo dês hoje, porque sabemos que quem não o merecer nesta vida não poderá dele participar no futuro.

22 - *Perdoai-nos as nossas ofensas*

Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido (Mt 6,12). Ó inefável clemência de Deus! Não apenas nos ofereceu com essa fórmula um modelo

de oração, como também instituiu uma regra pela qual lhe podemos ser agradáveis. A exigência que a fórmula encerra, ao mandar-nos rezar sem cessar, também nos ensina que, ao fazermos uso constante da oração, arrancamos da alma as raízes da irascibilidade e da tristeza. Além disso, propicia ainda aos orantes um caminho para que lhes seja promulgado um julgamento indulgente e compassivo atribuindo-nos, assim, de certo modo, o poder de suavizarmos nós mesmos a própria sentença e de forçá-lo a nos perdoar os delitos, segundo o exemplo de nossa própria clemência, quando dizemos: Perdoai-nos como nós perdoamos.

Assim, respaldados por essa oração, só pedirão com confiança o perdão de suas faltas aqueles que se mostrarem compadecidos com os que os tenham ofendido. Exatamente com aqueles que os tenham ofendido e não ao seu Senhor. Com efeito, pode-se notar que muitos de nós nos tornamos indulgentes com as injúrias feitas a Deus, (o que é muito pior) apesar de sua gravidade, mas quando essas nos são dirigidas, por menores que sejam, mostramo-nos inexoravelmente rigorosos. Como conseqüência, aquele que não houver perdoado de coração ao irmão injuriador, outra coisa não alcançará, com essa oração, que a própria condenação em lugar de indulgência, uma vez que ele mesmo pede um julgamento mais severo, ao dizer, "Perdoai-me como eu perdoei". Porque, se for tratado segundo seu pedido, que lhe poderá advir senão que, segundo seu exemplo, Deus também o trate com implacável cólera e ele seja punido com uma sentença sem misericórdia? Portanto, se queremos ser tratados com misericórdia, é imprescindível que também tratemos misericordiosamente os que nos tenham injuriado, qualquer que seja a ofensa recebida.

Alguns, temerosos com esse pensamento, omitem tais palavras quando a igreja reunida recita essa oração, pensando evitar, com esse artifício, a condenação por sua própria boca.

Ora, tais pessoas não percebem que, ao invés de se estarem desculpando perante o Senhor, que quis mostrar antecipadamente como iria julgar aqueles que o suplicam, estão assumindo uma atitude inútil. Pois o Senhor, não desejando que o consideremos um juiz por demais rigoroso e inexorável, nos ofereceu o próprio parâmetro de julgamento, a fim de que julguemos nossos irmãos, se temos alguma queixa contra eles, do mesmo modo pelo qual desejamos ser julgados por Ele *pois o julgamento será sem misericórdia para aquele que não pratica a misericórdia* (Tg 2,13).

23 - *Não nos induzais em tentação*

Segue-se depois o pedido: *Não nos deixeis cair em tentação* (Mt 6,13). Tais palavras levantam um difícil problema: Se rogamos a Deus que não permita que sejamos tentados, que prova lhe poderemos dar de nossa constância? Pois está escrito: *O homem que não foi tentado, não foi provado* (Sir 34,11). E ainda: *Feliz o homem que suporta a tentação* (Tg 1,12).O sentido, pois, de tais palavras não é: "não permitais que jamais sejamos tentados", mas, na verdade, queremos pedir: que "não permitais jamais que sejamos vencidos pela tentação". Com efeito, Jó foi tentado, mas não foi induzido em tentação, uma vez que não acusou a Sabedoria divina, nem ingressou no caminho da impiedade e da blasfêmia para o qual o tentador queria arrastá-lo. Abraão foi tentado, José foi tentado, mas nenhum dos dois foi induzido em tentação, porque nenhum deles deu ouvidos ao tentador.

Em seguida, vem o último pedido: *mas livrai-nos do mal* (Mt 6,13), isto é, não permitais que sejamos tentados pelo demônio além das nossas forças, mas com a tentação *dai-nos os meios de sair dela e a força para suportá-la* (1Cor 10,13).

24 - *Nada mais devemos pedir além do que se encontra na oração do Senhor*

Podeis, pois, ver aqui qual seja a oração que nosso próprio juiz formulou para que pudéssemos abrandá-lo. Nela não encontramos solicitação de riqueza, nem de honrarias; nenhum pedido de poder ou de força, nenhuma menção de saúde física ou de vida temporal. Com efeito, o criador da eternidade não quer que lhe supliquemos nada de perecível, nada de torpe, nada de efêmero. Seria grave injúria à sua magnificência e munificência negligenciar as petições dos bens eternos para preferir suplicar-lhe algo contingente e transitório. Essa última opção, antes, acarretaria a cólera do juiz do que seu beneplácito.

25 - *A natureza de uma oração mais sublime*

A oração do Pai-Nosso parece conter toda a plenitude da perfeição, uma vez que foi o próprio Senhor quem a formulou e ensinou. Tal prece eleva às maiores alturas os que se habituaram a rezá-la, colocando-os naquele estado ainda mais sublime de que já falamos anteriormente. Isto é, preparados para aquela oração ardente da qual bem poucos fizeram a inefável experiência. Essa oração transcende todo o sentimento humano e não se distingue por nenhum som da voz, nem movimento da língua, nem pela articulação de palavras. A alma, iluminada pela infusão da luz do céu, não se expressa mais pela linguagem humana sempre imperfeita. Mas, ao contrário, reunindo em um só fluxo todos os santos afetos, à semelhança de uma fonte copiosíssima, derrama sua inefável oração, elevando-a até Deus e manifestando tantas coisas naqueles poucos instantes que depois, ao voltar a si, torna-se incapaz de exprimi-las novamente ou mesmo recordá-las.

Nosso Senhor também de maneira idêntica nos revelou

esse estado quando, ao se retirar para a solidão do monte, formulou a sua súplica (cf. Lc 5,16) ou quando, num inimitável exemplo de fervor intenso na oração silenciosa de sua agonia, chegou até ao suor de sangue (cf. Lc 22,44).

26 - *As diversas causas da compunção*

Com efeito, quem poderia expor, satisfatoriamente, por maior que seja sua experiência, a variedade e as próprias causas e origens do sentimento de compunção, pelo qual a alma, inflamada de um intenso ardor, prorrompe nas mais puras e fervorosas orações? Tentarei, pois, exemplificar o que disse, à luz do Senhor e na medida em que me seja possível recorrer às minhas recordações. Algumas vezes, ao cantar os salmos, certo versículo me propiciava a ocasião de uma prece fervorosíssima; em outros momentos, a voz melodiosa de um irmão, intensamente suplicante, pode suscitar uma súplica ardorosa até mesmo em almas entorpecidas. Sabemos também que uma salmodia celebrada com correção e dignidade leva às vezes os que apenas a ela assistem a grandes impulsos de fervor. Igualmente, as exortações e conferências espirituais proferidas por um homem reconhecidamente santo freqüentemente contribuem para que se eleve de uma alma abatida um fluxo de orações mais fecundas. É verdade, ainda, que a morte de um irmão ou de algum ente querido nos proporciona, por vezes, a ocasião de sentimentos de perfeita compunção. E a recordação de nossa tibieza e negligência, em alguns momentos, suscita em nosso coração um ardor salutar. Desse modo, podemos ter certeza que não nos faltam as oportunidades em que, pela graça de Deus, podemos dissipar o torpor e a sonolência de nossas almas.

27 - *As diversas formas de compunção*

Não é pequena a dificuldade que encontramos ao procurar indagar como e sob que aspectos a compunção jorra do mais íntimo da alma. Muitas vezes é fruto de uma inefável alegria e de imensa exultação. Tão intensa que se torna intolerável e o espírito se vê obrigado a se expandir, levando até a cela vizinha a notícia de nossa felicidade e de nosso júbilo.

Outras vezes, em contrapartida, a alma toda se recolhe em profundo silêncio, quando a surpresa daquela súbita iluminação a arrebata completamente, extinguindo-lhe a voz e mantendo todos os seus sentimentos suspensos no mais íntimo de seu ser. Então, a alma, maravilhada, se abre para Deus com gemidos inenarráveis. Por vezes, porém, a alma a tal ponto é sufocada pelo sentimento de compunção e de dor, que tão-somente as lágrimas são capazes de aliviá-la.

28 - *Por que o dom das lágrimas não está em nosso poder?*

Germano: A despeito de minha limitação, não ignoro esse sentimento de compunção. Freqüentemente, ao lembrar-me de minhas faltas, os olhos se me encheram de lágrimas e a visita do Senhor de tal modo me revigorou com aquela alegria inefável a que vos referistes, que a própria magnitude daquela alegria me incutia que eu não devia desesperar do perdão de minhas culpas. A meu ver, nada poderia haver de mais sublime que aquele estado, se a sua renovação dependesse de nosso arbítrio. Acontece-me às vezes, que, por demais desejoso de experimentar novamente aquelas lágrimas de compunção, procuro lembrar-me de todos os meus erros e pecados, mas não consigo reencontrar a fonte das lágrimas, e meus olhos permanecem secos e duros como uma pedra, sem que deles brote sequer uma gota de pranto. Assim, tanto me rejubilo com a torrente de lágrimas, quanto

sofro pela incapacidade de renovar essa experiência quando desejo.

29 - *São diversos os sentimentos de compunção que provocam as lágrimas*

Isaac: Nem sempre as lágrimas provêm do mesmo sentimento, e não são o privilégio de uma única virtude. Algumas jorram ao relembrarmos nossos pecados que, como espinhos, nos despedaçam o coração. É delas que se diz: *Esgotei-me de tanto gemer, banho o leito em meu pranto de noite* (Sl 6,7). E ainda: *Deixa derramar torrentes de lágrimas dia e noite, não te concedas repouso, não descanse a pupila dos teus olhos!* (Lm 2,18).

Outras vezes, se originam da contemplação dos bens eternos e do desejo daquela glória futura. Essas prorrompem mais abundantes em virtude da excessiva felicidade e da exultação incomensurável que experimentamos enquanto nossa alma se sente devorada pela sede do Deus vivo e forte, dizendo: *Quando terei a alegria de ver a face de Deus? O meu pranto é o meu alimento de dia e de noite* (Sl 41,3-4) e ela exclama cada dia, gemendo e chorando: *Ai de mim, como é longo o meu peregrinar!* (Sl 119,5), e também: *Já se prolonga por demais o meu desterro!* (Sl 119,6).

Por vezes, ainda, são lágrimas que brotam, – embora nossa consciência não nos acuse de nenhuma falta mortal, – do medo do inferno e do pensamento do terrível julgamento. Movido por esse sentimento de medo foi que o profeta dirigiu a Deus esta súplica: *Não chameis vosso servo a juízo, porque diante de vossa presença não é justo nenhum dos viventes* (Sl 142,2). Há ainda outra espécie de lágrimas que não provêm da própria consciência, mas que rolam à lembrança do endurecimento e dos pecados alheios. Foi essa espécie de lágrimas que Samuel derramou sobre

Saul (cf. 1Rs 15,35) e que também o Senhor, no Evangelho, verteu sobre Jerusalém (cf. Lc 19,41ss) e também Jeremias, no passado, ao dizer: *Quem dará água à minha cabeça e a meus olhos uma fonte de lágrimas para que eu chore dia e noite os mortos da filha de meu povo!* (Jr 9,1). São essas mesmas as lágrimas a que se refere o salmista, que diz: *Comi cinzas com pão e misturei minha bebida com lágrimas* (Sl 101,10). Tais lágrimas se originam de um sentimento bem diverso daquele que provoca os gemidos do salmista personificando um penitente, pois provêm da idéia do justo esmagado pelas inquietações e angústias que o acometem enquanto vive neste mundo, o que é ressaltado não apenas pelo texto, como também pelo próprio título desse salmo denominado: *Oração do pobre na aflição a derramar sua súplica diante de Deus* (Sl 101,1). O personagem de que trata o texto é aquele a que se refere o Evangelho quando diz: *Bem-aventurados os pobres em espírito porque deles é o reino dos céus* (Mt 5, 3).

30 - *As lágrimas não devem ser provocadas quando não brotam espontaneamente*

Há uma grande diferença entre essas lágrimas e aquelas que nos esforçamos por derramar quando o coração está árido e os olhos secos. No entanto, não devemos considerar essas últimas totalmente infrutíferas. Pois, é um bom sentimento o que leva o orante a procurá-las, principalmente aquele que ainda não conseguiu chegar à perfeição ou que não alcançou ainda a completa purificação dos seus vícios antigos e atuais. Todavia, aqueles que já conhecem o amor à virtude não se torturem nem tentem a qualquer preço provocar a efusão das lágrimas o que é próprio do homem exterior. Mesmo se conseguirmos fazê-las brotar, usando certos recursos, elas não são comparáveis àquela efusão espontânea. Ao contrário, os esforços que despendemos distrairão nossa alma de sua oração, para fazê-la mergulhar em

pensamentos humanos, arrancando-a às alturas celestes na qual a alma do orante, maravilhada, se deve manter imutavelmente fixa. Tal esforço, irá impeli-la a se relaxar daquele intenso fervor da oração, para se enfraquecer em busca de lágrimas estéreis e forçadas.

31 - *Conceito do abade Antão sobre a natureza da oração*

Para que possais compreender a verdadeira natureza da oração, irei expor-vos não a minha opinião, mas a do abade Antão.

Tenho-o visto permanecer tanto tempo em oração, que, muitas vezes, os primeiros raios de sol o encontraram em seu êxtase. Exclamava então no fervor de seu espírito: "Ó sol, por que me importunas? Já te levantas para me arrastares do clarão da verdadeira luz!" Também é dele este pensamento celeste e mais que humano, sobre o grau mais alto da oração: "Não é perfeita a oração, enquanto o monge tem consciência de si mesmo e de sua oração".

Se nos for lícito acrescentar alguma coisa a essa admirável palavra, na medida em que o permitir nossa limitação, diremos que a experiência nos revelou os sinais pelos quais reconhecemos a oração ouvida pelo Senhor.

32 - *Indícios de que a oração foi ouvida*

Quando nenhuma hesitação se infiltrar em nossa oração, e nenhum sentimento de desconfiança nela interferir mas, ao contrário, pela própria efusão da oração sentirmos que estamos sendo atendidos naquilo que pedimos, podemos estar certos de que nossa oração foi eficazmente atendida por Deus. Pois tanto mais mereceremos ser ouvidos por Deus e obter o que a ele pedimos quanto mais acreditarmos que estamos sob seu olhar e

confiarmos que ele nos pode atender. Pois irretratável é aquela promessa de nosso Senhor: *Tudo quanto suplicardes e pedirdes na oração, crede que vos será concedido* (Mc 11,24).

33 - *Objeção: A confiança de ser atendido é exclusividade dos santos*

Germano: Acreditamos que essa confiança de sermos ouvidos emana da pureza da própria consciência. Nós, porém, cujo espinho do pecado ainda nos compunge o coração, como poderíamos presumir, sem nenhum respaldo de nossos méritos, que nossas orações serão atendidas?

34 - *As diversas causas que tornam atendidas nossas orações*

Isaac: O Evangelho e os profetas atestam as diversas causas pelas quais nossas orações são atendidas, pois variam de acordo com as diferentes disposições de nossas almas. Assim, tens, no consenso de duas pessoas que se põem em oração, um dos motivos para que ela seja atendida, pois segundo a própria palavra do Senhor: *Se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, isso lhes será concedido por meu Pai que está nos céus* (Mt 18, 19).

Tens, ainda, outra causa do atendimento da oração, quando esta é feita naquela plenitude de fé que se compara ao grão de mostarda: *Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta montanha: transporta-te daqui para lá, e ela se transportará, e nada vos será impossível* (Mt 17,19).

Tens, mais, na fidelidade à oração, naquela infatigável perseverança que o Senhor chama de "importunismo", a garantia de sua aceitação: *Digo-vos, mesmo que não se levante para dá-la porque é amigo, levantar-se-á ao menos por causa da sua insistência, e lhe dará tudo aquilo de que precisa* (Lc 11,8).

Tens ainda na esmola outro motivo de atendimento: *Encerra a esmola no coração do pobre e ela intercederá por ti no tempo da tribulação* (Sir 29, 15).

E, tens também na conversão de vida e nas obras de misericórdia, mais um motivo para seres ouvido, de acordo com a palavra: *Desata as cadeias da impiedade, tira os fardos que oprimem* (Is 58,6); e após algumas palavras em que condena a esterilidade do jejum ineficaz, o profeta acrescenta: *Então, invocarás, e o Senhor te ouvirá, clamarás e Ele dirá: Eis-me aqui* (Is 58,9).

Algumas vezes, enfim, é o acúmulo de tribulações que causa o atendimento, como atestam as seguintes palavras: *Na minha angústia eu clamei ao Senhor e ele me respondeu* (Sl 119,1). E, ainda, *Não maltratarás o estrangeiro e não o oprimirás, pois se ele me invocar, eu o ouvirei porque sou misericordioso* (Ex 22,21 e 27).

Evidencia-se, portanto, de quantas maneiras se pode alcançar a graça de ser ouvido. Assim, por mais constrangedor que seja o testemunho de sua consciência, ninguém se desespere quando se tratar de pedir a salvação e os bens eternos. Porque, apesar da contemplação de nossas misérias e da certeza de que estamos completamente destituídos de todas as virtudes a que nos referimos, e ainda, de que não temos aquele louvável consenso de duas pessoas que rezam unidas, nem a fé comparável ao grão de mostarda, e sequer praticarmos aquelas obras de misericórdia descritas pelo profeta, mesmo assim, não poderíamos ter aquele "importunismo" que está ao alcance de quem o deseja e ao qual, mesmo sozinho e sem nenhum outro mérito, segundo a promessa do Senhor, será concedido tudo quanto lhe for pedido?

Por isso, sem nenhuma hesitação na fidelidade, urge insistir na oração, pois nossa perseverança haverá de obter tudo quanto

pedirmos, segundo o beneplácito de Deus. Pois o próprio Senhor, desejando nos conceder os bens celestes e eternos, nos exorta, de certo modo, a obrigá-lo a isso, por nosso importunismo. E ele, ao invés de repelir os importunos com desprezo, até os encoraja e os louva, prometendo-lhes conceder benignamente, tudo quanto tiverem esperado com perseverança, dizendo: *Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto. Pois o que pede, recebe; o que busca, acha; e ao que bate, se abrirá* (Lc 11,9-10). E também: *Tudo o que pedirdes com fé na oração, recebê-lo-eis, e nada vos será impossível* (Mt 21,22; 17,19). Assim, mesmo que nos faltem todos os motivos de aceitação acima mencionados, sejamos ao menos estimulados por esse urgente importunismo, que, sem exigir grandes méritos ou esforços desmedidos, está sempre à disposição de quem o deseja. Todavia, estejamos bem certos de que não será ouvido aquele que puser em dúvida esse atendimento.

Esse preceito de uma indefectível perseverança nos é também lembrado pelo exemplo do bem-aventurado Daniel (cf. Dn 10,2 ss) cuja oração, atendida desde o primeiro dia em que a iniciou, só no vigésimo primeiro dia teve sua eficácia revelada.

Eis a razão pela qual também nós não devemos arrefecer o ardor de nossas preces, caso o Senhor nos pareça demasiado lento em nos ouvir. Talvez a Providência divina permita tal lentidão para nosso proveito ou, ainda, o anjo encarregado de nos trazer o benefício esperado, após ter se afastado da face do onipotente, tenha sido retardado por alguma resistência diabólica. Mas, ele não poderá nos comunicar a graça pedida, caso nos encontre com o fervor enfraquecido. É o que infalivelmente teria acontecido ao próprio profeta se, apoiado em uma incomparável virtude, não tivesse mantido sua inquebrantável perseverança e não tivesse prolongado sua oração até o vigésimo primeiro dia.

Portanto, que nenhum pensamento de desespero venha

abater a confiança de nossa fé, quando acharmos que não obtivemos o que rogávamos. Nem duvidemos da promessa do Senhor que nos diz: *Tudo quanto pedirdes com fé na oração, haveis de recebê-lo* (Mt 21,22).

Cumpre-nos, pois, recordar sem cessar a palavra do evangelista João quando nos diz: *Esta é a confiança que temos em Deus: se lhe pedimos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve* (1Jo 5,14).

São João exige, pois, essa confiança inabalável no que concerne à vontade de Deus. E não no que se refere aos nossos interesses ou nossa satisfação temporal. E foi isso também que o Senhor nos mandou dizer na oração dominical: *seja feita a vossa vontade.* Vale dizer: a "vossa", e não a "nossa" vontade. Relembremos também a palavra do Apóstolo: *Não sabemos o que devemos pedir* (Rm 8,26). E compreenderemos que às vezes solicitamos coisas contrárias à nossa salvação. E é para nosso maior proveito que tais coisas nos são negadas por Aquele que vê nossas necessidades com mais verdade e mais justiça do que nós. Tal foi sem dúvida o caso do Apóstolo das nações. Ele suplicava ao Senhor que lhe fosse retirado o anjo de Satanás que, para seu proveito e por vontade do Senhor, fora colocado a seu lado para o esbofetear: *Por isso três vezes,* – diz ele – *pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Mas ele respondeu: Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder* (2Cor 12,8-9).Tal foi ainda o pensamento de nosso Senhor, orando, na condição de homem, a fim de nos dar também na oração um exemplo a imitar: *Meu Pai, se é possível, que passe de mim este cálice, contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres* (Mt 26,39).Todavia, a sua vontade não era diferente da do Pai. *Pois ele viera para salvar o que estava perdido, e dar a vida pelo resgate de muitos* (Mt 18,11; 20,28).

Quanto à sua vida, ele próprio diz: *Ninguém a tira de*

mim, mas eu a dou livremente. Tenho o poder de entregá-la e poder de retomá-la (Jo 10,18). E sobre a contínua concordância de vontade que existia entre ele e o Pai, o bem-aventurado Davi lhe atribui as seguintes palavras no salmo 39: *Com prazer faço a tua vontade; guardo em meu coração tua lei* (Sl 39,9). Com efeito, se lemos sobre o Pai: *Deus amou o mundo a tal ponto que lhe deu seu Filho único* (Jo 3,16), também lemos sobre o Filho: *Ele se entregou por nossos pecados* (Gl 1,4). E ainda sobre o Pai: *Ele não poupou o próprio Filho, mas o entregou por todos nós* (Rm 8,32).

E sobre o Filho: *Ele foi oferecido porque ele mesmo o quis* (Is 53,7). A união de vontade entre o Pai e o Filho é assim expressa de tal modo que até no mistério da Ressurreição se diz que a vontade de ambos permaneceu uníssona. Pois foi o Pai que, de acordo com o bem-aventurado Apóstolo, ressuscitou o corpo do Filho: *E Deus Pai o ressuscitou dos mortos* (Gl 1,1). Mas também o Filho protesta que erguerá o templo de seu corpo, declarando: *Destruí este templo e eu o reerguerei em três dias* (Jo 2,19).

Instruídos, pois, pelo exemplo do Senhor, também nós devemos concluir nossas súplicas com uma palavra semelhante à sua, e acrescentar esta petição a qualquer oração que fizermos: *Contudo, não seja feito como eu quero mas como tu queres* (Mt 26,39). É esse o sentido da tríplice inclinação que se faz nas assembléias dos irmãos para concluir a sinaxe. Aquele porém, que estiver absorvido na oração não estará atento a essa prática.

35 - *A oração que deve ser feita na própria cela e de portas fechadas*

Antes de tudo, cumpre-nos observar com muito empenho o preceito evangélico que nos exorta a entrarmos na cela, fecharmos a porta e orarmos a nosso Pai.

Eis como devemos agir:

Oramos em nossa cela quando, tendo afastado completamente nosso coração do tumulto e do ruído dos pensamentos e preocupações, como que em secreta intimidade, manifestamos ao Senhor nossas preces.

Oramos de porta fechada quando, cerrados os lábios e em profundo silêncio, suplicamos Aquele que perscruta os corações e não as palavras.

Oramos em segredo quando, apenas com o coração e a alma atenta, apresentamos somente a Deus nossas súplicas, de modo que, sequer as potências hostis possam reconhecer-lhes a natureza. É por isso que devemos observar o mais absoluto silêncio, a fim de que não venhamos a distrair os irmãos presentes por nossos cochichos e clamores, ou não os perturbemos em suas orações. Isso se faz necessário também para que nossos inimigos que, nos assaltam principalmente durante a oração, não conheçam o objetivo de nossa prece. Assim, então, cumpriremos o preceito: *Mantém fechada a tua boca, mesmo com aquela que dorme contigo* (Mq 7,5).

36 - *A vantagem da oração breve e silenciosa*

Por esse motivo, com efeito, nossa oração deve ser freqüente, porém, rápida. Porquanto, se muito a prolongarmos, o inimigo traiçoeiro poderá insinuar algo estranho em nosso coração. Pois, segundo o salmo 50, é este o verdadeiro sacrifício: *Meu sacrifício é minha alma penitente* (Sl 50,19). *Esta é a oblação salutar, a oferenda pura, o sacrifício de justiça* (Sl 50,21), *o sacrifício de louvor* (Sl 49,23), *estas são as vítimas generosas, os holocaustos cheios de gordura* (Sl 65,15). E as oferendas de um coração contrito e humilhado. Se nós mesmos as apresentarmos a Deus, de acordo com o método ensinado e com o devido fervor, poderemos cantar na certeza de sermos

ouvidos: *Minha oração suba a vós como incenso e minhas mãos como oferta vespertina* (Sl 140,2).

Mas a aproximação da noite e da própria hora do sacrifício vespertino nos exortam a que o celebremos sem demora. Nossa conferência se prolongou bastante e, se a medirmos de acordo com a nossa limitação, parecerá que dissemos muitas coisas, mas, se a considerarmos segundo a sublimidade e a dificuldade do tema, muito pouco foi tratado.

A conferência do venerável Isaac nos maravilhara mais do que nos saciara. Então, celebrada a sinaxe da tarde, descansamos um pouco e, logo e aos primeiros clarões do amanhecer, dirigimo-nos às nossas celas, com a promessa de que retornaríamos para uma exposição mais completa, alegres não só pelo conhecimento adquirido como também pelo que nos fora prometido. Por enquanto só nos haviam falado sobre a excelência da oração, mas ainda não nos haviam dito por que método ou virtude íntima ela se tornaria ininterrupta.

X

SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE ISAAC

A Oração

1 - *Introdução*

Apesar do estilo canhestro, acabei de relatar, segundo a graça a mim concedida, os sublimes ensinamentos dos anacoretas. Contudo, a própria clareza da exposição obriga-me, presentemente, a acrescentar um elemento novo que irá assemelhar-se a uma verruga sobre um belo rosto. Não duvido, porém, que os simples retirarão daí um ensinamento valioso no que se refere à imagem do Deus onipotente, segundo o *Gênesis,* uma vez que se acha em jogo um dogma de tal importância que a ignorância a esse respeito não poderia subsistir sem uma grosseira blasfêmia e um grave detrimento para a fé católica.

2 - *O costume vigente no Egito de anunciar a data da Páscoa*

Na região do Egito, existe uma tradição há muito observada: após o dia da Epifania, (que, segundo os sacerdotes daquela província, comemora, em um único dia o batismo do Senhor e seu aniversário natalício, uma vez que não se festejam as duas datas, mas apenas uma celebração soleniza os dois mistérios), o bispo de Alexandria envia cartas a todas as Igrejas do Egito, incluindo não só as cidades como também os mosteiros,

aos quais anuncia a data do início da Quaresma e o dia da Páscoa.

Poucos dias haviam decorrido após nossa conferência anterior com o abade Isaac, quando, de acordo com aquele costume, chegaram de Alexandria as cartas oficiais do bispo Teófilo. Mas, além do anúncio da data da Páscoa, ele apresentava um verdadeiro tratado contra a absurda heresia dos antropomorfitas, destruindo-a com farto arrazoado.

Espalhou-se, então, um vivo descontentamento entre a maioria dos monges que habitavam toda a província do Egito e cuja simplicidade fora surpreendida por tal erro. A maioria dos anciãos se opõe àquela declaração, afirmando ser o bispo culpado da mais grave heresia e decidindo que toda a comunidade dos irmãos o considerasse excomungado, uma vez que contradizia a Escritura, negando que o Deus onipotente tivesse figura humana, quando esta afirma, com a maior clareza, que Adão foi formado à sua imagem!

Em suma, os monges que habitavam o deserto de Cétia e que excediam, não só em ciência como em perfeição, todos os que viviam nos mosteiros egípcios, rejeitaram igualmente a carta episcopal. Dentre os sacerdotes, à exceção apenas do abade Pafnúcio, que pertencia à nossa comunidade, nenhum dos outros que presidiam às três outras Igrejas do deserto permitiu que se lesse a carta ou que fosse proclamada publicamente nas assembléias.

3 - *O abade Sarapião e a heresia do antropomorfismo em que caiu em virtude de sua simplicidade*

Entre os que se enredaram naquela heresia, estava justamente o abade Sarapião que, mesmo tendo a seu favor uma longa experiência de solidão, austeridade e disciplina ascética, foi levado por sua ignorância doutrinária a abraçar esse erro.

Sua atitude, no entanto, foi tanto mais prejudicial àqueles que professavam a verdadeira fé, quanto mais ele se destacava sobre quase todos os outros monges pelo mérito de sua vida e por sua idade.

Em vão o santo sacerdote Pafnúcio o exortara instantemente a que retomasse o caminho da verdadeira fé. A Sarapião, no entanto, isso parecia uma novidade, pois os antigos jamais haviam conhecido ou ensinado tal doutrina.

Sucedeu, porém, nessa época que certo diácono de nome Fotino, homem de consumada ciência, apareceu do território da Capadócia, levado pelo desejo de ver os irmãos que habitavam aquele deserto. O bem-aventurado Pafnúcio o recebeu com todas as marcas da uma viva alegria e, para comprovar a doutrina exposta nas cartas episcopais, levou-o à assembléia dos monges, perguntando-lhe como as Igrejas católicas do Oriente interpretavam a passagem do *Gênesis* em que se lê: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança* (Gn 1,26). Fotino passou então a explicar que a totalidade dos chefes de todas as Igrejas são unânimes em ultrapassar o sentido material da expressão, tomando-a apenas em sentido espiritual. E ele próprio defendeu essa teoria com uma exposição repleta de testemunhos escriturísticos, mostrando como não se pode admitir que a incompreensível e invisível Majestade possa ter algo da composição e semelhança humanas. Pois uma natureza incorpórea absolutamente simples não é capaz de se tornar visível aos olhos nem captável pela inteligência. Em vista disso, finalmente, o ancião se deixou persuadir por tantos e tão poderosos argumentos, retornando à fé da tradição católica.

Foi imensa a alegria que nos invadiu, a nós e ao abade Pafnúcio, porquanto Deus não permitira que um homem tão idoso e tão repleto de virtudes se desviasse para sempre do caminho da verdadeira fé, por causa de sua ignorância e ingênua

simplicidade. Todos, então, nos erguemos para oferecermos ao Senhor em comum nossas ações de graças. Mas, eis que, durante essas orações, o ancião sentiu-se totalmente confuso, ao ver que se desvanecia de seu coração a forma humana sob a qual ele, enquanto rezava, se habituara a representar a divindade. De repente, irrompeu em lágrimas amargas e em lancinantes soluços. Prostrado por terra, repetia em pungentes lamentações: Pobre de mim! Tiraram-me o meu Deus e não tenho a quem recorrer, a quem adorar ou a quem invocar! Profundamente emocionados à vista de tal acontecimento e impregnados pela graça da última conferência do abade Isaac voltamos à sua presença. E, tão logo o vimos, dirigimos-lhe as seguintes palavras:

4 - *Retorno perante o abade Isaac e questionamento sobre o erro em que incidiu o abade Sarapião*

Mesmo sem o estranho acontecimento desses últimos dias, o desejo despertado em nosso coração, ao falares sobre a natureza da oração, nos levou a tudo abandonar a fim de recorrer a Tua Beatitude. No entanto, o grave erro em que incidiu o abade Sarapião que, segundo julgamos, lhe foi insuflado pelos demônios mais ardilosos, veio aumentar ainda tal desejo. Não foi pequena a amargura que nos invadiu quando consideramos completamente perdido, em razão de sua ignorância, não apenas o fruto de tantos e tão relevantes trabalhos admiravelmente suportados neste deserto, durante cinqüenta anos, mas também afligia-nos o risco em que ele incorria de se perder eternamente.

Qual a origem de tão grave erro? E qual o seu motivo? Eis o que em primeiro lugar gostaríamos de saber. Em seguida rogamos que nos ensines qual o meio de alcançarmos essa qualidade de oração, sobre a qual já nos falaste não só com tanta riqueza, mas também com tanta magnificência. Pois tua admirável conferência, apesar de nos ter deixado uma viva im-

pressão, não nos indicou como podemos praticá-la com perfeição ou mesmo como seria possível alcançá-la.

5 - *Resposta sobre a origem da heresia antropomórfica*

Isaac: Não nos devemos admirar de que um homem tão simples e sem qualquer conhecimento adequado sobre a substância e a natureza da divindade possa ter permanecido até agora vítima da ignorância e de uma idéia errônea.

Na verdade, para falar com maior clareza, ele outra coisa não fez senão permanecer radicado em antigos erros. Pois não se trata, como pensastes, de uma ilusão recente dos demônios, mas com certeza de uma antiga concepção pagã, visto que o paganismo revestia de aparência humana os demônios aos quais prestava adoração. De maneira análoga se pensa atualmente que a incompreensível e inefável majestade do verdadeiro Deus deve também ser representada sob a forma de alguma imagem. E tais pessoas vivem na convicção de que estão na presença do nada se, ao rezar, não têm presente uma imagem à qual possam apelar ou que lhes seja possível manter permanentemente fixa em seu pensamento e diante dos olhos.

Foi a propósito desse erro que Paulo escreveu as seguintes palavras: *Trocaram a glória do Deus incorruptível pela imagem do homem corruptível* (Rm 1,23). E Jeremias também disse: *Meu povo trocou sua glória por um ídolo* (Jr 2,11).

Para muitos foi essa a origem desse erro. Mas para alguns, que nunca foram contaminados pela superstição pagã, o pretexto foram as palavras da Escritura: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança* (Gn 1,26), respaldadas pela ignorância e a simplicidade. Foi assim que, dessa detestável interpretação surgiu a heresia antropomorfita que afirma, com pertinaz perversidade, que a infinita e simples substância da divindade se reveste de nossos traços físicos e de nossa configuração humana.

Todavia, qualquer um que tenha sido instruído na fé católica rejeitará tal erro como blasfêmia pagã e, assim, poderá alcançar a oração puríssima de que tratamos. Nessa, de modo algum, se imiscui qualquer representação da divindade ou de traços corpóreos porquanto até mesmo uma menção a esse respeito já se constitui um crime, pois não se admite sequer a lembrança de alguma palavra, a representação de uma ação ou a forma de qualquer figura humana.

6 - *Porque Jesus Cristo aparece a cada um de nós na humildade ou na glória*

Como já foi esclarecido na conferência anterior (IX,8), é o grau de pureza alcançado pela alma que determina a medida em que esta será elevada ou formada na oração. Conseqüentemente a alma irá contemplar Jesus ou na humildade de sua carne ou, interiormente, já glorificado e vindo no esplendor de sua majestade. De fato, não poderão contemplá-lo na glória de sua realeza aqueles que ainda estão presos a certa enfermidade algo judaica, e que não possam dizer como o Apóstolo: *Mesmo que tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim* (2Cor 5,16). Portanto, só serão capazes de contemplar sua divindade com olhos puríssimos aqueles que, elevando-se acima das obras e pensamentos mesquinhos e terrenos, retiraram-se com ele para o alto monte da solidão. Livres do tumulto dos pensamentos e das paixões terrenas, isolados da confusão dos vícios, vivendo nas sublimes alturas de uma fé perfeita e praticando as mais eminentes virtudes, esses se tornaram dignos de contemplá-lo com o puro olhar da alma. Por isso, então, o Senhor lhes revelará a glória de sua face e a visão do seu esplendor.

Jesus também se manifesta aos habitantes das cidades, vilas ou aldeias, isto é, àqueles que se dedicam a uma vida ascé-

tica, mas não com o mesmo esplendor de glória com o qual aparece às almas bastante fortes, capazes de subir com ele o monte das virtudes como o fizeram Pedro, Tiago e João (cf. Mt 17,1). Foi também na solidão que se revelou a Moisés (cf. Ex 3,2), e a Elias (cf.1Rs 19,9ss). Nosso Senhor quis assim confirmar essa doutrina e nos deixar o exemplo de uma pureza perfeita. Na verdade, Jesus, por ser a fonte inviolável da santidade, não precisava, para firmar-se nesse patamar de perfeição, de nenhuma ajuda exterior, como o distanciamento dos homens e a solidão. Ele, a própria plenitude da pureza, estava imune ao contato das multidões, e o intercâmbio com os homens seria incapaz de contaminá-lo, pois é ele o purificador e o santificador de tudo quanto se macula. No entanto ele se retira *para o monte a fim de rezar ali sozinho* (Mt 14,23).

Sirva-nos seu exemplo de lição. Pois, se quisermos orar a Deus com um coração puro e íntegro, afastemo-nos, como ele, da turbulência e da inquietação das multidões, a fim de reproduzir, mesmo vivendo neste corpo mortal, algo daquele estado de bem-aventurança prometido aos santos na eternidade. Assim, também para nós, *Deus será tudo em todos* (1Cor 15,28).

7 - *Em que consiste nosso fim e a perfeita bem-aventurança*

Consumar-se-á, então, em nós, aquela oração que nosso Salvador fez ao Pai por seus discípulos: *a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eles estejam em nós* (Jo 17,26). E ainda: *a fim de que todos sejam um, como Tu, Pai, estás em mim e eu em ti para que eles sejam um em nós* (Jo 17,21). O perfeito amor com que *Deus nos amou primeiro* (1Jo 4,10) haverá de passar para nosso coração porque se cumprirá a oração do Senhor, em cuja eficácia nossa fé acredita firmemente. E isso se verificará quando todo nosso amor, todo nosso desejo, todo nosso empenho, e nossos esforços, nossos pensamentos, nossa

vida, nossas palavras e aspirações se transformarem em Deus, e aquela unidade que agora existe do Pai com o Filho e do Filho com o Pai for comunicada ao nosso sentimento e ao nosso espírito. E assim como Deus nos ama com uma caridade verdadeira, pura e indefectível, nós lhe estaremos unidos por um amor perpétuo e indissolúvel a tal ponto que tudo a que aspiramos, tudo quanto compreendemos ou quanto falamos transformar-se-á em Deus. Desse modo, chegaremos àquele fim que já havíamos predito e que o Senhor desejava para nós em sua oração: *que eles sejam um como nós somos um, eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitamente unidos* (Jo 17,22-23) e também para que se cumpra esta outra palavra: *Pai, aqueles que me deste, quero que onde eu esteja, eles também estejam comigo* (Jo 17,24).

Tal deve ser o escopo do solitário que nele deve concentrar todo seu empenho para que, desde esta vida, mereça possuir a imagem da futura bem-aventurança e, de certo modo, possa prelibar, no seu corpo mortal a vida e a glória celeste. Este é o fim de toda perfeição: ter a alma liberada de todo peso carnal para ascender cada dia às sublimes realidades espirituais até que toda a sua vida, todos os impulsos de seu coração se transformem numa única e contínua oração.

8 - *Pergunta sobre a disciplina da perfeição pela qual se consegue alcançar a lembrança constante de Deus*

Germano: À admiração suscitada pela conferência anterior, que foi o motivo pelo qual decidimos te procurar, acrescenta-se agora um assombro ainda maior. Na verdade, quanto mais nos sentimos inflamados pelo desejo da perfeita bem-aventurança, tanto mais profundo se torna nosso desânimo, uma vez que ignoramos o caminho que nos conduziria a uma vida de tanta sublimidade.

Todavia, nossos espíritos, durante a permanência na solidão da cela, estiveram seriamente ocupados, em prolongadas reflexões, que talvez deveríamos expor à Tua Beatitude a quem rogamos que nos escute com paciência. Primeiramente sabemos que não te ofendes com as tolices dos fracos e, depois, convém que elas sejam expostas, pois, assim, poderão ser corrigidos os contra-sensos que apresentarmos.

Eis, pois, nossa opinião: Em qualquer arte ou disciplina, não é de relance que se atinge a perfeição. Os primeiros passos, na verdade, são necessariamente bem simples, uma vez que se deve partir do que há de mais fácil e de menos austero. Assim, nutrido como que por um leite revigorante, o espírito se desenvolve, elevando-se gradativamente das coisas mais rudimentares às mais elevadas. Portanto, adquiridos os princípios básicos e, de certo modo, galgada a porta para a profissão abraçada, necessariamente e sem excessivos esforços, chega-se a conhecer seus segredos e atingir sua perfeição. Com efeito, como poderia uma criança pronunciar as simples sílabas se, primeiramente, já não houvesse aprendido a conhecer as letras? Ignorando a gramática, como poderá alguém tornar-se perito em retórica ou filosofia?

O mesmo se verifica em relação à sublime ciência que nos ensina a aderir a Deus em contínua união. Estou certo de que também esta tem seus princípios básicos que, uma vez solidamente estabelecidos, equivalem aos fundamentos sobre os quais se ergue o edifício da perfeição, permitindo-lhe atingir magníficas proporções.

De acordo com nossas humildes conjecturas, o primeiro passo consiste em conhecer a maneira de encontrar a Deus e despertar em nós a sua lembrança. O segundo passo seria saber como nos poderíamos manter nesse estado, imunes a qualquer oscilação. E, não temos a mínima dúvida de que nessa perse-

verança, estaria o cume da perfeição.

Daí nosso desejo de aprender uma fórmula que suscite em nós a lembrança de Deus e que seríamos capazes de fixar constantemente.

Empenhados em mantê-la sem interrupção diante dos olhos, desde que percebêssemos a possibilidade de que se escapasse, teríamos ao menos para onde retornar nosso pensamento, ao voltarmos a nós, podendo retomá-la em seguida e evitando assim as penosas divagações.

Pois nosso pensamento quando volta a si, após evadir-se durante a contemplação espiritual, nos dá a impressão de que estamos despertando de um sonho letal, e recomeçamos, então, a buscar algo com que possamos ressuscitar a lembrança de Deus, que nos havia escapado. Nessa busca o tempo passa e, antes de encontrarmos em que nos agarrar, ficamos novamente à deriva, distantes de nosso objetivo. Assim, após termos tentado em vão retomar nossa contemplação inicial, ou captar novamente alguma visão espiritual, toda a nossa atenção se desvanece. É óbvio, portanto, que tal confusão acontece por não dispormos de nada determinado em que nos apoiarmos, como uma fórmula qualquer diante dos olhos na qual possamos fixar nosso espírito, depois de muitas divagações e devaneios, e reconduzi-lo como a um porto de paz após um longo naufrágio.

Tal ignorância e as dificuldades que dela resultam constituem para nossa alma um contínuo embaraço. Daí acontece que, sempre errante, à semelhança de um ébrio, a alma oscila de um lado para outro. E se, mais pelo efeito do acaso do que por seu próprio empenho, surge algum pensamento espiritual, ela é incapaz de retê-lo com firmeza ou por muito tempo. Embora as idéias se sucedam sem interrupções, ela não percebe nem seu início ou aparecimento, nem seu término ou desaparecimento.

9 - *A eficácia da inteligência reforçada pela experiência*

Isaac: Vossas indagações tão minuciosas quão sutis indicam que já estais muito próximos da pureza. Na verdade, o próprio fato de alguém saber, em tal matéria, o que perguntar – já não digo sondar ou discernir – já supõe uma capacidade que não é comum. Esse privilégio é reservado àqueles que uma meditação atenta e profunda e uma vigilância sempre alerta possibilitaram perscrutar a profundeza destes problemas e que o empenho permanente de uma vida mortificada, concedeu bastante experiência para poderem aproximar-se do limiar da pureza e bater-lhe à porta.

Já não direi que estais à porta da verdadeira oração a que nos referimos, mas penso que vossa experiência já vos permitiu, de certo modo, tocar com as mãos os seus segredos íntimos e ocultos e abordar parcialmente a sua realidade.

Assim, creio que não terei grande dificuldade, guiando-me o Senhor, em vos introduzir no santuário, pois já moveis pelo vestíbulo os vossos passos um tanto incertos. Portanto, nenhum obstáculo vos impedirá de contemplar o que tenho a vos mostrar. Com efeito, está bem perto do conhecimento quem sabe, com prudência, o que deve investigar, e não está distante da ciência o que começa a compreender o quanto ignora. Não mais receio incorrer na falta de indiscrição ou de leviandade, revelando-vos o que havia omitido em nosso debate anterior sobre a perfeição da oração. No ponto em que vos encontrais, por vosso empenho e experiência, julgo que, mesmo sem o auxílio da nossa palavra, a graça de Deus já vo-lo tenha revelado.

10 - *O método da oração contínua*

Trata-se de uma comparação bem apropriada a que apresentastes entre a oração contínua e a instrução das crianças.

Essas não são capazes, sem uma preparação anterior, de aprender o alfabeto e reconhecer as letras e nem mesmo traçá-las com mão segura e firme, se previamente não tiverem tido perante os olhos modelos cuidadosamente gravados em cera, a fim de que por uma contemplação diária e uma imitação constante consigam reproduzi-los.

O mesmo acontece com a contemplação espiritual. É necessário que desta tenhais um modelo para que, com toda a diligência, possais fixar o olhar sobre este, aprendendo, assim, a revolvê-lo continuamente em vosso espírito, o que vos será salutar. Também, servindo-vos de tal modelo e meditando-o, sereis capazes de ascender às alturas mais sublimes.

Proponho-vos, pois, esse modelo de disciplina e de oração que procurais, e que todo monge cujo escopo consiste na lembrança contínua de Deus deve ter por hábito meditá-lo ininterruptamente. Para atingir tal meta, urge, antes, que expulseis de vosso espírito todos os outros pensamentos, pois não podereis aplicar-vos a este modelo se não vos tiverdes libertado de todas as preocupações e solicitudes corporais.

Essa experiência que nos foi transmitida pelos poucos Pais sobreviventes, nós também só a comunicamos a um pequeno número de almas verdadeiramente sedentas de conhecê-la. Portanto, nós vos sugerimos, para que tenhais a permanente lembrança de Deus, essa fórmula de verdadeira piedade: *Ó Deus, vinde em meu auxílio, Senhor, apressai-vos em socorrer-me!* (Sl 69,2).

De fato, esse versículo, não sem motivo, foi especialmente escolhido de todo o corpo da Escritura, não só por poder expressar todos os sentimentos imputáveis à natureza humana, como também por ser passível de adaptar-se com justeza a todas as circunstâncias e a todas as ocasiões de tentação.

Esse versículo serve para externar nosso apelo a Deus em

todos os perigos. É uma humilde e piedosa confissão, que manifesta a vigilância de um temor solícito e permanente e a compreensão de nossa fragilidade e, ainda, manifestando a confiança de ser ouvido e a certeza de um socorro infalível sempre e em todo lugar. Pois, quem nunca se omite de invocar seu protetor pode estar seguro de tê-lo sempre a seu lado. Em tais palavras se encontra também a voz do amor e da ardente caridade, a consciência das insídias e o medo do inimigo por parte de quem, vendo-se dia e noite assediado, reconhece não poder salvar-se sem o socorro do seu defensor. Para os que são importunados pelos assaltos demoníacos, essa invocação é uma muralha inexpugnável, uma couraça impenetrável. Para os que se vêem às voltas com a acédia, a angústia de espírito e as tristezas, ou qualquer pensamento deprimente, é um escudo invulnerável, pois essa oração põe em fuga o desespero. Se, porém, são as consolações que nos inundam o coração, o próprio versículo nos adverte de que não podemos nos envaidecer, nem nos orgulhar com uma felicidade que o Senhor mesmo garantiu não ser indestrutível, e na qual ele assegurou não ser possível permanecer sem a sua necessária proteção. Porque esse versículo não é apenas uma expressão de oração contínua, mas uma súplica para um socorro imediato. Esse versículo, repito, é imprescindível e proveitoso para todo aquele que se encontra em qualquer dificuldade. Com efeito, quem deseja ser ajudado, sempre e em qualquer circunstância, manifesta claramente que não só tem necessidade do auxílio divino nas provações e tristezas, como também na alegria e na consolação. Somente Deus nos liberta na adversidade e, também, só ele é capaz de assegurar a permanência da felicidade. Em uma e outra condição, a fragilidade humana não resistiria sem seu socorro.

Vejo-me assaltado pela paixão da gula e meu espírito se põe a fantasiar iguarias desconhecidas no deserto e, naquela solidão desoladora, começo a imaginar pratos dignos de uma

mesa real, sentindo-me impulsionado pelo desejo de prová-los, direi, então: *Ó Deus, vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-vos em socorrer-me!*

Acho-me tentado a antecipar a hora instituída para a refeição, ou devo-me esforçar em meio a grandes sofrimentos para guardar a medida estabelecida por uma justa e habitual sobriedade. Urge, então, exclamar com um gemido: *Ó Deus, vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-vos em socorrer-me!*

As investidas carnais exigem jejuns mais severos, contudo, a fragilidade do estômago e a enterite me dissuadem. Para que me seja permitido realizar meus desejos ou para que as tentações da concupiscência se acalmem sem recorrer a um jejum mais rigoroso, eu rezarei: *Ó Deus, vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-vos em socorrer-me!*

É chegada a hora regulamentar da refeição e dela devo participar. Todavia, o pão, me repugna e sinto-me incapaz de satisfazer às necessidades da natureza. Exclamo, então, com um lamento: *Ó Deus, vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-vos em socorrer-me!*

Pretendo dedicar-me à leitura, a fim de fixar meu pensamento, impede-me, porém, a enxaqueca; ou bem, à hora terça, o sono obriga-me a pender a cabeça sobre a página sagrada, vendo-me forçado a ultrapassar o tempo estabelecido para o repouso ou a antecipá-lo. Enfim, durante a sinaxe, o sono me domina a tal ponto que chego a alterar o ritmo da recitação canônica dos salmos. É igualmente hora de invocar: *Ó Deus, vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-vos em socorrer-me!*

Algumas vezes não consigo conciliar o sono e, exausto pelas insônias diabólicas, acho-me incapaz de usufruir o necessário repouso. Suspirando, ponho-me a orar: *Ó Deus, vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-vos em socorrer-me!*

Em outras ocasiões, nos embates contra os vícios, irrompem os assaltos da carne que, cúmplices do sono, tentam arrancar-me um consentimento. Para evitar que o fogo inimigo queime as flores delicadas e perfumadas da castidade, exclamarei: *Ó Deus, vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-vos em socorrer-me!*

Amainados os grilhões da sensualidade e, extintos os ardores carnais em meus membros, para que essa virtude alcançada, ou melhor, essa graça de Deus permaneça indestrutível em mim, direi: *Ó Deus, vinde em meu auxílio, Senhor, apressai-vos em socorrer-me!*

Se os estímulos da ira, da tristeza e da cobiça me perseguem, e vejo-me forçado a abandonar a mansidão que me propusera como um ideal amado, a fim de não ser vencido pela cólera, e não ser levado à amargura e ao fel, do fundo da alma lançarei um gemido: *Ó Deus, vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-vos em socorrer-me!*

Se, tentado pela acédia, pela vanglória ou pelo orgulho, a negligência e a tibieza alheia despertarem em mim certo sentimento de complacência, para que não me deixe sucumbir por essa perniciosa sugestão do inimigo, direi, com profunda contrição: *Ó Deus, vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-vos em socorrer-me!*

Extirpado o tumor da soberba, alcancei a graça da humildade e da simplicidade, por uma contínua compunção do espírito. Mas, temendo que de novo: *Não me pisem os pés dos soberbos, nem me expulsem as mãos dos malvados* (Sl 35,12), exclamarei com todas as forças: *Ó Deus, vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-vos em socorrer-me!*

Extenuado por inúmeras divagações do espírito e pela instabilidade do coração, e incapaz de reprimir a dispersão dos pensamentos, não consigo rezar sem ser assediado por imagens

vãs, lembrança de palavras ditas ou ouvidas, de coisas que já fizera ou vira fazer. Com alma semelhante a um deserto árido, sinto que não estou em condições de conceber qualquer pensamento espiritual. Para conseguir libertar-me de tal desolação, visto que dela não é possível salvar-me nem com lágrimas, nem com suspiros, só me resta implorar: *Ó Deus, vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-vos em socorrer-me!*

Recuperada novamente a direção da minha alma e estabilizados os pensamentos, readquiri, também, o júbilo do coração e uma alegria inefável unida aos êxtases espirituais. E tudo isso me foi concedido pela visita do Espírito Santo. Pois, além de uma exuberância espiritual, graças a uma iluminação do Senhor, percebi que me eram revelados os mistérios mais sagrados que até então me tinham sido ocultos.

Para merecer conservar-me nesse estado luminoso durante muito tempo, clamarei freqüentemente com toda a solicitude: *Ó Deus, vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-vos em socorrer-me!*

Sou assaltado por diabólicos terrores noturnos, e os espíritos imundos amedrontam-me com seus fantasmas; o excessivo pavor chega a tirar-me a esperança da salvação e da própria vida. Como em um porto de salvação, refugio-me naquele versículo, clamando: *Ó Deus, vinde em meu auxílio; Senhor, apressai-vos em socorrer-me!*

Vejo-me, novamente reanimado pelas consolações do Senhor e como que reavivado por sua vinda, parecendo-me estar rodeado por uma multidão de anjos, então, aqueles que eu temia mais que a própria morte, e cujo contato e, até mesmo a simples aproximação, era suficiente para enregelar-me o corpo e a mente, a esses, de repente, sou capaz de enfrentar e desafiar para a luta. Para perseverar muito tempo nesse vigor sobrenatural, exclamarei, ainda, com todas as forças: *Ó Deus, vinde em*

meu auxílio; Senhor, apressai-vos em socorrer-me!

Assim, esse versículo deve ser nossa oração permanente: na adversidade, para dela sermos libertados e na prosperidade, para que nela nos possamos manter sem que o orgulho nos infle o espírito. Por isso, seja ele continuamente meditado em teu coração. Empenhado em qualquer trabalho ou ocupado em algum ofício, não te canses de repeti-lo. Ao comer, dormir ou descansar, ou em qualquer outra circunstância da vida humana, medita-o, pois tal pensamento se tornará para ti uma fórmula de salvação que, não apenas te protegerá de todas as invectivas demoníacas, como também te purificará de todos os vícios e de toda a impureza terrena, elevando-te até à contemplação das coisas celestes e invisíveis, e àquele fervor inefável na oração que tão poucos conseguem experimentar. Encontre-te o sono a meditar esse versículo, até que, disciplinado por sua meditação constante, sejas capaz de repeti-lo mesmo adormecido. Ao acordares, seja essa invocação a primeira coisa que te ocorra antes de qualquer outro pensamento. E, ao recomeçares tua jornada, não deixes que se obscureça por nenhuma outra idéia.

Reza-o de joelhos, ao levantar-te, e em seguida, acompanhe-te ele em todos os teus trabalhos e ações sem que jamais te abandone. Meditá-lo-ás, segundo o preceito do Legislador: *sentado em tua casa, ou andando pelo caminho* (Dt 6,7), dormindo ou levantando-te. Escrevê-lo-ás no limiar de tua porta, sobre teus lábios, nas paredes de tua morada e no santuário de teu coração, pois assim será o único refrão quando, prostrado, te puseres a orar ou, ainda, quando te ergueres, para os afazeres da vida. Tornar-se-á, sem dúvida, tua constante oração.

11 - *A oração perfeita que se alcança pelo método já exposto*

É indispensável, então, que a alma guarde, incessantemente, essa fórmula, uma vez que, à força de repeti-la e meditá-

la sem trégua, ela se torne tão enraizada que o orante recuse e rejeite todas as riquezas e benefícios de toda espécie de pensamento. Assim, o espírito restrito à pobreza desse único versículo, alcance, por um declive fácil, a primeira das bem-aventuranças evangélicas: *Felizes os pobres em espírito porque deles é o reino dos céus* (Mt 5,3).

Assim, quem se tornar um pobre insigne, graças a tal pobreza, será capaz de cumprir a palavra profética: *O pobre e o indigente louvarão o nome do Senhor* (Sl 73,21). De fato, será possível maior e mais santa pobreza do que a de um homem que, sabendo-se privado de qualquer arrimo ou recurso, solicita da generosidade de outro o socorro cotidiano de que necessita, convicto de que toda sua vida e todo o seu ser são sustentados a cada instante pelo auxílio divino? Assim, ele confessa, com toda a justiça, ser um verdadeiro mendigo de Deus, e o dia todo lhe dirige sua súplica: *Sou um pobre e um mendigo, mas o Senhor é meu socorro* (Sl 39,18 – LXX).

Então, pela iluminação do próprio Deus ele alcançará a multiforme ciência divina, e se saciará com a contemplação dos mistérios mais sublimes e profundos, conforme as palavras do profeta: *Os altos montes são refúgio dos cabritos e os rochedos são abrigo das marmotas* (Sl 103,18).

Esse texto se adapta com a maior propriedade ao sentido que já expusemos. Pois, quem persevera na inocência e na simplicidade não prejudica nem molesta ninguém; ao contrário, feliz com sua simplicidade, mais não deseja que um abrigo que o deixe a salvo da rapina de seus inimigos insidiosos. Transformando-se em uma espécie de ouriço espiritual, e encontrando refúgio e proteção sob a rocha evangélica, torna-se, assim, protegido pela lembrança da paixão do Senhor, e a meditação constante daquele versículo, escapando a todas as ciladas e investidas do inimigo. No livro dos Provérbios há uma menção a respeito desses ouriços espirituais: *Os ouriços, espécie fraca,*

construíram sua habitação nos rochedos (Pr 30,26 – LXX). Com efeito, que existe de menos forte que um cristão, de mais frágil que um monge? Não apenas é desprovido de qualquer recurso para vingar as injúrias que recebe, como também falta-lhe o direito de conceber a mais leve reação, mesmo que somente íntima e sem nenhuma manifestação verbal.

Aquele que alcançou tal estado e continua a progredir não só possui a simplicidade da inocência, mas ainda, revestido da virtude da discrição, torna-se o exterminador das serpentes venenosas e mantém satanás esmagado sob os pés. O ardente fervor de sua alma faz com que ele se assemelhe a um cervo espiritual, apascentando-se nas montanhas dos profetas e dos apóstolos e saciando-se com seus sublimes e misteriosos ensinamentos.

Revigorado por esse alimento espiritual, de que se nutre infatigavelmente, impregna-se de tal maneira dos sentimentos expressos nos salmos, que doravante passará a recitá-los não mais como composições do profeta, mas como se fosse ele próprio seu autor, transformando essa salmodia em oração pessoal, impregnando-a da mais profunda compunção. O monge considera, então, que eles foram escritos especialmente para ele e que, rezando-os, exprime não apenas o que foi realizado historicamente em relação ao profeta, mas também tudo quanto se verifica cotidianamente em sua própria experiência.

Com efeito, as Sagradas Escrituras nos são reveladas, de certo modo, com maior clareza e são suas veias e suas entranhas que nos são expostas, uma vez que não só nossa experiência nos permite reconhecê-las como também pressupõe esse mesmo conhecimento, já que o significado das palavras não nos é transmitido através de explicações, mas mediante nossa própria vivência. Imbuídos dos mesmos sentimentos que inspiraram o canto ou a composição dos salmos, tornamo-nos como que seus co-autores, pois, mais do que acompanhar seus pensamentos,

antecipamo-nos a eles e captamos seu sentido. São como que, por assim dizer, recordações despertadas em nós pelas santas palavras. Lembramo-nos, assim, das investidas diárias, que suportamos no passado e ainda agora suportamos; dos efeitos de nossa negligência; das conquistas obtidas por nosso zelo e dos benefícios propiciados pela divina Providência; das instigações fraudulentas do inimigo; das frustrações devidas ao sutil e fugaz esquecimento; dos erros causados pela fragilidade humana ou pela cegueira de uma ignorância imprevidente. De fato, encontramos todos esses sentimentos expressos nos salmos, mas, como os contemplamos com muita clareza, como refletidos num espelho puríssimo, temos de tudo que nos foi dito um conhecimento profundo. Instruídos por nossos próprios sentimentos, não são para nós, como coisas que nos foram ensinadas, mas como algo que, por assim dizer, apalpamos por as haver compreendido profundamente, não como coisas confiadas à nossa memória, mas ao contrário, geradas por nós do fundo do coração, à semelhança de sentimentos naturais que fazem parte de nosso ser. Pois não é a leitura que nos faz compreender o sentido dessas palavras, mas nossa própria experiência (cf. VIII,25).

Por esse método, nossa alma conseguirá alcançar aquela pureza de oração que foi o escopo de nossa precedente conferência e ao qual pretendi chegar, na medida da graça que o Senhor se dignou me conceder. Não se vincula essa oração à consideração de qualquer imagem, nem se expressa através de palavras ou de sons, mas se lança num fluxo ardente da alma, por um transporte insaciável do espírito. Arrebatada para fora dos sentidos e de toda a matéria visível, a alma se eleva até Deus com gemidos inefáveis e ardentes suspiros.

12 - *Como conservar imutáveis os pensamentos espirituais*

Germano: Além de teres exposto essa doutrina espiritual,

como havíamos pedido, apresentaste também, com clareza e luminosidade, a própria doutrina da perfeição. Pois haveria, caminho mais curto e mais sublime para o encontro com Deus que a meditação de um único versículo que nos faz transpor todas as fronteiras do visível e encerra em tão poucas palavras todos os sentimentos que uma oração é capaz de expressar?

Resta-nos então uma só coisa cuja explicação pedimos. Por que meio poderemos fixar, no espírito, permanentemente, esse versículo que nos ofereceste como fórmula de oração, a fim de que, libertados pela graça de Deus da inépcia dos pensamentos mundanos, nos firmemos imutavelmente nos pensamentos espirituais.

13 - *A mobilidade dos pensamentos*

Acontece, às vezes, que acorre à nossa mente alguma passagem de um salmo e desejamos meditá-la. Mas, inconscientemente, ela se escapa e partimos para outro texto da Escritura. Começando o espírito a meditar e a aprofundar esse último, um novo texto surge na memória, expulsando o precedente. Nesse meio tempo, insinua-se ainda outro versículo que provoca nova mudança. Assim, a alma, voluteando continuamente de um salmo a outro, de um texto do Evangelho a um do Apóstolo, e deste saltando para os profetas e dali para os relatos espirituais, inconstante e volúvel, rodopia de um lado para o outro, através de todo o corpo da Escritura, incapaz, por sua própria vontade, de se fixar ou rejeitar alguma coisa ou, tampouco, apreender, aprofundar ou esgotar qualquer texto, restando-lhe tão-somente tocá-los ou prová-los superficialmente, sem experimentar ou penetrar seu sentido espiritual e sem deles tirar o mínimo proveito. Sempre irrequieta e a vaguear, perdido o rumo, mesmo durante a sinaxe, a alma, como que ébria, divaga a esmo e nada

consegue desempenhar satisfatoriamente. Desse modo, se reza, vem-lhe à memória algum salmo ou alguma leitura já feita; se canta, medita outra coisa alheia ao conteúdo do salmo; se recita alguma leitura, recorda-se de algo que deveria fazer. Assim, nada acolhendo e nada recusando, como exigem a disciplina e a ocasião, a alma parece agir como um joguete de combinações fortuitas sem nenhuma possibilidade de se fixar nas coisas em que se compraz.

Portanto, é imprescindível que aprendamos a bem desempenhar esses exercícios espirituais, ou, pelo menos, a guardar imutavelmente em nosso espírito, o versículo que nos ofereceste como fórmula de oração, a fim de que nossas idéias não flutuem num perpétuo vai-e-vem, segundo sua inconstante mobilidade, mas permaneçam sob o domínio de nossa vontade.

14 - *Como é possível adquirir a estabilidade do coração e dos pensamentos*

Isaac: Parece-me ter respondido de maneira bastante satisfatória à vossa pergunta, quando tratei anteriormente do estado de oração, todavia, atendendo a vosso insistente pedido de voltar a esse assunto, direi, embora de maneira sucinta, como alcançar a estabilidade do coração. Três são os instrumentos que contribuem para estabilizar um espírito dissipado: as vigílias, a meditação e a oração. A fidelidade e o empenho na prática desses exercícios conferem à alma uma inabalável firmeza. Tal firmeza, porém, não será adquirida, a menos que, precedentemente, não se tenha excluído qualquer solicitude e cuidado com a vida presente, por uma dedicação contínua ao trabalho, e isso, não se tendo em vista qualquer motivo ambicioso, mas apenas encarando as necessidades sagradas do mosteiro, uma vez que só assim nos será possível cumprir o preceito do Apóstolo: *Orai sem cessar* (1Ts 5,17).

Na verdade, quem reza apenas quando se põe de joelhos, reza muito pouco, e aquele que, mesmo com os joelhos em terra, se deixou levar pelas divagações do próprio coração, nem sequer rezou.

Assim, é imprescindível que, antes da oração, cada um procure revestir-se das disposições que gostaria de ter durante o tempo que lhe vai consagrar. Por isso convém que, antes da oração, já nos encontremos com as mesmas disposições com que desejaríamos ser encontrados naquela ocasião, pois é uma lei indiscutível que as condições da alma do orante dependem de seu estado anterior.

Desse modo, ou ele ascende às coisas celestes, ou arrasta-se para as terrenas, de acordo com os pensamentos com que antes se entretinha.

Termina aqui a segunda conferência que o abade Isaac nos fez e que ouvimos com imensa admiração. Profundamente impressionados por sua doutrina sobre a meditação do mencionado versículo, que ele expusera como uma prática a ser observada pelos principiantes, ficamos também nós com intenso desejo de experimentar esse método. Acreditávamos tratar-se de um exercício conciso e fácil. A experiência mostrou-nos, então, ser ele menos simples e mais difícil do que o antigo procedimento em que passávamos de um texto a outro, através de todo o corpo da Escritura, sem nenhuma referência específica e sem nos fixarmos em nenhum deles.

Conclui-se, portanto, que ninguém está excluído do caminho da perfeição por falta de cultura. E uma educação menos esmerada não é empecilho para que se alcance a pureza do coração e da alma. Todos, no entanto, podem alcançá-la se,

conservando o espírito puro e íntegro voltado para Deus, se dedicarem à prática da meditação ininterrupta daquele simples versículo aconselhado.

PREFÁCIO DE CASSIANO PARA A COLEÇÃO DAS CONFERÊNCIAS XI A XVII[1]

A perfeição a que chegastes vos faz refulgir neste mundo como um luzeiro de admirável claridade, e muitos monges santos, edificados por vosso exemplo, emulam-se com grande esforço em imitar vossa virtude. No entanto, santos irmãos Honorato e Eucherio, estais de tal modo fascinados pela glória dos homens sublimes, que primeiramente nos transmitiram os fundamentos da vida anacorética, que um dos vossos, dirigente de um numeroso cenóbio, deseja que sua congregação, para a qual vossa experiência de vida já constitui uma grande lição, seja instruída de acordo com os ensinamentos daqueles Pais. Um outro, também, se propõe a penetrar até os confins do Egito, no intuito de testemunhar pessoalmente a experiência de vida daqueles anciãos.

Por isso, deixando vossa província que lhe parecia entor-

---

[1] Embora os volumes de "Sources Chrétiennes" agrupem as Conferências de maneira diferente da adotada pelo próprio Cassiano, é evidente que pretendem apresentar sua obra tal como seu autor a compôs. Daí, os prefácios colocados por Cassiano como cabeçalhos das três coleções: I-X, XI-XVII, XVIII-XXIV, têm direito ao lugar que lhes compete.Tais conferências se apresentam como cartas enviadas a alguns monges. Esta foi endereçada a Honorato e Eucherio. Honorato, fundador e primeiro abade do mosteiro de Lérins, foi mais tarde bispo de Arles (426); tendo morrido em 429. Eucherio, primeiramente monge de Lérins, tornou-se depois bispo de Lião.

pecida sob o céu glacial da Gália, desejou levantar vôo, à semelhança de uma casta rolinha, até aquelas famosas terras que o sol da justiça contempla bem de perto, e onde uma profusão de virtudes faz brotar seus frutos amadurecidos.

Desde então, o aguilhão da caridade me espicaçou. E, tomado de preocupações com o desejo de um e as fadigas do outro, não mais fugi ao perigo tão temível de escrever, esperando tão-somente que ao primeiro seja aumentada a autoridade perante seus filhos, e ao segundo seja poupada uma arriscada navegação. Uma vez que vossa fé e vosso fervor não se puderam contentar com os doze volumes sobre as *Instituições Cenobíticas,* escritas como me foi possível, em memória do bem-aventurado bispo Castor, e também com as dez conferências dos Pais do deserto de Cétia, por mim organizadas, por solicitação dos bispos Heládio e Leôncio, eis agora sete conferências escritas no mesmo estilo e que considero de meu dever vos dedicar. Eu as ouvi de três Pais que residem em outro deserto, os primeiros que consegui visitar. Assim podereis conhecer, por meio destas, o prosseguimento de minha viagem. Além disso, elas completarão o que meus escritos precedentes podem ter contido de obscuro ou de incompleto sobre o tema da perfeição.

Se não conseguirem estancar a sede realmente santa que vos anima, outras sete conferências, que devo remeter aos santos das ilhas Stecades, satisfarão, espero, vossos ardentes desejos.

XI

PRIMEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE QUEREMOM

A Perfeição

1 - *A cidade de Tenessos*

No tempo em que habitávamos o mosteiro da Síria, após termos recebido os primeiros rudimentos da fé e conseguido certo progresso, sentimo-nos atraídos a uma perfeição mais profunda e resolvemos partir imediatamente para o Egito. Gostaríamos de penetrar até o mais remoto deserto da Tebaida, a fim de visitar o maior número possível de santos cuja fama se havia espalhado por todo o mundo e, mesmo sem a capacidade de imitá-los, desejávamos, ao menos, poder conhecê-los.

A travessia nos levou a uma cidade do Egito chamada Tenessos, circundada de todos os lados pelo mar ou pelos lagos salgados.

Não dispondo de terras que pudessem ser cultivadas, seus habitantes dedicavam-se exclusivamente ao comércio marítimo, dele tirando todos os recursos. Essa deficiência de terra acabou por levar os moradores de Tenessos a importar, de lugares longínquos, através de seus navios, o material necessário se desejassem realizar alguma construção.

2 - *O bispo Arquébio*

Querendo Deus favorecer nossos desejos, fez com que nossa chegada coincidisse com a vinda do bispo Arquébio, homem de eminente santidade e grande notoriedade. Depois de arrebatado à comunidade dos anacoretas para tornar-se bispo de Panéfisis, nunca abandonou, durante toda sua vida, a estrita observância da solidão, e em nada, também, amenizou sua extrema obediência, jamais se permitindo qualquer negligência na antiga humildade. Tampouco se ufanava da dignidade com que o haviam distinguido. De fato, considerava que, se o tinham designado para essa missão, não fora graças às suas aptidões para cumpri-la, lamentando tão-somente ter sido expulso, como indigno, da vida anacorética, pois julgava não ter sabido alcançar a pureza de coração exigida por tão elevada profissão.

A eleição de um bispo o levara a Tenessos naquele dia, e ele nos recebeu com todos os sinais da mais afetuosa caridade. Ao saber de nosso desejo de visitar os Pais até as mais longínquas províncias do Egito, disse-nos: "Vinde, vinde, e, nesse ínterim, podereis conhecer os anciãos que residem não muito longe de nosso mosteiro. A idade avançada já faz com que seus corpos se inclinem para a terra, e a santidade brilha com tal esplendor em seus rostos que apenas a contemplação daqueles monges já equivale a um profundo ensinamento. Eles vos transmitirão aquilo que infelizmente eu não vos poderei comunicar, e a sua santa vivência vos instruirá mais que suas palavras. Minha indigência impede-me de vos oferecer qualquer coisa. E, uma vez que não possuo a preciosa pérola do Evangelho, que ora buscais, indicar-vos-ei, porém, onde a podereis comprar" (cf. Mt 13,45).

3 - *Descrição do deserto em que habitavam Queremom, Nesteros e José*

Em seguida o bispo Arquébio, tomando o bastão e a pe-

quena sacola própria dos monges itinerantes, nos conduziu ele próprio até Panéfisis, sede de seu episcopado. Essa cidade fora outrora tão opulenta, e seus arredores tão férteis que, segundo o que dizem, fornecia tudo quanto necessitava a mesa real. Todavia, um violento terremoto de tal modo agitou o mar que o fez transpor seus limites, submergindo todas as aldeias e transformando aqueles campos fecundos em pântanos salgados, semelhantes aos que o profeta menciona em sentido espiritual no salmo 106: *Mudou águas correntes em deserto e fontes de água borbulhante em terra seca; transformou as terras férteis em salinas, pela malícia dos que nelas habitavam* (Sl 106,33 ss).

Diversas povoações construídas em pontos elevados foram abandonadas por seus moradores e formaram uma espécie de ilhas em meio àquela inundação. Assim, os santos que partiam em busca de solidão encontravam nesses lugares um retiro favorável e o isolamento desejado. Portanto, foi aí que se fixaram em minha companhia três anacoretas de idade provecta: Queremom, Nesteros e José.

4 - *O abade Queremom e o pretexto alegado para recusar a conferência solicitada*

O santo bispo Arquébio preferiu nos levar, em primeiro lugar, ao abade Queremom, visto ser este o mais próximo do mosteiro e também o mais idoso dos três. Já completara cem anos e só o espírito permanecia ainda alerta. A idade e o hábito da oração de tal maneira o haviam curvado que estava quase reduzido à altura de sua primeira infância, locomovendo-se apenas com o auxílio das mãos. Os membros ressequidos pareciam já mortos e, no entanto, ele se mantinha rigorosamente observante de suas antigas austeridades. Ao mesmo tempo em que contemplávamos a extraordinária beleza de sua face e aquele

estranho caminhar, pedimos-lhe humildemente que nos comunicasse algumas palavras sobre sua doutrina, confessando-lhe que nosso desejo de conhecer os fundamentos e as instituições da vida espiritual fora a verdadeira causa de nossa visita.

Gravemente e a suspirar o ancião nos respondeu: "Como posso expor-vos minha doutrina? A fragilidade da velhice, obrigando-me a mitigar o antigo rigor, reduziu-me também a coragem de falar. E como terei a presunção de vos ensinar aquilo que eu próprio já não pratico? Como vos recomendarei a observância do que eu mesmo já deixei de fazer ou faço tão mal? Por isso não permiti até o presente que monges jovens viessem residir em minha companhia, receando que meu exemplo lhes pudesse arrefecer o fervor. Os ensinamentos do mestre carecem de autoridade a menos que não se gravem pelo exemplo no coração do ouvinte."

5 - *Nossa resposta*

Completamente confusos por essas palavras e grandemente compungidos, respondemos ao abade: "Para nossa edificação, seria suficiente considerar o lugar em que vives e a solidão que suportas e que até para jovens robustos seria difícil enfrentar. Teu silêncio mesmo significa para nós um grande ensinamento e nos comunica uma profunda compunção, todavia, suplicamos que o rompas por alguns momentos para auxiliar-nos, já não ousamos dizer, a imitar tua virtude, mas, tão-somente, para podermos contemplá-la. Nossa tibieza, que talvez o Senhor te tenha revelado, não merece receber a graça que pedimos, mas, concede-a, ao menos, por causa das fadigas de uma viagem extremamente penosa, pois viemos do mosteiro de Belém até aqui, unicamente pelo desejo de ouvir teus ensinamentos e pelo amor a nosso progresso."

6 - *Resposta do abade Queremom: os três meios de combater os vícios*

Então o bem-aventurado Queremom assim nos falou: "O homem dispõe de três meios para evitar os vícios: o medo do inferno e das leis humanas; a esperança e o desejo do reino dos céus; a tendência ao bem e o amor às virtudes. Com efeito, o medo execra o contágio com o mal, pois está escrito: *O temor do Senhor odeia o mal* (Pr 8,13). A esperança também repudia todos os vícios, porque: *Os que esperam em Deus não pecarão* (Sl 33,23). E o amor não teme a ruína dos pecadores *pois a caridade jamais acabará* (1Cor 13,8); e ainda: *A caridade cobre uma multidão de pecados* (1Pd 4,8). Eis por que o bem-aventurado Apóstolo faz consistir toda a economia da salvação na prática perfeita dessas três virtudes. *Agora*, declara ele, *permanecem a fé, a esperança e a caridade* (1Cor 13,13). A fé afugenta os vícios pelo temor do juízo final e dos suplícios eternos; a esperança leva nosso espírito ao desapego da vida presente e, ante a expectativa das recompensas eternas, nos impele à rejeição dos prazeres corporais. Mas é a caridade que, inflamando-nos o coração com o amor do Cristo e das virtudes espirituais, nos inspira uma profunda aversão a tudo que lhe seja contrário.

Embora essas três virtudes pareçam tender para o mesmo fim, enquanto nos induzem à abstenção das coisas ilícitas, há entre elas grande diferença pelo grau de primazia que as distingue. As duas primeiras são próprias dos que se iniciam na busca da perfeição, mas que ainda não possuem o amor à virtude. A terceira, porém, é específica de Deus e daqueles que receberam a sua imagem e semelhança, porque é próprio unicamente de Deus fazer o bem, sem que seja induzido pelo medo ou pela espera de uma recompensa, mas exclusivamente por bondade. Pois, como diz Salomão: *O Senhor tudo criou para si mesmo* (Pr 16,4). Foi sua bondade que o fez espalhar com fartura seus

benefícios sobre os bons e os maus. As ofensas dos homens não o cansam jamais, nem o irritam suas iniqüidades. Sua bondade permanece sempre perfeita e sua natureza, imutável.

7 - *Os degraus pelos quais se ascende à perfeição da caridade*

Aquele que aspira ao estado de perfeição deve superar esse primeiro degrau do temor, já indicado por nós como próprio da condição servil e do qual se escreveu: *Quando tiverdes feito tudo o que vos mandarem, dizei: somos servos inúteis* (Lc 17,10). Vencida essa etapa, elevar-se-á, por um progresso contínuo, ao degrau superior da esperança, não mais condizente com a posição do escravo, apropriado, todavia, à condição do mercenário. Pois a esperança fica à espera de uma recompensa. Confiante no perdão dos pecados e sem receio do castigo e, ainda, consciente das boas obras praticadas, ele se encontra na expectativa do prêmio que o Senhor, benévolo, graças à sua conduta, na certa lhe concederá. No entanto, ele não chegou ainda àquele amor filial que, confiando na indulgência e na liberalidade paternas, sabe que tudo quanto é do pai também é seu.

A esse estado não ousava aspirar o pródigo do Evangelho, acreditando que, ao dissipar os bens paternos, perdera também a condição de filho. *Não mereço ser chamado teu filho, trata-me como a um dos teus empregados* (Lc 15,19). Após ter desejado saciar-se com a comida lançada aos porcos, sem dela se ter podido fartar, vale dizer, depois de se ter alimentado dos vícios mais vergonhosos, ele cai em si e, tocado de um temor salutar, horroriza-se com a imundícia dos porcos e receia o cruel tormento da fome. Esses sentimentos lhe dão a impressão de se ter tornado um escravo e, pensando no pagamento que recebem os daquela categoria, almeja ser um deles. E diz consigo mesmo: *Quantos empregados de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui a morrer de fome. Vou voltar para meu pai e dizer-lhe:*

Pai, pequei contra Deus e contra ti, já não mereço ser chamado teu filho, trata-me como um dos teus empregados (Lc 15,17-19).

No entanto, o pai corre ao encontro do filho, acolhe aquela palavra de humilde confissão, inspirada pela ternura, com uma ternura ainda maior. E, não satisfeito de conceder ao filho o solicitado, restitui imediatamente a este sua antiga dignidade. Também nós, empenhemo-nos em alcançar esse terceiro grau próprio dos filhos que reconhecem como seu, tudo quanto pertence ao pai. E, pela graça de uma caridade inabalável, procuremos receber em nós essa imagem e semelhança com o Pai celeste para que possamos proclamar, imitando o verdadeiro Filho: *Tudo o que o Pai tem é meu* (Jo 16,15).

É também o que o Apóstolo nos anuncia, ao dizer: *Tudo vos pertence: Paulo, Apolo, Cefas, o mundo, a vida, a morte, as coisas presentes e as futuras. Tudo é vosso* (1Cor 3,22). É o próprio preceito do Senhor que nos convoca a essa semelhança: *Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito* (Mt 5, 48).

Nos primeiros graus, o amor do bem é algumas vezes interrompido, quando a tibieza, a alegria ou o prazer vêm fragilizar o vigor da alma, privando-a do medo do inferno ou do desejo das recompensas eternas. Todavia devemos reconhecê-los como que patamares, isto é, etapas de uma aprendizagem para alcançarmos a caridade, pois, segundo o apóstolo João: *Não há temor no amor, ao contrário, o perfeito amor exclui o temor, porque o temor implica um castigo, e o que teme não chegou à perfeição. Amemos, portanto, porque Deus nos amou primeiro* (1Jo 4,18-19). Não há outro caminho para ascendermos à verdadeira perfeição. Porque Deus nos amou, em primeiro lugar, tendo como único objetivo a nossa salvação. É assim que urge amá-lo, também, unicamente por reciprocidade ao seu amor.

Esforcemo-nos, portanto, com intenso fervor, para passarmos do temor à esperança, e da esperança à caridade de Deus

e ao amor das virtudes; emigremos por amor ao bem, e permaneçamos fixos nesse amor, tanto quanto for possível à natureza humana.

8 - *Superioridade dos que renunciam ao vício pela prática da caridade*

Existe grande diferença entre um homem que mortifica os estímulos do vício pelo temor do inferno e pela esperança da recompensa futura, e um outro que dele se afasta motivado pelo sentimento da divina caridade e por horror ao mal e às suas impurezas. Aquele que possui o tesouro da pureza unicamente pelo amor e desejo da castidade não pensa nas recompensas futuras, mas se regozija com a consciência de que o bem presente lhe proporciona, e tudo faz, não por temer uma punição, mas por encontrar sua felicidade na prática da virtude. Este, mesmo que sem ninguém para testemunhar, evita as ocasiões de pecado e não se apraz com as tentações dos deleites ocultos. Porque o amor sincero que nutre pela virtude o faz expulsar do coração tudo quanto lhe é contrário, por inspirar-lhe verdadeiro horror. Pois uma coisa é odiar o contágio do vício e da carne, pelo amor da virtude já alcançada, e outra coisa é refrear a concupiscência ilícita em vista da recompensa futura. Uma coisa é temer a perda de algo que já se possui, outra, recear males vindouros. Enfim, é sinal de um estado de perfeição bem mais avançado ser virtuoso por amor à virtude, que evitar o mal por receio à punição. Porquanto, no primeiro caso o bem é voluntário, enquanto que no segundo, parece forçado e obtido com dificuldade, pelo receio dos suplícios ou pelo desejo das recompensas.

Assim, o que renuncia às seduções do vício por temor, se removido o medo, retornará ao objeto de seu amor. Nunca possuirá a estabilidade no bem, e jamais ficará imune aos assaltos

do mal, já que não estará de posse da paz profunda e permanente proporcionada pela castidade. De fato, onde reinam as inquietações da guerra, torna-se impossível escapar sem o risco de ferimentos. O soldado, por exímio que seja no combate e destemido na luta, embora tenha desferido contra o inimigo golpes fatais, estará ele próprio inexoravelmente exposto a ser atingido. Ao contrário, aquele que superou os assaltos dos vícios fruirá sempre de uma profunda paz, não tendo outra inclinação senão o amor à virtude. Assim, irá perseverar nesse estado sem dificuldade, uma vez que já se entregou a ele sem reservas, julgando não existir maior infortúnio que uma transgressão à sua castidade.

Considera a pureza seu mais valioso e maior tesouro, e o maior dos danos a virtude perniciosamente arruinada pela contaminação com o vício. O testemunho e a consideração dos homens, bem como o respeito humano em nada irão alterar a sua observância, e também a solidão não a mitigará. Sempre e em qualquer lugar ele está consciente da presença do supremo juiz, e sua consciência regerá não somente seus atos, mas ainda seus pensamentos, pois, seu principal empenho será agradar àquele juiz ao qual ninguém pode iludir, enganar ou evitar.

9 - *A caridade transforma o escravo em filho, conferindo-lhe simultaneamente a imagem e semelhança de Deus*

Se alguém, não presumindo de suas forças, mas confiando na graça divina, mereceu chegar a tais disposições, abandonará a condição servil, caracterizada pelo temor e pelo desejo mercenário da esperança, mais veiculada à recompensa do que à bondade daquele que a concede, e começará a passar à condição de filho adotivo, na qual não mais subsiste o medo nem a ambição do prêmio (cf. 1Cor 13,8). Deus, ao falar sobre o medo e a caridade, mostra o papel que convém a cada pessoa. *O filho honra*

o pai, e o escravo teme o senhor. Se sou pai, qual a honra que me cabe e, se sou o senhor, onde está o temor que me é devido? (Ml 1,6 – LXX). O escravo necessariamente teme *porque, se conhece a vontade de seu senhor e não a cumpre, será açoitado muitas vezes* (Lc 12,47). Todavia, para aquele que o amor fez chegar à imagem e semelhança divinas, a esse apraz fazer o bem pelo próprio bem. Possui a paciência e a mansidão divinas e não se irrita com os defeitos do próximo; ao contrário, vai implorar o perdão por suas fraquezas, por causa da grande piedade e compaixão que sente em relação a estes, pois está lembrado de que sofreu também o aguilhão de paixões semelhantes, até o dia em que aprouve ao Senhor preservá-lo de tais tentações. Sabe que não foi por seus esforços que conseguiu libertar-se das investidas carnais, mas porque aprouve ao Senhor protegê-lo daquelas paixões. E, na absoluta tranqüilidade de seu coração, canta a Deus o seguinte versículo de Davi: *Porque o Senhor me quebrou os grilhões da escravidão, eu lhe ofertarei um sacrifício de louvor* (Sl 115,16-17), e ainda: *Se o Senhor não fosse meu socorro, em breve eu habitaria na região do silêncio* (Sl 93,17).

E essa humilde disposição de sua alma fá-lo-á cumprir o preceito da perfeição evangélica: *Amai vossos inimigos e fazei o bem aos que vos odeiam; orai pelos que vos perseguem e vos caluniam* (Mt 5,44).

Teria assim o merecimento de ser configurado à imagem e semelhança de Deus, e ainda receberia o título de filho. Porque foi dito: *Desse modo vos tornareis filhos de vosso Pai que está nos céus, porque ele faz nascer o sol igualmente sobre maus e bons, e cair a chuva sobre justos e injustos* (Mt 5,45). Foi o que João compreendeu quando disse: *Para que tenhamos plena confiança no dia do julgamento, porque tal como ele é, também somos nós neste mundo* (1Jo, 4,17). Como o homem tão fraco e frágil poderia, na sua natureza, ser semelhante a Deus, senão tentando imitá-lo pela caridade cultivada em seu coração, e

exercida a favor dos bons e dos maus, dos justos e dos injustos? É pela prática do bem pelo próprio bem que se pode chegar a essa adoção de filhos de Deus, a respeito da qual João declara: *Todo aquele que nasceu de Deus não comete pecado porque o nascimento que recebeu de Deus o conserva puro, e o diabo não pode tocá-lo* (1Jo 3,9).

E, novamente: *Sabemos que quem nasceu de Deus não peca, pois o nascimento que recebeu de Deus o conserva puro e o maligno não o toca* (1Jo 5,18).

Não se deve entender isso a respeito de qualquer pecado, mas somente em relação ao pecado mortal. Quanto aos pecadores que não pretendem converter-se ou purificar-se, diz o mesmo Apóstolo: *Se alguém vê seu irmão cometer um pecado que não leva à morte, que ele ore, e Deus dará a vida a esse irmão, se, de fato, o pecado cometido não conduz à morte. Existe um pecado que conduz à morte, mas não é a respeito deste que eu digo que se ore* (1Jo 5,16).

Quanto aos pecados que não são mortais e dos quais os discípulos mais fiéis de Cristo e os mais vigilantes não estão isentos, o Apóstolo assim se exprime: *Se dissermos que não temos pecado enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós* (1Jo 1,8), e ainda: *Se dissermos que não pecamos, fazemos de Deus um mentiroso, e sua palavra não está em nós* (1Jo 1,10). Pois é impossível a quem quer que seja não cair em faltas leves por palavras ou pensamentos, por ignorância, esquecimento, necessidade, vontade ou surpresa e, embora tais pecados não sejam mortais, cumpre que deles nos arrependamos.

10 - *A perfeição da caridade consiste em orar pelos inimigos. Indício pelo qual se reconhece que a alma ainda não está purificada*

Portanto, aquele que chegou ao amor do bem e à imitação

de Deus terá entranhas de misericórdia e, também, irá orar por seus perseguidores, dizendo: *Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem* (Lc 23,34).

De fato, a ausência de compaixão pelas faltas do próximo é um claro indício de uma alma ainda não purificada da sordidez do vício, pois, ao invés de se apiedar daquela situação, é capaz de censurá-la como um rígido juiz. Como poderia alguém chegar à perfeição do amor se ainda não consegue cumprir aquilo que o Apóstolo diz ser a plenitude da lei: *Levai os fardos uns dos outros e assim cumprireis a lei do Cristo*? (Gl 6,2). Pois, na verdade, esse não *possui a caridade que não se irrita, não se orgulha, não julga mal, tudo sofre, tudo suporta* (1Cor 13,4-7). *Porque o justo cuida das necessidades do seu gado, mas o ímpio tem as entranhas cruéis* (Pr 12,10 – LXX). Ora, o monge está sujeito às mesmas faltas que condena nos outros com desumana e rigorosa severidade. Com efeito, *o rei inflexível cairá na desgraça* (Pr 13,17 – LXX). Ora, *Quem se faz de alguma maneira surdo aos gritos do pobre não será ouvido quando ele mesmo clamar* (Pr 21,13 – LXX).

11 - *Porque se diz que são imperfeitos os sentimentos de temor e de esperança*

Germano: Foi com vigor e eloqüência que dissertaste sobre a perfeita caridade de Deus, mas algo ainda muito nos perturba, pois, ao exaltá-la tão bem, nos apresentaste como imperfeições o temor de Deus e a esperança pelas recompensas eternas. Ora, parece-nos que o profeta, sobre esse ponto, enuncia um sentimento completamente oposto, quando diz: *Temei a Deus todos os santos, pois nada falta aos que o temem* (Sl 33,10). E ele ainda confessa: *Inclinei meu coração para a observância de teus mandamentos, tendo em vista a recompensa* (Sl 118,112). Por outro lado, o Apóstolo também nos diz: *Foi pela fé que*

Moisés, ao se tornar adulto, recusou-se a ser chamado filho da filha do Faraó, preferindo ser maltratado com o povo de Deus a gozar por um tempo do pecado. Pois considerava a humilhação de Cristo um tesouro maior do que as riquezas do Egito, porque tinha os olhos fixos na recompensa (Hb 11,24-26). Portanto, como acreditar que tais sentimentos sejam imperfeitos, quando o bem-aventurado Davi se gloria de ter obedecido aos mandamentos divinos na esperança da recompensa, e o legislador desprezou, pelo mesmo motivo, uma adoção régia, preferindo os mais cruéis sofrimentos aos tesouros do Egito?

12 - *Os diferentes graus da perfeição*

Queremom: A Sagrada Escritura convoca nosso livre arbítrio a diversos graus de perfeição, conforme o estado e a capacidade de cada um. De modo algum poderia propor a todos a mesma meta de perfeição, porque todos não possuem a mesma virtude, a mesma vontade e o mesmo fervor. A palavra divina estabelece assim diversos graus e diversas medidas na perfeição. Temos disso uma comprovação evidente na variedade das bem-aventuranças evangélicas, onde se diz: Bem-aventurados os que herdarão o reino dos céus, bem-aventurados os que possuirão a terra, bem-aventurados os que serão consolados, bem-aventurados os que serão saciados (cf. Mt 5,3 ss). E, todavia, achamos que há uma grande diferença entre possuir os céus e habitar a terra, qualquer que seja esta e, também, entre os que são consolados e os que são saciados por terem fome e sede de justiça. E ainda existe uma grande distância entre os que alcançarão misericórdia e os que merecerão extasiar-se com a gloriosíssima visão de Deus: *Um é o brilho do sol, outro é o brilho da lua, e outro o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de brilho. O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos* (1Cor 15,41-42).

É verdade que a Sagrada Escritura louva os que temem a Deus, quando diz: *Bem-aventurados os que temem a Deus* (Sl 127,1), e lhes promete por esse meio uma felicidade perfeita, mas também está escrito: *Não há temor no amor; ao contrário, o perfeito amor lança fora o temor, porque o temor implica um castigo, e o que teme não chegou à perfeição do amor* (1Jo 4,18).

Mesmo que a Escritura louve a glória de servir ao Senhor: *Servi a Deus no temor* (Sl 2,11). E ainda: *É uma glória para ti ser chamado meu servo* (Is 49,6 – LXX). E mais: *Feliz aquele servo que o Senhor, ao chegar, achará assim ocupado* (Mt 24,46). Contudo, Jesus Cristo diz a seus apóstolos: *Já não vos chamarei mais servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas vos chamarei amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai eu vos darei a conhecer* (Jo 15,14-15). E também: *Sereis meus amigos se fazeis o que vos mando* (Jo 15,13). Estais vendo, portanto, que a perfeição abrange diferentes graus, e que Deus nos convida a ascendermos de um patamar a outro, a fim de que aquele que se tornou feliz e perfeito no temor de Deus progrida *de virtude em virtude* (Sl 83,8), de perfeição em perfeição e se eleve, na fervorosa prontidão de sua alma e no júbilo da mente, do temor à esperança. Mas ele ouvirá ainda uma vez o chamado divino que o convidará a atingir um estado de maior santidade que é o amor. Aquele que se houver mostrado "servo bom e fiel" (Mt 24,45), merecerá a intimidade reservada aos amigos e a adoção dos filhos (cf. Gl 4,5). É nesse sentido que nossas palavras deverão ser compreendidas. A consideração das punições eternas ou das recompensas celestes, prometidas aos santos, certamente não é inútil mas, embora seja capaz de colocar os que a abraçam no caminho da bem-aventurança, a caridade, na qual se encontra uma confiança maior e uma alegria mais duradoura, afasta a alma do temor servil e mercenário, elevando-a ao amor de Deus e à condição de filho, e ainda torna mais perfeitos os que a pra-

ticam. Como disse o Salvador: *Muitas são as moradas na casa de meu Pai* (Jo 14,2). Todos os astros brilham no céu; mas há grande diferença entre a luz do sol e da lua e a das estrelas (cf. 1Cor 15,41). Assim, o Apóstolo mostra que a caridade excede não apenas o temor e a esperança, como ainda os mais admiráveis carismas concedidos aos homens, porquanto, após haver enumerado todos os dons espirituais, ele se propõe a descrever a caridade, iniciando seu discurso com as seguintes palavras: *Agora vou mostrar-vos um caminho incomparavelmente superior: Mesmo que eu falasse todas as línguas, as dos anjos e as dos homens, se eu não tivesse a caridade seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine. Mesmo que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse caridade, eu nada seria* (1Cor 12,31; 13,1-3). Podeis ver, pois, que nada é mais precioso, nada mais perfeito, nada mais sublime e, direi até, nada mais eterno que a caridade, *porquanto as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, a ciência também será destruída, mas a caridade jamais passará* (1Cor 13,8). Sem ela os mais admiráveis carismas, até mesmo a glória do martírio, se reduzirão a nada.

13 - *O temor que nasce da magnitude da caridade*

Quem, portanto, atingiu a perfeição dessa caridade, elevar-se-á ainda a um grau mais sublime que é o temor na caridade. Tal temor não se origina no terror aos castigos, nem no desejo da recompensa, mas provém da própria magnitude do amor. Trata-se de um misto de respeito e de afeição solícita como a que o filho tem pelo pai, o irmão pelo irmão, o amigo pelo amigo e a esposa pelo esposo. Não teme os maus tratos nem as censuras, mas receia deixar escapar, por mínima que seja, qualquer ofensa capaz de fragilizar o amor. Portanto, não apenas as palavras,

mas também os atos, se revestem de imensa ternura para que essa mútua dileção não se arrefeça, por pouco que seja.

O profeta Isaías expressa, com perfeição, a beleza desse sentimento, ao dizer: *A sabedoria e a ciência serão a riqueza capaz de salvar-te, mas o temor do Senhor é o teu tesouro* (Is 33,6). De fato, o profeta não poderia exprimir com maior clareza a dignidade e o mérito desse temor, uma vez que foi dito que a sabedoria e a ciência divinas, que são as riquezas de nossa alma, só podem ser resguardadas por esse temor de Deus. E é para que se preserve esse temor que as palavras proféticas exortam, não os pecadores, mas os santos, quando diz: *Temei o Senhor, todos os seus santos, porque nada falta àqueles que o temem* (Sl 33,10). Aquele que teme a Deus desse modo certamente alcançou a perfeição. Ora, é certamente a respeito do temor servil que fala o apóstolo João: *Aquele que teme não atingiu a perfeição do amor, porque o temor supõe o castigo* (1Jo 4,18).

Há uma considerável distância entre o temor, ao qual nada falta e que é o tesouro da sabedoria e da ciência, e o outro temor, o imperfeito. Este último outra coisa não é senão *o princípio da sabedoria* (Sl 110,10), e como implica um castigo, está excluído do coração dos perfeitos quando atingem a plenitude da caridade. *Porque o temor não faz parte da caridade, e a caridade perfeita afugenta o temor* (1Jo 4,18).

Com efeito, estando o princípio da sabedoria no temor, onde estaria sua perfeição senão na caridade do Cristo, que contém em si aquele outro temor perfeito, próprio do amor, e considerado não mais o início, porém a plenitude da sabedoria e da ciência? Assim, pois, há dois graus no temor: o primeiro, que é próprio dos principiantes, *que ainda tremem servilmente sob o jugo do senhor* (Ml 1,6 – LXX). E aquele de que também fala o Evangelho: *Não vos chamarei mais servos, porque o servo não sabe o que faz o senhor* (Jo 15,14), e ainda, *o escravo não permanece na casa para sempre, mas o filho permanece* (Jo 8,35).

Por essas palavras a Escritura nos quer persuadir a passar do temor do castigo à plena liberdade do amor e à confiança, apanágio dos amigos e dos filhos de Deus. Enfim, o bem-aventurado Apóstolo, que já transcendera pela virtude da caridade divina aquele grau do temor servil, proclama, com certo desdém àquela espécie de temor, que fora enriquecido pelo Senhor com os dons mais sublimes: *Deus não nos deu um espírito de medo, mas um espírito de força, de amor e de sobriedade* (2Tm 1,7). Depois ele exorta os que cheios de amor ardente pelo Pai celeste e que pela adoção divina se haviam transformado de servos em filhos, dizendo: *Com efeito, não recebestes um espírito de escravos, para recair no temor, mas recebestes um espírito de filhos adotivos, pelo qual chamamos: Abba Pai!* (Rm 8,15). É também acerca do temor inspirado pelo amor de que fala o profeta ao enumerar os sete dons do Espírito Santo que desceram sobre o Homem-Deus no momento da Encarnação: *Sobre ele repousará o Espírito do Senhor: Espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e de piedade* (Is 11,2), finalmente, como coroamento desses dons, ele dirá, *o espírito de temor de Deus o cumulará* (Is 11,3).

Na verdade, esse Espírito se expande de tal modo que, ao se apossar de uma alma, não se atém apenas a uma de suas partes, mas invade-a totalmente. E não poderia atuar diferentemente porquanto, sendo inseparável da caridade, que *nunca se extingue* (1Cor 13,8), não apenas plenifica essa alma, mas dela se apodera sem que os prazeres da terra possam enfraquecer sua ação (cf. 1Jo 4,18). Eis a diferença que existe entre esse temor que se origina da caridade e o temor servil. Foi, pois, desse temor de perfeição que o Espírito cumulou o Homem-Deus, que não apenas veio resgatar o gênero humano, mas oferecer em sua pessoa uma forma de perfeição e um exemplar de todas as virtudes. Quanto ao temor servil, aquele que era o verdadeiro Filho de Deus, *que não cometeu pecado e em cuja boca mentira*

alguma foi encontrada, jamais poderia ter conhecido (1Pd 2,22).

14 - *A castidade perfeita*

Germano: Após nos teres tão bem instruído sobre a perfeição da caridade, desejamos também ardentemente que nos fales sobre a perfeição da castidade, pois não duvidamos que os sublimes graus de amor que mencionaste, e que conduzem à imagem e semelhança divina, não podem existir sem a perfeição da castidade. Mas seria possível conservar essa virtude permanentemente sem que a integridade de nosso coração seja perturbada pelas seduções da concupiscência? Vivendo na carne, ser-nos-ia possível ficar tão distanciados das paixões carnais a ponto de jamais sentir seus aguilhões? Eis o que gostaríamos de aprender.

15 - *Queremom adia a explicação solicitada*

Queremom: Seria o sinal da mais elevada bem-aventurança e de um merecimento singular discorrer constantemente sobre esse sentimento que nos faz aderir ao Senhor, seja no sentido de aprender, seja no de ensinar. Nossos dias e nossas noites, segundo a expressão do salmista, se consumiriam em sua meditação (cf. Sl 1,2). E nossas almas, devoradas por uma fome e uma sede insaciáveis de justiça, se nutririam sem cessar desse alimento celestial. Mas temos também um corpo que é um verdadeiro animal de carga e do qual temos que nos ocupar a exemplo da benigníssima providência de nosso Salvador, para que ele não desfaleça durante a caminhada (cf. Mt,15,32), pois: *O espírito é pronto, mas a carne é fraca* (Mt 26,41). Tomemos, portanto, agora um pouco de alimento, mesmo frugal, para que, uma vez satisfeita essa necessidade, o espírito possa, com mais empenho, aplicar-se à questão que desejais aprofundar.

XII

SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE QUEREMOM

A Castidade

1 - *Palavras do abade Queremom sobre a castidade*

Terminada a refeição, que nos pareceu mais penosa que agradável – tão ávidos estávamos pelo alimento espiritual prometido – o santo ancião, percebendo nossa ansiedade, assim nos falou: "Apraz-me ver não apenas o ardor que demonstrais em aprender, como também a lógica com que formulais vossa questão, pois a ordem com que a apresentais é perfeitamente racional. Com efeito, a plenitude de tão sublime caridade supõe naturalmente a infinita recompensa de uma irrestrita e indefectível castidade, pois essas duas virtudes tão semelhantes estão de tal modo associadas entre si que uma não pode existir sem a outra, e ambas se destinam a proporcionar a mesma alegria e o mesmo prêmio aos que as praticam.

A dúvida que propondes, portanto, se resume no seguinte: o fogo da concupiscência, cujo ardor nossa carne sente como congênito, poderia ser totalmente extinto? Eis o que, por um debate semelhante ao anterior, procurarei esclarecer. Primeiramente examinaremos com grande cuidado o que o bem-aventurado Apóstolo pensa a esse respeito: *Mortificai*, diz ele, *os vossos membros terrenos* (Cl 3,5). Mas, antes de prosseguir, de-

terminemos quais são esses membros que ele nos ordena mortificar. O Apóstolo, por tais palavras, não nos quer recomendar que amputemos as mãos ou os pés ou que nos submetamos a uma bárbara mutilação, mas, pelo amor à santidade perfeita, a destruir o corpo de pecado que, naturalmente, é formado por diversos membros. Em outro lugar ele afirma: *a fim de que esse corpo de pecado seja destruído* (Rm 6,6). E ele próprio explica em que consiste essa destruição ao dizer: *Para que não mais sirvamos ao pecado* (Rm 6,6). E é, gemendo, que pede a sua libertação: *Infeliz que sou! Quem me libertará desse corpo de morte?* (Rm 7,24).

2 - *O corpo de pecado e seus membros*

Este corpo de pecado é constituído por todos os elementos característicos dos vícios. Vinculam-se a ele as faltas cometidas por pensamentos, palavras e atos. Tais membros com muita propriedade são chamados terrestres porque os que deles se servem não poderiam proclamar com autenticidade: *Nossa vivência está nos céus* (Fl 3,20). Em outro trecho o Apóstolo, elencando os membros desse corpo assim se exprime: *Mortificai, pois, os vossos membros terrenos: fornicação, impureza, concupiscência, desejos maus, e a cupidez que é idolatria* (Cl 3,5).

Ele julgou que devia mencionar em primeiro lugar a fornicação, que se consuma pela união carnal. Em segundo lugar, cita a impureza que, mesmo sem a presença de uma mulher, se insinua em nós durante o sono, ou mesmo quando estamos acordados, se negligenciamos nossa vigilância. A lei condenava essa impureza, não só privando os impuros da participação nas carnes dos sacrifícios, como também afastando-os do acampamento da comunidade, e determinava: *Se alguém se encontrar em estado de impureza e comer da carne de um sacrifício de comunhão oferecido ao Senhor, será exterminado do meio do*

seu povo (Lv 7,20 – LXX). *E tudo quanto ele tocar se tornará impuro* (Nm 19,22).

No Deuteronômio também se lê: *Se em teu meio houver um homem que se tornou impuro por causa de um sonho noturno, ele deverá sair do acampamento e não voltará senão após se ter banhado ao cair da tarde. Assim, ao pôr-do-sol poderá voltar ao acampamento* (Dt 23,10-11).

Depois, o Apóstolo considera como terceiro membro do pecado a libidinagem ou luxúria que, aninhando-se no íntimo da alma, pode existir mesmo sem a paixão corporal. De fato, a palavra libidinagem não se origina de *libido,* isto é, aquilo que agrada?

Em seguida, passando dos pecados maiores aos menores, ele enumera como quarto membro os maus desejos [*concupiscentia mala*], que não se refere apenas à impureza, já mencionada, mas ainda a todas as paixões perniciosas que se originam de uma vontade corrompida. Foi a seu respeito que o Senhor falou no Evangelho: *Aquele que olhar para uma mulher com o desejo de possuí-la já cometeu adultério com ela em seu coração* (Mt 5,28). Torna-se muito mais difícil reprimir um desejo da alma se, na ocasião, nos defrontamos com uma presença sedutora. Por isso torna-se evidente que à perfeição da pureza não pode bastar, apenas, a continência corporal, mas cumpre acrescentar-lhe a integridade da mente.

Enfim, Paulo designa como último membro do corpo de pecado a avareza. Referindo-se a esse vício, o Apóstolo pretende mostrar que não apenas estamos impedidos de cobiçar as coisas alheias, mas ainda que devemos até desprezar, com coração magnânimo, aquilo que nos pertence. Os Atos dos Apóstolos mostra-nos ser essa a atitude dos fiéis na Igreja primitiva: *A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo era posto em comum. Aqueles que possuíam terras ou casas, as vendiam,*

traziam o dinheiro e o depositavam aos pés dos apóstolos. Depois, era distribuído, segundo as necessidades de cada um (At 4,32.34-35). E para que não pareça ser essa perfeição apanágio de uns poucos, o Apóstolo classifica a avareza como idolatria (cf. Cl 3,5). Nada mais merecido. Na verdade, quem não socorre as necessidades dos pobres e despreza a lei do Cristo, valorizando mais seu dinheiro que os preceitos do Senhor, comete o crime de idolatria uma vez que prefere o amor de algo material à divina caridade.

3 - *Necessidade de mortificar a fornicação e a impureza*

Vemos, portanto, que, por amor ao Cristo, muitos são capazes não só de abdicar da posse de uma fortuna, como também de estancar de seu coração qualquer sentimento de cobiça; conseqüentemente não seria lícito acreditar na possibilidade de extinguirmos, do mesmo modo, todo ardor da fornicação? Ora, o Apóstolo jamais teria associado uma coisa possível a outra impossível, e muito menos recomendado a prática de ambas se não as julgasse exeqüíveis. E ele está tão seguro de que podemos extirpar de nossos membros a fornicação e a impureza (cf. Cl 3,5), que não se limita a ordenar que as mortifiquemos, mas chega a proibir que tais palavras sejam pronunciadas entre os cristãos: *Fornicação e qualquer impureza ou avareza nem sequer se nomeiem entre vós, como convém a santos. Nem ditos indecentes, picantes ou maliciosos, que não convém, mas antes ações de graças* (Ef 5,3-4).

Além disso, o Apóstolo ensina que tais coisas são perniciosas e nos excluem do reino de Deus, acrescentando: *Pois é bom que saibais que nenhum fornicador ou impuro ou avarento – que é um idólatra – tem herança no Reino de Cristo e de Deus* (Ef 5,5), e em outro lugar declara ainda: *Nem os impudicos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem*

os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os *bêbados, nem os injuriosos, nem os assaltantes herdarão o Reino de Deus* (1Cor 6,9-10). Depois disso, não mais devemos duvidar que possamos abolir completamente de nossos membros a fornicação e a impureza, uma vez que ele nos manda extinguir tais vícios do mesmo modo que fazemos em relação à avareza, às palavras insensatas ou maliciosas, à embriaguez e ao furto, pecados que podemos facilmente debelar.

4 - *Para a obtenção da pureza da castidade não é suficiente o empenho do homem*

No entanto, devemos estar certos de que de nada nos valerá enfrentar as mais rigorosas abstinências, vale dizer, suportar a fome e a sede, as vigílias, o trabalho estafante, a aplicação permanente na leitura, pois nada disso fará com que mereçamos a permanente pureza da castidade. É preciso que pela experiência aprendamos que a perfeição da nossa integridade é um dom liberal da graça de Deus.

Então, qual seria o fruto de nossa perseverança indefectível na prática de tais exercícios espirituais? Alcançar a misericórdia divina mediante tal perseverança e merecer por uma dádiva do Senhor a libertação dos assaltos da carne e da impiedosa tirania dos vícios. Mas não confie alguém, jamais, em alcançar por tais esforços a inviolável castidade pela qual tanto anseia. Por isso, é imprescindível que cada um sinta em relação a tal virtude tanto desejo e tanto amor quanto sentem os avarentos, pelas riquezas, devorados que são pela cobiça, ou os ambiciosos, insaciáveis de honrarias, ou os libertinos exasperados por uma paixão feminina. Enfim, cada um desses, no ardor de uma impaciência excessiva, deseja satisfazer sua paixão. Em contrapartida, aquele que está consumido por um insaciável desejo de perfeita integridade desprezará o alimento, mesmo apetitoso, a bebida, mesmo neces-

sária, o repugnará, renunciará mesmo ao sono, até o exigido pela natureza, ou ao menos, só cederá a ele, com a alma tomada pelo receio e pela desconfiança, de tão pérfido inimigo da pureza e de adversário tão obviamente declarado da castidade.

Pela manhã, verificada sua integridade, alegre-se pela pureza que lhe foi conferida. E compreenda com clareza que não a obteve mediante seu zelo ou sua vigilância, mas que seu corpo só será preservado durante o tempo que aprouver à misericórdia divina.

Quem estiver seguro dessa verdade, reprimirá qualquer sentimento de orgulho que se possa insinuar acerca da própria virtude. Nem a suave tranqüilidade que desfrutará o levará a uma segurança enganosa, pois está persuadido de que, sem o permanente socorro da graça, logo poderia recair na impureza. A fim de que esse auxílio jamais o abandone, urge dedicar-se infatigavelmente e com toda a humildade à oração e à compunção do coração.

5 - *Utilidade dos assaltos carnais*

Quereis uma prova da veracidade do que acabamos de afirmar e que vos convencerá a um só tempo que é para nosso crescimento que suportamos os combates carnais por mais hostis e perigosos que sejam? Considerai os que, pela própria natureza, são impotentes e por que motivo são tão tíbios e covardes na busca da virtude? Não seria por se julgarem impolutos em relação à castidade? Que ninguém imagine, contudo, que, exprimindo-me assim, esteja declarando que entre esses não se encontre alguém capaz da perfeita renúncia.

O que pretendo dizer é que, se alcançaram tal domínio da própria natureza, isso se deve ao combate que travaram com imensa coragem para conseguirem a palma da perfeição e que seu desejo foi tão intenso que suportaram a fome, a sede, as vi-

gílias, a nudez e toda a sorte de privações, não apenas com paciência, mas também com alegria. Pois *o homem no sofrimento trabalha para si mesmo e se esforça para impedir a sua ruína* (Pr 16,26 – LXX), e ainda: *Para o homem faminto mesmo as coisas amargas parecem doces* (Pr 27,7 – LXX). Aliás, nunca podemos dominar ou reprimir o desejo das coisas presentes se não substituirmos tais aspirações nocivas por outras mais nobres e saudáveis. A vivacidade de nosso espírito não nos pode privar de todo desejo ou temor, de toda alegria ou tristeza. Se desejamos banir de nosso coração a concupiscência carnal, é indispensável que o preenchamos com as alegrias espirituais. Assim nossa alma, impregnada por tais desejos, terá doravante onde fixar seus pensamentos, libertando-se das seduções das alegrias constantemente presentes mas tão efêmeras. Quando nossa alma, graças às práticas cotidianas, houver chegado a esse estado, ela fará a experiência do conteúdo deste versículo, que todos nós cantamos, na freqüente salmodia, mas do qual bem poucos têm a perfeita compreensão: *Tenho sempre o Senhor presente ante meus olhos, pois se o tenho ao meu lado não vacilarei* (Sl 15,8).

Somente chegará eficazmente ao pleno entendimento dessas palavras aquele que, tendo alcançado a pureza da alma e do corpo de que falamos, compreenderá que para evitar a recaída no antigo estado, a todo instante foi sustentado pelo Senhor e protegido constantemente por sua destra, isto é, por suas ações santificantes.

Não é à esquerda de seus santos que o Senhor sempre se mantém, mas sim à sua direita porque o homem santo sempre age de maneira direita. Os pecadores e os ímpios não o podem ver, pois não têm esse lado direito onde o Senhor habitualmente permanece. E por isso, não podem dizer como o profeta: *Tenho os olhos sempre fitos no Senhor, pois ele tira meus pés das armadilhas* (Sl 24,15). Tais palavras são válidas tão-somente

na boca daquele que considera todas as coisas deste mundo como perniciosas, supérfluas e inferiores, ao menos em relação à perfeita virtude. Em contrapartida, aquele que busca a perfeição aplica todo seu esforço, todo seu olhar e todo seu zelo em cultivar a castidade do coração de tal modo que, a alma liberta e santificada, acrisolada por essas práticas, se vai aprimorando na medida de seu amadurecimento. A santidade perfeita da alma e do corpo é a meta dessa caminhada.

6 - *A paciência extingue a chama da impureza*

Quanto mais o homem se tornar paciente e manso de coração, tanto mais progredirá na pureza do corpo. Quanto mais dominar a violência tanto mais se radicará na castidade. Pois é impossível evitar as revoltas da carne sem antes reprimir os movimentos da alma.

Uma das bem-aventuranças louvadas por nosso Salvador nos revela essa verdade: *Bem-aventurados os mansos porque eles possuirão a terra* (Mt 5,4). Não nos resta outro recurso para possuir nossa terra, vale dizer, para submeter à nossa vontade a terra rebelde de nosso corpo senão, primeiramente, firmar nosso espírito em paciente brandura. Nos combates desferidos em nossa carne pela paixão, jamais triunfaremos se não revestirmos as armas da mansidão, como diz o salmista: *Os mansos herdarão a nova terra e nela gozarão de imensa paz* (Sl 36,11.29). E o profeta, no decorrer do salmo, nos ensina como obter essa terra: *Espera o Senhor e guarda seus caminhos, e ele te exaltará para que possuas a terra como herança* (Sl 36,34).

É, pois, evidente que ninguém pode chegar à posse daquela terra se não seguir, com mansidão e inalterável paciência, os caminhos austeros e os preceitos do Senhor que, exaltando-o, com sua mão, irá retirá-lo do vício da paixão carnal.

Pois *os mansos possuirão a terra e não só a possuirão,*

como também nela fruirão de uma imensa paz (Sl 36,11). Ao contrário, aquele que em seu corpo continua sujeito às revoltas da concupiscência, não poderá ter a experiência dessa paz de uma maneira estável. Fatalmente os demônios não desistirão de torturá-lo com assaltos cruéis e, ferido por seus dardos inflamados de luxúria, acabará por perder a posse da terra até o dia em que o Senhor *fará cessar as guerras na face da terra, quebrará os arcos, destruirá as lanças e queimará no fogo os escudos e as armas* (Sl 45,10). Esse fogo é aquele que o Senhor veio trazer sobre a terra (cf. Lc 12,49). Os arcos e as armas que ele irá quebrar são os que as potências do mal usavam contra o homem, numa guerra incessante, dia e noite, para transpassar-lhe o coração com as flechas inflamadas das paixões. Mas, quando o Senhor, reprimindo as guerras, o houver libertado de todos os assaltos da carne, ele poderá chegar a um tal estado de pureza, que a confusão, que tanto horror lhe causava, se dissipará e ele começará a comprazer-se nessa nova experiência. Como num puríssimo tabernáculo, ele desfrutará as delícias de uma paz imensa. Na verdade, não disse o salmista que: *Nenhum mal há de chegar perto de ti, nem a desgraça baterá à tua porta*? (Sl 90,10). Pela virtude da paciência, cumprir-se-á a palavra profética, de modo que *ele não só herdará a terra como ainda desfrutará de uma imensa paz* (Sl 36,11).

Com efeito, onde ainda subsistem as perturbações da guerra, ninguém pode gozar de uma paz completa. Pois, na verdade, o profeta não diz apenas: "que se deleitará na paz", mas afirma que essa paz é imensa. Com tal expressão ele demonstra que, de fato, a paciência é o melhor remédio para o coração humano. Segundo a palavra de Salomão: *O homem manso é um médico para o coração* (Pr 14,30 – LXX). Pois não apenas a ira, a tristeza, a acédia, a vanglória e a soberba são extirpadas pela mansidão, mas ainda a concupiscência e a raiz de todos os outros vícios são destruídas por ela.

Também, de acordo com Salomão: *A longanimidade faz a prosperidade dos reis* (Pr 25,15 – LXX). Por isso, aquele que é manso e sereno não se irrita com a cólera nem se turba com a tristeza ou a acédia; não é agitado pela inveja nem inflado pela soberba. É o que afirma o salmo 118: *Os que amam vossa lei têm grande paz e não há nada que os faça tropeçar* (Sl 118,165). Por isso é com toda a razão que encontramos no livro dos Provérbios a seguinte palavra: *Mais vale um homem paciente que um soldado valoroso, e um homem senhor de si que o conquistador de uma cidade* (Pr 16,32 – LXX). Todavia, até que possamos experimentar essa paz profunda e permanente, estamos sujeitos a múltiplos combates. Muitas vezes devemos repetir entre lágrimas e gemidos o seguinte versículo: *Estou aflito e infeliz, inteiramente contristado, meus rins estão cheios de ilusão e nada há de ileso em minha carne, em face de tua cólera, não há paz em meus ossos, por motivo de minha loucura* (Sl 37,7-8).

Na verdade, esse lamento é o mais apropriado no momento em que, após um longo período de pureza corporal, julgando já estarem superadas permanentemente as impurezas carnais, sentimos novamente seus aguilhões se insurgirem contra nós, por força das excitações de nosso coração. Ou ainda, quando a ilusão dos sonhos nos macularem como outrora. Quando um homem, durante algum tempo, pôde rejubilar-se por sua pureza de alma e de corpo, por acreditar que irá perseverar nesse feliz estado, ele será levado a se gloriar interiormente como Davi: *Nos momentos mais felizes eu dizia: jamais hei de sofrer desgraça alguma* (Sl 29,7). Contudo, quando Deus para seu crescimento o abandona, ele sente que aquele estado de pureza, no qual tanto confiava, começa a vacilar e em meio àquela prosperidade espiritual ele se sente abalado. É então que deve recorrer ao autor de sua integridade, rezando: *Senhor, honra e poder me concedia a vossa graça, mas escondestes a vossa face e perturbei-me* (Sl 29,8). Que ele diga também com o bem-

aventurado Jó: *Mesmo que eu me tornasse puro como a água da neve, minhas mãos brilhassem de brancura imaculada, vós me faríeis parecer coberto de imundice, e as minhas próprias vestes teriam nojo de mim* (Jó 9,30-31).

No entanto, quem se macular por sua própria culpa não poderá se dirigir nesses termos a seu Criador. Até que a alma chegue ao estado de perfeita pureza, convém que ela passe freqüentemente por essas alternativas necessárias a seu amadurecimento para que, enfim, a graça de Deus, atendendo a seus desejos, a confirme para sempre naquele grau de castidade. Então, poderá dizer com total veracidade: *Esperando, esperei no Senhor e ele, inclinando-se, ouviu meu clamor. Retirou-me da cova da morte e de um charco de lodo e de lama. Colocou os meus pés sobre a rocha, e devolveu a firmeza a meus passos* (Sl 39,2-3).

7 - *Os diferentes graus da castidade*

Minhas possibilidades não são suficientes para explicar ou aprofundar convenientemente os diversos graus de castidade pelos quais devemos subir até chegar àquela inviolável pureza.

Contudo, de acordo com a seqüência de nosso assunto, que assim o exige, tentarei apresentá-los, segundo minha medíocre experiência. Deixo aos perfeitos falarem com mais perfeição sobre esse assunto, sem todavia prejudicar aqueles que, em virtude de uma prática mais fervorosa, possuem uma castidade em grau mais elevado. Assim, quanto mais zelosos vivem, mais sobressai a força de sua perspicácia.

Portanto, distinguirei, para chegar ao excelso cume da perfeita castidade, seis graus – perfeitamente distintos uns dos outros – omitindo muitos intermediários que, apesar de numerosos, por sua subtileza, dificilmente são apreendidos pelo espírito e expressos pela palavra. São essas etapas, todavia, que mar-

cam os avanços da castidade em seu caminho para a perfeição. Porque, à semelhança dos corpos físicos que crescem dia a dia de maneira insensível, e assim chegam, mesmo inconscientemente, ao pleno desenvolvimento, uma alma fortalecida e uma castidade madura também são adquiridas paulatinamente.

O primeiro grau da castidade para o monge consiste em não sucumbir durante a vigília às tentações da carne. O segundo, em não deter seu espírito em pensamentos voluptuosos. O terceiro, em não se deixar levar pela concupiscência, mesmo sutilmente, em presença de uma mulher. O quarto, em não admitir nenhum estímulo sensual durante o dia. O quinto, em tratar a geração humana com tranqüilidade de olhar e pureza de pensamento, quando se fizer necessário abordá-la, em alguma conferência ou leitura, sem se deixar afetar pela mínima emoção, como se examinasse uma função atribuída ao gênero humano, não permitindo que o inquietem lembranças perturbadoras e encarando o fato como indiferente, como se fora um estudo sobre uma fábrica de tijolos ou qualquer outra atividade.

O sexto grau da castidade consiste em não se deixar iludir, ainda que em sonhos, pelos atraentes fantasmas femininos, pois, embora acreditemos estarem tais ilusões isentas de pecado, são todavia indícios de uma secreta concupiscência.

São diversas as causas que as fazem surgir. É possível que cada um seja tentado durante o sono, de acordo com os pensamentos ou os hábitos que lhe são familiares durante o dia. De um modo são tentados os que conheceram a união carnal, e de outro, os que não tiveram essa experiência. Estes últimos são habitualmente inquietados por sonhos mais simples e mais puros facilmente debeláveis. Quanto aos outros, são perturbados por imagens indecorosas e insistentes, até que, gradativamente, e conforme a medida de castidade que se esforçam para atingir, acabam por detestar, mesmo adormecidos, o que outrora lhes era prazeroso.

Podem, enfim, algumas pessoas chegar àquele estado que Deus, por intermédio de seu profeta, promete aos homens corajosos como recompensa de seus esforços: *Eu quebrarei o arco, a espada e suprimirei as lutas de vossa terra e vos farei dormir em paz* (Os 2,18).

Assim, será possível a alguém chegar àquela extraordinária pureza alcançada pelo abade Sereno e por alguns poucos semelhantes a ele (cf.VII,1).

No entanto, excluí dos seis graus dos quais acabei de tratar esses poucos homens, pois, bem raros são os que conseguem chegar àquela perfeição e mesmo nela acreditar, por se tratar de um dom da divina liberalidade que não pode ser proposto a todos como se fora um preceito universal. Assim, nossa alma deve estar a tal ponto marcada pela pureza da castidade que, uma vez completamente adormecido todo movimento natural da carne, não venha a sofrer qualquer conseqüência da sensualidade.

Por outro lado, não devo omitir a opinião de outros acerca dessa impureza da carne. Tais pessoas afirmam que o que acontece durante o sono não seria proveniente da ilusão dos sonhos, mas que tais impurezas são produzidas pelo excesso de certos humores que provocam determinadas fantasias sedutoras em um coração enfermo, e esclarecem que, uma vez extinta essa conseqüência da corrupção, também cessa a ilusão que lhe deu origem.

8 - *Os que não têm a experiência da castidade não podem tratar de sua natureza nem de seus efeitos*

Mas ninguém poderá aceitar esses critérios, nem decidir com segurança o que seja ou não possível, se não chegou, por uma profunda experiência, aliada a uma grande pureza de coração, a penetrar até o âmago da carne e do espírito, à luz da palavra divina que segundo o bem-aventurado Apóstolo: *é viva,*

eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir a alma e o espírito, junturas e medulas. Ela é capaz de discernir as disposições e intenções do coração (Hb 4,12). Mantendo-se, assim, entre a alma e o corpo, o monge distinguirá com toda a equidade, à semelhança de um espectador ou um juiz imparcial, o que é uma conseqüência necessária e inevitável da condição humana e o que é resultado de hábitos viciosos da incúria da juventude, não se deixando enganar em seu julgamento pelas opiniões falsas dos homens, mas também não sendo influenciado pelos preconceitos de pessoas inexperientes. Por isso, terá como parâmetro de seu julgamento sua própria experiência e, com uma apreciação correta dos fatos, examinará as exigências da pureza sem incorrer no erro dos que atribuem à natureza o que é devido à negligência. Dessas pessoas é dito com muita propriedade no Livro dos Provérbios: *A loucura do homem corrompeu seus caminhos, mas ele acusa Deus em seu coração* (Pr 19,3 – LXX). Talvez se encontre alguém que deseje contestar minha opinião. Suplico-lhe, então, que não me contradiga com argumentos preconcebidos e que antes observe a disciplina da vida religiosa. Depois de segui-la durante alguns meses, na medida para nós determinada pela tradição, ele poderá verificar, pela própria experiência, a veracidade de minhas palavras.

Como se poderia discutir sobre a finalidade de uma arte ou de qualquer outra disciplina, sem anteriormente haver aprofundado, com o máximo empenho, tudo quanto se refere à sua perfeição? Se eu digo, por exemplo, que é possível extrair do trigo uma espécie de mel, ou um óleo muito doce, como o que se obtém dos grãos de rabanete ou de linho, qualquer pessoa que ignore tais coisas diria que isso é contra a natureza e me acusaria de mentiroso. Mas se, por outro lado, eu apresento algumas testemunhas, afirmando que viram, provaram e fizeram aquilo que eu afirmara, poderia explicar o processo pelo qual se

pode dar ao trigo a limpidez untuosa do óleo e a doçura do mel. Seria possível então que eles persistissem em negar tais resultados? E, porventura, não seria mais razoável censurar a obstinação daquele que se recusa a acreditar em minhas afirmações, apoiadas em muitos e fiéis testemunhos, em provas evidentes, e principalmente em experiências, do que contestar a veracidade de minhas palavras?

Portanto, é possível ao homem chegar a esse estado de castidade que tanto deseja. Pelo empenho de seu coração, será totalmente libertado das solicitações voluptuosas e apenas lamentará faltas involuntárias, pois seu corpo só terá que expulsar, durante o sono, um excesso de humor supérfluo e acabará por compreender com segurança a condição e a medida da própria natureza. Assim, após um longo tempo quando, ao acordar, encontrar sua carne maculada, sem nenhuma responsabilidade consciente de sua parte, atribuirá isso às condições e às exigências da natureza.

Com certeza esse monge chegou a um estado onde, quer de noite, quer de dia, no sono ou na oração, sozinho ou em meio aos homens, permanece inalterável. E, na intimidade de sua cela, não temerá o olhar inevitável do próprio Deus, pois nada terá a esconder nem de Deus nem de qualquer pessoa. Mas, a suavíssima luz da castidade, cumulando-o de contínuas delícias, ele poderá dizer como o profeta: *A própria noite se tornou luminosa em meio às minhas delícias, mesmo as trevas para vós não são escuras; a noite resplandece como o dia e a escuridão é tão brilhante como a luz* (Sl 138,11-12). Como tal afirmação parece estar acima das leis da natureza, o profeta acrescenta a seguir: *Fostes vós que me formastes as entranhas* (Sl 138,13). Isto é, não foi por meu esforço ou minha virtude que mereci tal pureza, mas porque vós mesmo extinguistes em meus rins o prazer voluptuoso.

9 - *Pergunta-se: Será possível guardar a castidade durante o sono?*

Germano: De certo modo, estamos convencidos, pela experiência, de que é possível guardar a pureza durante o dia. E não negamos que o rigor próprio da continência e a resistência mesma da alma possam impedir qualquer revolta da carne. Mas seria isso igualmente possível durante o sono?

Dois são os motivos para crermos que isso não seja possível. Expor tais razões nos leva a certo acanhamento, todavia, de certo modo nos vemos obrigados a isso pela necessidade de obtermos o remédio. Contamos, pois, com a tua indulgência se, porventura, proferirmos algo constrangedor.

O primeiro motivo dessa impossibilidade decorre do relaxamento do vigor do espírito durante o sono, que não mais permite controlar uma emoção que se insinue.

O segundo motivo se origina do excesso de urina acumulado durante o sono, que pode provocar certa excitação nos membros enlanguescidos. Todavia, mesmo que esse prazer não obtenha o consentimento da alma, a desordem do corpo nos encherá de humilhação.

10 - *O sono não poderia prejudicar os que são castos*

Queremom: Parece que ainda não compreendestes qual seja a verdadeira essência da castidade. Por isso, acreditais que ela só possa ser preservada durante o dia, mediante as exigências de uma vida de austeridade. Daí julgardes que se torna impossível salvar sua integridade durante o sono, quando se enfraquece o vigor espiritual. A castidade, no entanto, não depende apenas, como pensais, de uma rigorosa vigilância. Mas tal virtude subsiste pelo amor que nos inspira e pela felicidade que nos proporciona. Não se deve falar em castidade, mas sim em continência, enquan-

to houver qualquer resíduo de atração pelo prazer voluptuoso.

Cumpre reconhecer, portanto, que o sono não pode prejudicar aqueles que, pela graça de Deus, acolheram no íntimo do coração o amor pela castidade, embora, momentaneamente, se tenha interrompido aquela vigilância. Aliás está comprovado, com segurança, que o amor pela castidade não sofre nenhum dano quando se interrompem as austeridades habituais. Mas essas muitas vezes são insuficientes para os que nela depositam exagerada confiança.

Tudo aquilo que é penosamente reprimido propicia uma trégua passageira ao combatente, mas não a segurança da paz profunda que sucede à labuta.

Ao contrário, porém, se esse vício for vencido por uma virtude radicada no âmago da alma, uma vez dominado, mantém-se tranqüilo, sem dar o mínimo sinal de revolta, permitindo a seu vencedor usufruir de uma paz constante e segura. Enquanto experimentarmos algum impulso carnal, reconheçamos que não alcançamos ainda a perfeição da castidade, mas que ainda continuamos expostos às imperfeições da continência e a combates cujos resultados são sempre duvidosos.

Quanto a estabelecer que tais impulsos carnais são inevitáveis, já que os próprios eunucos, apesar de mutilados, lhes estão sujeitos, convém compreender que, embora incapacitados de gerar, não lhes foi retirado nem o ardor carnal, nem o efeito da concupiscência. Portanto, se esses mesmos desejam manter-se puros, urge que não se omitam no que se refere à humildade, à contrição do coração e à austeridade da abstinência.

Convém reconhecer, contudo, que a prática de tal virtude para essas pessoas exige menos empenho e menos esforço.

11 - *Existe grande diferença entre a continência e a castidade*

A castidade perfeita se distingue dos esforços iniciais da

continência pela paz profunda que sempre a acompanha. A castidade autêntica não mais tem a combater os impulsos da concupiscência que lhe causam verdadeiro horror, conservando por isso sua inviolável pureza, o que significa a própria santidade. É chegada a hora em que a carne, renunciando a combater o espírito, a ele se une para aspirar à mesma virtude e realizar em paz aquela aliança de que fala o salmista: *Como é bom e suave os irmãos viverem juntos bem unidos* (Sl 132,1). Os vínculos de uma paz sólida os unem e possuem a bem-aventurança prometida pelo Senhor: *Se dois dentre vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, isso lhes será concedido por meu Pai que está nos céus* (Mt 18,19). Aquele, pois, que chegar ao estado prefigurado por Jacó ao lutar contra o anjo, e que houver superado suas paixões nos combates pela continência, submetendo o nervo da coxa, isto é, paralisando a força de seus instintos, merecerá o nome de Israel pela pureza perfeita dos desejos de seu coração. O bem-aventurado Davi, sob a inspiração do Espírito Santo, assinalou essas duas etapas diferentes, dizendo: *Em Judá o Senhor Deus é conhecido, e seu nome é grandioso em Israel* (Sl 75,2), isto é, na alma que deve confessar seus pecados, pois Judá significa *confissão.* Mas pelo termo *Israel* (Sl 75,2), cujo sentido é aquele que vê a Deus ou, ainda, homem que anda conforme os caminhos de Deus, significa que não só Deus é conhecido, *mas que grande é seu nome.*

Pois o salmista, convocando-nos a ascender a alturas mais sublimes, nos quer também mostrar o lugar em que apraz ao Senhor estabelecer *na paz sua morada* (Sl 75,3). Se alguém merecer chegar a esse estado de paz, graças à vitória sobre suas paixões, poderá elevar-se a patamares mais altos, àquela Sião espiritual, àquela contemplação divina onde fixará sua morada; pois não é nos combates da continência, mas na observância indefectível da virtude e na constante tranqüilidade do coração que o Senhor reside.

Ali o Senhor não mais se contenta em reprimir e rechaçar o inimigo, mas vai quebrar para sempre o poder dos dardos inflamados que a concupiscência desferia contra nós.

Podeis ver, assim, que a morada do Senhor não está na continência, mas na paz da castidade. Na observância e na contemplação da virtude ele estabelece sua morada. O salmista tem toda a razão de preferir as portas de Sião a todas as tendas de Jacó. Pois anuncia: *O Senhor ama as portas de Sião mais que as casas de Jacó* (Sl 86,2).

Reconhecei, portanto, que tudo quanto pode ocorrer durante o sono, em nada prejudica aqueles que se estabilizaram firmemente em uma castidade perfeita; mas é inevitável a comoção da carne, uma vez que as necessidades naturais excitam os membros em repouso.

Uma vez que isso só acontecerá de quando em vez, e que apenas a condição do corpo durante o sono provocou esse estímulo, convém saber que o corpo voltará ao repouso sem qualquer conseqüência, e também sem qualquer lembrança voluptuosa. No entanto, como devemos conciliar a lei do corpo com a da alma, convém mortificar até o uso da água, de modo que, o excesso de humores cotidianos, fluindo mais demoradamente nos membros desidratados, torne tal impulso carnal, que sabemos inevitável, ainda mais raro e lento, suscitando, por assim dizer, uma chama sem calor, uma chama que em lugar de queimar, refresque, como a que aparece na admirável visão de Moisés (cf. Ex 3,2). A sarça de nosso corpo, envolvida por um fogo inocente, não será consumida, pois acontecerá com ele o mesmo que sucedeu com os três jovens na fornalha, para os quais o orvalho do Espírito divino afastou de tal modo a chama da fornalha dos caldeus que o cheiro do fogo nem sequer lhes roçou os cabelos, nem tocou a fímbria de suas vestes (cf. Dn 3,94).

Assim, já neste corpo mortal, começaremos a nos regozijar

do que Deus prometeu a seus santos, mediante seu profeta: *Se caminhares pelo fogo, não te queimarás, e a chama não te consumirá* (Is 43,2).

12 - *As maravilhas particulares operadas por Deus em favor dos santos*

De fato, são magníficos e admiráveis, mas só compreendidos por aqueles que deles fizeram a experiência, os dons que Deus, em sua inefável generosidade, concedeu a seus fiéis, mesmo ainda neste corpo de corrupção.

O profeta que, à luz de seu espírito purificado, os conheceu em si mesmo e nos outros, exclama: *Admiráveis são vossas obras e minha alma se rejubila em conhecê-las* (Sl 138,14). Porventura teria dito o profeta algo de novo ou de grandioso se houvesse unicamente se referido às outras obras de Deus? Pois poderia alguém não admirar as obras de Deus na grandiosidade da criação? Mas os dons que Deus concede a seus santos, por sua graça diária e generosa, e com os quais ele os cumula com particular munificência, ninguém poderá realmente conhecer, senão a alma que deles usufrui, no segredo da própria consciência, e essa, terminado o arrebatamento que a enlevava, de volta às coisas materiais e terrenas, não mais encontra imagens ou palavras para traduzir essa experiência, que nem mesmo a inteligência e a reflexão são capazes de conceber.

Quem não admiraria em si mesmo as obras do Senhor, ao perceber que o instinto da gula que, anteriormente tanto buscava os prazeres dispendiosos e quase sempre fatais da boca, agora, completamente debelado, o reduz a tomar raramente e a contra gosto um alimento insuficiente e insípido?

Quem não se sentiria maravilhado com as obras de Deus, ao reconhecer que o fogo da concupiscência, que antes considerava inerente à própria natureza e talvez até mesmo inextin-

guível, acha-se de tal modo arrefecido que já não experimenta em seu corpo nenhum sinal de revolta, por tênue que seja?

Quem não tremeria, diante do poder divino, ao observar homens outrora cruéis e truculentos, que se exasperavam diante da mínima sujeição, transformados em pessoas tão mansas que, não apenas ficam insensíveis diante das injúrias, mas até magnanimamente se regozijam ao recebê-las?

Quem não admiraria as obras de Deus e não exclamaria, com todo o amor: *Eu bem sei que o Senhor é grande* (Sl 134,5), ao observar a si mesmo ou a qualquer pessoa transformar-se de avarento em generoso, de pródigo em continente, e de orgulhoso em humilde, e quem buscava as facilidades e comodidades da vida passar a aceitar o que é penoso e austero, procurando abraçar voluntariamente as dificuldades e a pobreza das coisas presentes?

Essas são, de fato, as maravilhas divinas que a alma do profeta e aquelas que a ele se assemelham reconhecem, cheios de admiração, quando elevados à mais alta contemplação.

São os prodígios operados por Deus na terra e cuja visão faz o mesmo profeta exortar todos os povos à admiração: *Vinde ver, contemplai os prodígios de Deus e a obra estupenda que fez no universo, reprime as guerras na face da terra, quebra os arcos, as lanças destrói e queima no fogo os escudos e as armas* (Sl 45,9-10). Pois, existiria prodígio maior que ver ambiciosos publicanos transformados em apóstolos, ferozes perseguidores convertidos em pregadores do Evangelho, prontos a tudo sofrer e, propagando, ao preço da própria vida, a fé que perseguiam? Tais são as obras divinas que o Filho atesta que operava cada dia em união com o Pai. *Meu Pai trabalha sempre e eu também trabalho* (Jo 5,17). Tais são as obras de Deus que o bem-aventurado Davi já celebrava, ao dizer: *Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque só ele realiza maravilhas!* (Sl 71,18). Também

é acerca delas que fala o profeta Amós: *É ele que faz tudo, tudo transforma e torna a sombra da morte brilhante como a luz da aurora* (Am 5,8 – LXX). Pois: *São essas as transformações operadas pela direita do Altíssimo* (Sl 76,11). E é acerca dessa obra de salvação que o profeta dirige a Deus a seguinte oração: *Confirmai, ó Deus, o que operastes em nós* (Sl 67,29).

Silenciarei aqui as maravilhas secretas da graça de Deus que iluminam a cada momento a alma de seus santos. Quem poderia esquivar-se à admiração da alegria espiritual que eleva o espírito abatido, inspirando-lhe um grande júbilo? E aqueles arrebatamentos ardentes do coração, as consolações inebriantes tão inefáveis quanto inauditas, capazes de nos despertar de um profundo torpor tal um pesado sono, para nos lançar na oração mais fervorosa e em êxtases inéditos e, ainda, naquela alegria que o Apóstolo define como a que: *Os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, e o coração do homem jamais experimentou*? (1Cor 2,9). Mas Paulo se refere àquele que, tendo estado sob o domínio do vício, é incapaz de perceber a generosidade divina. No entanto, o Apóstolo e os que lhe são idênticos podem dizer: *A nós, porém, Deus o revelou pelo Espírito* (1Cor 2,10).

13 - *Apenas os que a experimentaram sabem como a castidade é aprazível*

Quanto mais progride a alma na pureza, mais também avançará na contemplação divina. E em seu íntimo cresce uma admiração por Deus que ela não encontra palavras para traduzir, nem expressões adequadas para descrever. Assim como quem nunca experimentou a alegria não pode imaginá-la, quem não fez essa experiência não é capaz de exprimi-la.

Porventura aquele que conheceu a doçura do mel poderia explicá-la a quem jamais a provou? Em vão. As palavras pronunciadas entram por seus ouvidos, mas não lhe transmitem a

sensação que seu paladar não experimentou. O mesmo acontece com quem mereceu alcançar o cimo da virtude a que nos referimos. Esse recorda em seu espírito as maravilhas que Deus fez naqueles que lhe pertencem, mediante uma graça toda especial. E no êxtase em que o lança a contemplação de tanta magnitude, num ímpeto de amor, exclama do íntimo de seu coração: *Admiráveis, Senhor, são vossas obras, e minha alma se apraz em reconhecê-las* (Sl 138,14).

Uma admirável obra de Deus, portanto, é ver um homem ainda vivente neste mundo renunciar a qualquer inclinação carnal que, em meio a tantas circunstâncias diversas, o assalta, conservando sua alma em uma tranqüilidade inabalável diante das múltiplas tentações que o cercam.

Fundamentado em tal virtude é que vivia um ancião de Alexandria rodeado por uma multidão de infiéis. Esses o crivavam não só de impropérios, mas até de injúrias. Um dia eles o provocaram com esta pergunta insolente: "Mas que milagres fez esse Cristo a quem adorais? O grande milagre que fez, respondeu o ancião, é o de não me abalar nem me ofender com todas as vossas injúrias, por maiores que sejam".

14 - *Pergunta: Qual o tipo de abstinência e em quanto tempo se pode chegar à perfeita castidade?*

Germano: Não podemos considerar tal castidade uma virtude humana ou pertencente à terra, pois mais parece um privilégio do céu, um dom particular dos anjos. Profundamente admirados e perturbados, tais palavras nos incutiram mais temor e desânimo que desejo e zelo para adquiri-la.

Pedimos, portanto, que nos instruas, o mais completamente possível, sobre as observâncias exigidas e o tempo necessário para consegui-la, a fim de que possamos adquirir os meios e a esperança de alcançá-la. Pois estamos tentados a considerar isso

um empreendimento impossível para homens que vivem na terra, a menos que nos indiques o método e o caminho para chegarmos a tal virtude.

15 - *Resposta: O tempo necessário para se reconhecer que a perfeita castidade é uma virtude possível*

Queremom: Seria temerário querer determinar com precisão um tempo para que se adquira essa castidade de que falamos. Principalmente em virtude da diversidade de disposição e de zelo existentes entre as almas. Tal precisão seria difícil mesmo em se tratando de artes materiais e de disciplinas visíveis, nas quais a aplicação e as aptidões naturais contribuem para um sucesso mais ou menos rápido. O que poderei fazer, no entanto, será indicar, com muita segurança, uma observância que se deve seguir e o tempo necessário para que se possa reconhecer ao menos se a possibilidade de adquirir tal virtude não é algo ilusório.

Aquele que se retira de todas as conversas fúteis, que consegue banir de seu coração qualquer movimento de ira e ainda toda solicitude e preocupação terrestre, contentando-se com dois pães diários e bebendo até mesmo água com certa parcimônia, limitando seu sono a três horas ou talvez mesmo a quatro horas, de acordo com outra regra, e acreditando que jamais poderá alcançar aquela virtude por seus próprios méritos, por seu empenho ou sua abstinência, esperando, não obstante, obtê-la unicamente da misericórdia do Senhor – pois, sem tal convicção vãos seriam quaisquer esforços humanos – tal homem não necessitaria mais de seis meses para reconhecer que não lhe é impossível atingir aquela perfeição.

Todavia, o sinal mais evidente de que alguém está próximo da pureza é o reconhecimento da inanidade de seus próprios esforços. Quando se chegou a compreender toda a verdade con-

tida no seguinte versículo: *Se o Senhor não construir a casa, em vão trabalharão seus construtores* (Sl 126,1), não se considera a pureza adquirida um motivo de mérito ou de orgulho. Porque é indubitável que se deve tal virtude à misericórdia do Senhor e não à própria diligência. Essa compreensão leva também a que não se trate os outros com um rigor impiedoso, uma vez que se tem a consciência de que a virtude humana nada é se não está apoiada na força divina.

16 - *A meta e o remédio da castidade*

Portanto, já é vitorioso aquele que, combatendo com todas as suas energias o espírito de fornicação, não espera que o sucesso dependa do mérito de seus esforços. Essa convicção de nossa fragilidade, aparentemente fácil e compreensível para qualquer pessoa, na realidade é de tão difícil aceitação para os principiantes, quanto a própria perfeição na castidade. Pois, mal pressentiram as primeiras alegrias da pureza, um sentimento de complacência se insinua secretamente no íntimo da consciência, levando-os a crer que aquele êxito se deve à sua própria diligência. Por isso, convém que lhes seja retirado, por vezes, o auxílio divino e suportem a tirania das paixões que a graça de Deus havia extinguido. Só assim, a experiência os fará compreender que jamais teriam obtido a virtude da pureza mediante suas próprias forças e sua operosidade.

No entanto, essa conferência sobre o mais alto grau da castidade perfeita já se prolongou excessivamente. Portanto, vamos concluí-la de maneira breve, resumindo em uma única frase, todos os pensamentos até agora desenvolvidos com tantas minudências. A perfeição da castidade consiste na total rejeição do monge por qualquer prazer libidinoso, durante a vigília, e na ausência de qualquer perturbação de ilusões perniciosas, durante a tranqüilidade de seu repouso durante a noite. Se algum estímulo

carnal, pela cumplicidade de sua alma entorpecida, e sem qualquer conivência com a vontade, o surpreender durante o sono, não se julgue culpado por sensações que independem de sua vontade e não resultam de nenhuma solicitação física.

Da perfeição da castidade, falei da maneira que me foi possível. E posso afiançar que tratei de tal assunto, sem limitar-me ao aprendizado por outros recursos que não fossem minha própria experiência. Suponho que os covardes e os negligentes julgarão tais coisas impossíveis. Contudo, os que aspiram à perfeição e os homens espirituais terão outra concepção dessa realidade, e aceitarão minhas palavras.

Os homens distam entre si tanto quanto distam suas opções, isto é, as metas para as quais tendem seu coração: céu ou inferno, Cristo ou Belial. Vejamos, pois, o que diz o nosso Salvador a esse respeito: *Se alguém quer me servir, siga-me e onde eu estiver, estará também meu servo* (Jo 12,26). E ainda: *Onde está vosso tesouro, aí estará também vosso coração* (Mt 6,21).

Foram essas as palavras que o abade Queremom nos dirigiu sobre a castidade perfeita. E, terminada a exposição sobre sua admirável doutrina acerca dessa sublime virtude, tamanho era nosso espanto que nos sentíamos como que asfixiados. Ele, contudo, ao perceber que a maior parte da noite já transcorrera, aconselhou-nos a que não sonegássemos à natureza o sono exigido, receando que o torpor do corpo não nos debilitasse a alma, privando-a de seu santo e vigoroso fervor.

XIII

TERCEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE QUEREMOM

A Proteção de Deus

1 - *Introdução*

Após alguns momentos de sono, voltamos para celebrar a sinaxe matutina e encontrar o venerável ancião, uma vez que o abade Germano se achava perturbado por um grande escrúpulo. A instrução anterior nos havia inspirado um profundo desejo de uma castidade até então inédita para nós. Contudo, naquela conferência, o abade Queremom, com suas palavras, havia anulado o mérito de qualquer diligência e operosidade humanas, estabelecendo que, apesar de todos os nossos esforços na prática do bem, o êxito de todo esse zelo dependia tão-somente da generosidade da graça divina.

Ao sair de sua cela, o abade Queremom, deparando-se conosco, que debatíamos aquela questão, abreviou sua salmodia e suas orações, e veio indagar o motivo de nossa comoção.

2 - *Por que não se atribui o mérito da virtude ao zelo de quem a pratica?*

Germano: Diante da sublimidade da virtude única que nos revelaste na instrução noturna, tornamo-nos como que impossibilitados de acreditar naquelas palavras – permita-me que

o diga. Parece-nos absurdo admitir que a recompensa pela perfeição da castidade, que o homem adquire ao preço de perseverança e de labor, não lhe seja concedida como fruto da eficácia de seu zelo e operosidade.

Se, porventura, vemos um lavrador trabalhar sem trégua no cultivo de suas terras, seria irracional atribuir-lhe também o êxito pela colheita?

3 - *Não é apenas a perfeição da castidade que não existe sem o auxílio de Deus. Pode-se dizer o mesmo em relação a qualquer outro bem.*

Queremom: O próprio exemplo apresentado evidencia que a operosidade de quem se esforça de nada vale sem o socorro divino. Mesmo tendo empreendido todos os seus esforços para a valorização de sua terra, um agricultor não pode atribuir à sua atividade pessoal a abundância da messe e a riqueza da colheita. Pois, muitas vezes, teve a experiência da inanidade de sua diligência! Porquanto, sem as chuvas propícias e um inverno ameno, jamais a iria colher! Quantas vezes testemunhamos frutos graúdos e plenamente amadurecidos, arrebatados das mãos que estavam prestes a colhê-los, por ter faltado o auxílio de Deus!

Aos agricultores indolentes, cuja charrua não lavra o campo com freqüência, a liberalidade divina não vai conceder uma colheita abundante. Mas os zelosos e diligentes também poderiam prolongar sua atividade indefinidamente que de nada adiantaria, se a misericórdia do Senhor não os fizesse prosperar.

Portanto, mesmo em caso de sucesso, o homem, em seu orgulho, não pretenda igualar-se à graça ou entrar em concorrência com ela, reivindicando sua parte nos benefícios de Deus ou vangloriando-se de que a abundância de sua colheita seja a resposta ao mérito de seu zelo.

Mas, de preferência, observe e examine bem todos os es-

forços que fez com o desejo de se enriquecer, e concluirá que seria incapaz de fazê-los, se Deus com sua proteção e misericórdia não o tivesse sustentado, concedendo-lhe a energia necessária para o cultivo daquela terra.

De fato, sua vontade e sua atividade teriam sido vãs, não lhe houvesse a divina clemência propiciado condições para a realização de um trabalho, por vezes inviável, pelo excesso ou pelo déficit de chuvas.

O vigor dos bois, a saúde do corpo, o sucesso dos trabalhos, a prosperidade dos empreendimentos, tudo isso foi gratuitamente concedido pelo Senhor. Assim, é imprescindível rezar para que, como está escrito: *O céu não se torne como bronze, e a terra como ferro* (Dt 28,23), e mais: *O que a lagarta deixou, o gafanhoto devorou; o que o gafanhoto deixou, o roedor devorou; e o que ficou do roedor, o devastador comeu* (Jl 1,4).

E não é apenas em tais circunstâncias que o trabalho do bom lavrador necessita do socorro divino. Este ainda precisa afastar os incidentes imprevistos, já que pode ter suas esperanças frustradas, pois, mesmo que a terra se cubra de frutos opimos, é possível perder o grão armazenado em seus celeiros ou em sua eira.

A conclusão hialina de quanto dissemos é que Deus é o único princípio não só das nossas boas ações, como também dos nossos bons pensamentos. Uma vez que nos inspira o início de nosso querer e nos dá ainda forças, além do momento favorável, para a realização de nossos santos desejos. Porque todo bem, todo dom perfeito vem do alto, do Pai das luzes (Tg 1,17). Pois, segundo o Apóstolo, é Deus quem começa, prossegue e consuma em nós todo bem: *Aquele que dá a semente ao semeador e que lhe dará o pão como alimento, ele mesmo multiplicará as vossas sementes e aumentará os frutos da vossa justiça* (2Cor 9,10). A nós compete seguir com humildade, diariamente, a graça de Deus que nos atrai. Podemos também re-

sistir a essa solicitação divina, conforme a palavra das Escrituras: *Homens de cabeça dura, incircuncisos de coração e de ouvidos* (At 7,51). E ainda escutar o Senhor que, através de Jeremias nos censura: *Não se deverá levantar aquele que tomba? Não voltará aquele que se desviou? Por que persiste esse povo de Jerusalém em perpétua loucura? Obstinam-se na má fé, recusando-se à conversão* (Jr 8,4-5).

4 - *Objeção: Como fizeram os pagãos para guardar a castidade sem a graça de Deus?*

Germano: Não podemos, de modo algum, contestar vossa opinião, como contrária à piedade. No entanto, tal teoria parece se opor ao exercício da liberdade. Tanto mais que vemos diversos pagãos brilharem não só por sua paciência e frugalidade, como também, – o que é maravilhoso – por sua castidade. E, como acreditar que essas virtudes lhes tenham sido concedidas por um Deus que lhes teria aprisionado o livre arbítrio, quando esses sábios do mundo ignoravam o significado da graça divina e até mesmo desconheciam o verdadeiro Deus? De acordo com o testemunho dos autores e da tradição, devemos acreditar que adquiriram essa grande pureza mediante seus próprios esforços?

5 - *Resposta acerca da pseudo castidade dos filósofos*

Queremom: Apraz-me que vosso intenso amor pela verdade vos inspire objeções cuja refutação fará a fé católica parecer mais solidamente edificada e, se me é lícito dizer, mais verídica. Que sábio poderia admitir proposições tão contraditórias? Ontem havíeis pretendido que o homem não seria capaz de adquirir a pureza celestial da castidade mesmo com o auxílio da graça divina e, agora, asseverais que até os pagãos podem possuí-la por sua própria virtude!

Todavia, indubitavelmente, é o desejo de aprofundar a verdade, como já afirmei, que vos inspira essa objeção. Portanto, no interesse da verdade, atentai bem para o que penso a esse respeito.

Primeiramente, cumpre-nos acreditar que jamais os filósofos atingiram aquela castidade da alma que nos é exigida. Pois não é apenas a fornicação, mas pensai bem, é a própria impureza que nem sequer deve ser pronunciada entre nós (cf. Ef 5,3).

Eles talvez tenham sido relativamente castos, isto é, tenham experimentado uma castidade parcial, μεριχήν, ou, continência corporal, que consistia apenas em reprimir a paixão voluptuosa da união carnal. Quanto à pureza interior da alma, à pureza perpétua do corpo, não só não foram capazes de conquistar, mas nem mesmo de imaginá-la.

Em suma, Sócrates, o mais célebre dentre eles, não se acanhou de confessar o que já afirmei. Um dia em que certo fisionomista, φυσιογνώμων, o acusava de corromper crianças, ὄμματα παιδεραστοῦ, conteve a indignação de seus discípulos empenhados em defendê-lo com estas poucas palavras: Παύσασθε, ἑταῖρσι· εἰμὶ γάρ, ἐπέχω δέ; que significam: *Calma, amigos, sou o que ele diz, mas consigo dominar-me.* Assim, torna-se evidente, de acordo com a confissão de Sócrates, que esses filósofos podiam perfeitamente reprimir o vício e abster-se de consumar suas paixões, mas eram impotentes para banir do coração os desejos maus e os pensamentos voluptuosos.

Com que horror não deveríamos recordar aquela sentença de Diógenes: "O que os filósofos deste mundo não se envergonham de publicar, como algo memorável, nós não podemos repetir nem ouvir sem que o rubor nos inflame o rosto".

A um homem que ia enfrentar uma punição por adultério, consta que o filósofo deu o seguinte conselho: "Não adquiras com a morte, aquilo que te pode ser oferecido de graça". Τὸ

δωρεὰν πωλούμενον θανάτῳ μὴ ἀγόραζε.

Comprova-se, assim, que tais filósofos não tiveram a mesma noção de castidade que se exige de nós. Confirma-se, outrossim, que nossa circuncisão espiritual, como a concebemos, só pode ser adquirida pela graça de Deus e é encontrada apenas naqueles que o servem com o coração perfeitamente contrito.

6 - *Sem a graça de Deus qualquer esforço torna-se inútil*

Em muitas coisas, ou melhor, em todas elas, podemos provar que o homem necessita continuamente do auxílio divino. E, se a fragilidade humana nada pode realizar no plano da salvação, tal verdade torna-se muito mais evidente quando se trata da aquisição ou preservação da castidade. Porquanto, sem mesmo abordar ainda a dificuldade de atingir a sua perfeição, examinemos sucintamente os meios de adquiri-la. Quem seria capaz, pergunto, sem qualquer apoio humano, e mesmo inspirado por grande fervor, de suportar o horror da solidão e de contentar-se com pão seco como único alimento, mesmo que suficiente para saciá-lo? Quem poderia, sem as consolações do Senhor, tolerar uma sede permanente e privar seus olhos humanos do suave deleite do sono matinal, estabelecendo, para seu repouso, um rigoroso horário de quatro horas noturnas? A quem seria possível, sem o socorro da graça divina, empenhar-se sem trégua em um trabalho tão intenso quanto pouco produtivo para os interesses deste mundo ou, ainda, dedicar-se à leitura contínua e incansavelmente?

Eis, portanto, tudo quanto somos incapazes de almejar sem a inspiração divina, e também, de realizar sem seu socorro. Não é apenas nossa experiência que pode comprovar a veracidade do que dizemos, mas ainda certos indícios e argumentos tornam irrefutáveis o que afirmamos.

Com efeito, muitas vezes, sem que nos falte boa vontade e também um desejo ardente, nos propomos a executar determinado projeto de grande utilidade. Todavia, nossa fragilidade nos impede de realizá-lo, destruindo nossa esperança. Portanto, se a misericórdia de Deus não nos vem em auxílio, dando-nos a força de que carecemos, nosso bom propósito não se concretizará. Por isso, embora numerosos os que desejam lealmente se consagrar à aquisição da virtude, muito poucos são os que conseguem levar a termo aquele projeto, perseverando em seus esforços. Pois, mesmo que nossa incapacidade não invalide nosso intento, não somos completamente livres para fazer o que desejamos.

E não somos fiéis observantes, como gostaríamos, do silêncio da solidão, das restrições do jejum, da leitura assídua, mesmo dentro das nossas possibilidades. Pois, apresentando-se a ocasião, tornamo-nos relapsos em relação às nossas práticas salvíficas. Por isso, vemos que é imprescindível implorar ao Senhor tempo e lugares favoráveis para essa observância. É o que o Apóstolo declara: *Quisemos fazer-vos uma visita, por mais de uma vez, mas Satanás nos impediu* (1Ts 2,18).

Algumas vezes, também, para nosso próprio proveito, sentimos que estamos sendo impedidos de praticar nossos exercícios espirituais, que nossa boa intenção se enfraquece, enquanto nosso entusiasmo para a ascensão se bloqueia. Deixamo-nos levar, então, pela debilidade da carne. Mas muitas vezes isso nos acontece para nos levar a uma perseverança salutar.

O bem-aventurado Apóstolo dá-nos a conhecer esse procedimento de Deus para conosco. *Roguei três vezes ao Senhor que Satanás ficasse longe de mim. O Senhor, porém, me disse: Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força se realiza plenamente* (2Cor 12,8-9). E ainda: *Pois não sabemos o que pedir e como pedir* (Rm 8,26).

7 - *O plano primordial de Deus e sua cotidiana providência*

Deus não criou o homem para que se perca, mas, sim, para que viva eternamente. E esse desígnio de Deus permanece imutável. Por isso, desde que vê brilhar em nós a mínima centelha de boa vontade, ou mesmo quando é Ele próprio a suscitá-la de nosso duro coração de pedra, reanima-a e revigora-a por sua inspiração. *Pois é sua vontade que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade* (1Tm 2,4). Pois o Senhor afirma: *É a vontade de meu Pai que está nos céus que não se perca nenhum desses pequeninos* (Mt 18,14). E também está escrito: *Deus não quer que uma única alma se perca, mas ele difere a execução de sua sentença a fim de que o que foi rejeitado não se perca definitivamente* (2Sm 14,14). Deus é verdadeiro e não mente quando afirma sob juramento: *Eu vivo, e não quero a morte do pecador, mas que se converta de seu mau caminho e tenha vida* (Ez 33,11).

Se sua vontade é que não se perca nenhum daqueles pequeninos, seria possível, sem um imenso sacrilégio, pensar-se que ele não deseje a salvação universal de todos, mas apenas de alguns? Portanto, aquele que se perde, perde-se contra a vontade de Deus. A cada dia Ele clama: *Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos. Por que haveis de morrer, ó casa de Israel?* (Ez 33,11). E, novamente: *Quantas vezes eu quis reunir os teus filhos como uma galinha reúne seus pintinhos debaixo das asas, mas não quiseste* (Mt 23,37). Ou, então: *Por que este povo é rebelde? Por que Jerusalém é continuamente rebelde?* (Jr 8,5). E mais: *Eles se firmam na falsidade e não querem se converter* (Jr 5,3).

A graça do Cristo está sempre à nossa disposição e, como *ele quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade* (1Tm 2,4), chama a todos sem exceção. *Vinde a mim, vós todos que estais fatigados e carregais pesados far-*

dos, e eu vos aliviarei (Mt 11,28). Se apenas alguns fossem chamados, e não todos, poder-se-ia concluir que todos não estão sobrecarregados, seja pelo pecado original, seja pelo pecado atual. E, assim, não seria verdadeira a seguinte afirmação da Escritura: *Todos pecaram e estão privados da glória de Deus* (Rm 3,23). Portanto, não seria justo acreditar *que a morte passou para todos os homens porque todos pecaram* (Rm 5,12).

Assim, todos os que se perdem, o fazem contra a vontade de Deus, pois a morte não foi criada por Deus. E isso é atestado pela Escritura: *Deus não fez a morte, nem tem prazer em destruir os viventes* (Sb 1,13).

É por isso que, muitas vezes, quando solicitamos a Deus coisas incompatíveis com o nosso bem, em lugar do que nos seria proveitoso, ele demora em nos atender, ou se recusa totalmente a fazê-lo. Em contrapartida, quando está em jogo nosso bem, sua bondade nos impõe, mesmo contra todas as nossas resistências, o que julgamos prejudicial, como o faria o melhor dos médicos. Freqüentemente Deus retarda ou impede o detestável efeito de nossos maus propósitos e das funestas tentativas que nos levariam à morte. Desse modo, o Senhor nos leva à vida, arrancando-nos ao abismo do inferno.

8 - *A graça de Deus e o livre arbítrio*

É a própria palavra de Deus que, pela boca do profeta Oséias, descreve com muita elegância, os cuidados de sua providência, e o faz, usando a figura da infiel Jerusalém, que se apressa, com pernicioso ardor, em cultuar os ídolos. De fato, ela assim se exprime: *Quero correr atrás de meus amantes, daqueles que me dão o meu pão e minha água, minha lã e meu linho, meu óleo e minha bebida* (Os 2,5). Todavia, a bondade divina, considerando mais sua salvação que seus caprichos, assim responde: *Por isso, cercarei seu caminho com espinhos e o*

fecharei com uma muralha para que não mais encontre seu caminho. Perseguirá seus amantes sem os alcançar, procurá-los-á, mas não os encontrará. Então dirá: Quero voltar ao meu primeiro marido, pois eu era outrora mais feliz do que agora (Os 2,6-7).

Novamente o Senhor descreve, mediante a seguinte comparação, a arrogância e obstinação com as quais nossa alma rebelde responde ao seu apelo para retornarmos ao caminho da salvação: *Vós me chamareis meu Pai, e não vos afastareis de mim. Mas, como uma mulher que trai o seu amante, assim vós me traístes, casa de Israel* (Jr 3,19-20).

Após comparar Jerusalém com a esposa adúltera que abandona o marido, o próprio Senhor se compara, com exatidão, em seu amor e em sua inexaurível compaixão, ao homem ardentemente apaixonado. Uma vez que não se deixa vencer pelas injúrias, não o podemos ver abandonar o cuidado por nossa salvação, ou ser induzido a renunciar a seu projeto inicial, forçado, de certo modo, a recuar diante de nossas iniqüidades.

A ternura e a permanente dileção que o Senhor revela para com o gênero humano não poderiam ser expressas com mais felicidade por nenhuma outra figura do que a do homem apaixonado, que ama sua mulher com amor ardentíssimo. Quanto mais se sente rejeitado por ela, mais se inflama seu ardoroso zelo. A proteção divina está sempre presente em nossa vida e jamais nos desampara. É tamanha a ternura do Criador por sua criatura que sua providência não só a acompanha, mas a precede constantemente. É dessa experiência que fala o profeta: *Deus virá com seu amor ao meu encontro* (Sl 58,11).

Ao perceber em nós qualquer boa vontade incipiente, logo derrama sobre nós sua luz e sua força, inspirando-nos o desejo da salvação e incrementando a semente que Ele próprio plantou e viu nascer com nosso esforço. E é assim que se exprime:

Acontecerá então que antes de me invocarem, eu já terei respondido; enquanto ainda estiverem falando, eu já os terei atendido (Is 65,24). E diz mais: *À voz do teu clamor, ele fará sentir a sua graça; ao ouvi-lo, ele te responderá* (Is 30,19).

Deste modo, o Senhor não apenas nos inspira santos desejos, como também nos propicia a ocasião de voltar à vida, oferecendo-nos as circunstâncias favoráveis e mostrando aos que se desviaram o caminho seguro da salvação.

9 - *A eficácia da nossa boa vontade e o valor da graça de Deus*

Mas eis onde a razão humana se embaraça, se é verídica a afirmação de que o Senhor dá a quem pede; quem o procura acha-o; e abre a quem bate (cf. Mt 7,7). Em contrapartida, também é encontrado por quem não o procura; aparece visivelmente entre aqueles que não o invocam e, diariamente estende as mãos a pessoas incrédulas e rebeldes (cf. Rm 10,20-21; Is 65,1-2). Por vezes, chama os que lhe resistem e se mantêm distantes e atrai outros, mesmo sem que o desejem, para o caminho da salvação. Além disso, por sua benignidade impede os que se inclinam para o pecado de concretizarem seu iníquo projeto. E que dizer dos textos abaixo, que parecem em contradição uns com os outros?

Talvez a alguém possa parecer que nossa salvação deva ser atribuída ao nosso livre arbítrio em virtude da palavra do profeta Isaías: *Se estiverdes dispostos a ouvir, comereis os frutos da terra* (Is 1,19). Também diz a Escritura: *A escolha de Deus não depende da vontade ou dos esforços do ser humano, mas somente de Deus que usa de misericórdia* (Rm 9,16). E ainda: *Deus retribuirá a cada um segundo suas obras* (Rm 2,6). Todavia, também nela se encontra: *É Deus quem opera em nós o querer e o agir, segundo seu agrado* (Fl 2,13). E ainda lemos: *É pela graça que fostes salvos mediante a fé. E isso não vem de vós, é*

dom de Deus! Não vem das obras de modo que ninguém pode gloriar-se (Ef 2,8-9). Mas, também foi escrito: *Aproximai-vos de Deus e Ele se aproximará de vós* (Tg 4,8), encontramos em outro lugar: *Ninguém vem a mim, se o Pai que me enviou, não o atrair* (Jo 6,44). Se por um lado é dito: *Conduz teus passos pelo caminho reto, e sejam firmes todas as tuas veredas* (Pr 4,26 – LXX). Por outro, ao rezar, dizemos: *Dirigi meus passos em tua presença* (Sl 5,9), *para que meus pés não vacilem* (Sl 16,5). E ainda: *Formai um coração novo e um espírito novo* (Ez 18,31). E pela boca de Ezequiel nos é feita esta promessa: *Dar-lhes-ei um só coração e porei em seu íntimo um espírito novo: removerei de seu corpo o coração de pedra, dar-lhes-ei um coração de carne, a fim de que andem segundo meus estatutos e guardem as minhas normas e as cumpram* (Ez 11,19-20). E o Senhor ainda nos prescreve o seguinte: *Purifica teu coração da maldade, Jerusalém, para que sejas salva* (Jr 4,14).

E eis que o profeta suplica ao Senhor de conceder-lhe aquilo mesmo que Ele ordena: *Criai em mim, ó Deus, um coração puro* (Sl 50,12); e também: *Lavai-me e ficarei mais branco do que a neve* (Sl 50,9). Que significa para nós: *Acendei em vós a luz da ciência* (Os 10,12 – LXX). E o salmista também nos diz: *Deus ensina a ciência ao homem* (Sl 93,10). *O Senhor abre os olhos ao cego* (Sl 145,8). E nós também pedimos a Deus com o profeta: *Não deixeis que se me apague a luz dos olhos e fechem pela morte, adormecidos* (Sl 12,4).

A que conclusão devemos chegar senão a de que todos esses textos declaram a uma só vez a força da graça de Deus e a nossa liberdade? Pois, mesmo que o homem por si mesmo possa, às vezes, aspirar à virtude, de fato, irá sempre necessitar do socorro divino.

É certo que não depende da própria vontade que alguém goze de boa saúde. Nossos desejos não nos libertam das enfermi-

dades. De que adianta desejarmos a graça de sermos saudáveis, se Deus que nos concedeu a vida não nos facultou também o vigor da incolumidade? Por outro lado, de um bem natural que o Criador nos proporcionou, provém, muitas vezes, um início de boa vontade que, todavia, não conseguirá atingir a virtude perfeita, a menos que o Senhor não a auxilie. E para que essa verdade fique ainda mais evidente, eis o testemunho do Apóstolo: *Querer o bem está a meu alcance, não consigo porém realizá-lo* (Rm 7,18).

10 - *A fragilidade do livre arbítrio*

A existência de nosso livre arbítrio é confirmada pela Sagrada Escritura: *Guarda teu coração com todo o zelo* (Pr 4,23). Mas o Apóstolo manifesta essa fragilidade, declarando: *O Senhor guarde vossos corações e vossas inteligências no Cristo Jesus* (Fl 4,7). E Davi declara a força do livre arbítrio, ao dizer: *Inclinai meu coração para obedecer aos vossos mandamentos* (Sl 118,112), mas ele também ensina a sua fragilidade, ao rezar: *Inclina meu coração para teus mandamentos e nunca para a avareza* (Sl 118,36). O mesmo diz Salomão: *Incline o Senhor para Ele nossos corações, a fim de que andemos em todos os seus caminhos e guardemos os ensinamentos, os estatutos e as normas que deu a nossos pais* (1Rs 8,58).

Todavia é o poder de nosso livre arbítrio que o salmista designa, ao dizer: *Preserva tua língua do mal, e teus lábios das palavras enganosas* (Sl 33,14). Nossa oração, contudo, exprime nossa fraqueza, ao dizer: *Ponde uma guarda em minha boca, Senhor, e vigias às portas dos lábios* (Sl 140,3).

O Senhor também declara o vigor de nosso livre arbítrio, através de Isaías: *Desata as cadeias de teu pescoço, filha de Sião cativa* (Is 52,2). No entanto, o profeta canta sua fragilidade: *É o Senhor que quebra as correntes dos cativos* (Sl 145,7). E

ainda: *Ó Senhor, quebrastes-me os grilhões da escravidão! Por isso vos ofereto um sacrifício de louvor* (Sl 115,16-17). No Evangelho, ouvimos o Senhor a nos chamar, a fim de que por nosso livre arbítrio corramos ao seu encontro: *Vinde a mim, todos vós que estais fatigados e sobrecarregados por vossos fardos, e eu vos aliviarei* (Mt 11,28). Mas o Senhor mesmo enfatiza nossa incapacidade, dizendo: *Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o atrair* (Jo 6,44). E o Apóstolo, assinalando nosso livre arbítrio diz: *Correi de modo a que conquisteis o prêmio* (1Cor 9,24). E São João Batista atesta nossa fraqueza: *Ninguém pode receber coisa alguma se não lhe foi dada do céu* (Jo 3,27). Jeremias nos manda que guardemos nossas almas com toda a solicitude: *Tomai cuidado com vossas almas* (Jr 17,21), mas o mesmo Espírito diz pela boca de outro profeta: *Se o Senhor não vigiar nossa cidade, em vão vigiarão os que a guardam* (Sl 126,1 – LXX). O Apóstolo, ao escrever aos filipenses, procura mostrar que eles são livres: *Trabalhai em vossa salvação com temor e tremor* (Fl 2,12), mas logo acrescenta, ressaltando-lhes a fraqueza: *É Deus quem opera em vós o querer e o agir, do modo que lhe aprouver* (Fl 2,13).

11 - *Pergunta-se: A graça de Deus precede ou acompanha a nossa boa vontade?*

A graça e o livre arbítrio se interpenetram e de modo tão confuso e estranho que entre muitos autores um grande debate é travado, para estabelecer a verdade entre as duas alternativas seguintes: seria a nossa boa vontade incipiente que despertaria a compaixão de Deus por nós, ou, ao contrário, seria a piedade de Deus que nos levaria a esse despertar da boa vontade?

São muitos os que adotam uma ou outra dessas concepções e, ultrapassando em suas afirmações um critério justo, caíram em erros diferentes, e até, às vezes, contrários uns aos outros.

Se dissermos que o princípio da boa vontade nos cabe, que seria de Paulo, o perseguidor (cf. At 9), e de Mateus, o publicano? (cf. Mt 9,9). Ambos foram atraídos à salvação, apesar de um se regozijar no sangue e no suplício dos inocentes, e o outro, na violência e na rapina dos bens públicos. Se, ao contrário, afirmarmos que o princípio da boa vontade se origina sempre de uma inspiração divina, que diremos da fé demonstrada por Zaqueu ou da piedade do ladrão crucificado? (cf. Lc 19,2ss; 23,40ss). Pois, em virtude de um ardente desejo, conquistaram como que por violência o reino dos céus, prevenindo, de certo modo, o especial chamado divino.

Ainda, se atribuirmos ao nosso livre arbítrio a aquisição da virtude e a observância dos mandamentos de Deus, como poderemos orar: *Confirmai, ó Deus, o que operastes em nós*? (Sl 67,29). E, também: *Tornai fecundo o trabalho de nossas mãos*? (Sl 89,17).

Sabemos que Balaão foi pago para amaldiçoar Israel, mas não lhe foi permitido satisfazer tal desejo (cf. Nm 22,5ss). Deus também preservou Abimelec de tocar em Rebeca não podendo ele, assim, consumar seu pecado (cf. Gn 20,6).[1]

A ciumada entre os irmãos de José fizeram com que ele fosse levado para bem distante (cf. Gn 37,28), preparando, assim, o êxodo dos filhos de Israel para o Egito. Desse modo, em lugar do fratricídio premeditado, acabaram condicionando o socorro que os salvou quando a fome assolou aquela região. Foi o que o próprio José disse aos irmãos ao se ver reconhecido: *Não tenhais medo, nem vos entristeçais por me terdes vendido para ser conduzido aqui. Foi para vossa salvação que Deus me enviou adiante de vós* (Gn 45,5). E pouco depois: *Deus me enviou à vossa frente a fim de que sobrevivêsseis e não vos faltasse alimento para isso. Não foi por vossa determinação mas pela vontade de Deus que fui enviado. Para me tornar como um pai*

[1] O episódio em questão refere-se a Sara e não a Rebeca.

para o Faraó e senhor de toda a sua casa e príncipe de todo o Egito (Gn 45,7-8). E, como após a morte do pai, os irmãos continuassem temerosos, falou-lhes novamente: *Não temais: porventura podemos resistir à vontade de Deus? Vossa intenção era prejudicar-me, mas Deus transformou o mal em bem, a fim de me exaltar. Pois foram salvos numerosos povos* (Gn 50,19-20). Igualmente o bem-aventurado Davi declara no salmo 104 que todas aquelas coisas aconteceram por um projeto especial de Deus: *Mandou, então vir a fome sobre a terra e os privou de todo o pão que os sustentava; um homem enviara à sua frente, José que foi vendido como escravo* (Sl 104,16-17).

Embora nos pareça aqui que a graça e o livre arbítrio estejam em conflito, ambos estão em consonância. E a piedade impõe-nos o dever de aceitar esses dois elementos. Privar o homem de qualquer deles seria desprezar a própria regra de fé da Igreja. Com efeito, tão logo Deus percebe nossa intenção de nos voltarmos para o bem, ele acorre ao nosso encontro, nos orienta, nos reconforta. É o que nos diz Isaías: *À voz de tua súplica, ele te fará misericórdia; assim que a ouvir ele te atenderá* (Is 30,19). E é o próprio Senhor quem nos afirma: *Invoca-me no dia da tribulação, eu te libertarei e tu me glorificarás* (Sl 49,15). Se, ao contrário, percebe em nós resistência ou tibieza, dirige exortações salutares a nosso coração que renovam ou despertam em nós as boas intenções.

12 - *A boa vontade não deve ser exclusivamente atribuída nem ao livre arbítrio nem ao homem*

Não é lícito pensarmos que Deus criou o homem incapaz de querer ou de fazer o bem. Assim, não poderíamos dizer que ele lhe teria concedido o livre arbítrio, uma vez que só lhe permitiria querer e poder praticar o mal. Desse modo, desmentiria aquela palavra do Senhor: *Eis que o homem se tornou como um*

de nós, conhecendo o bem e o mal (Gn 3,22).

Não penseis que o homem, no estado anterior à queda, tenha ignorado totalmente o bem. Nesse caso, seria forçoso admitir que ele fora criado como um animal insensato e irracional. O que seria um absurdo e totalmente contrário à fé católica. Pois, de acordo com a sábia palavra de Salomão, *Deus criou o homem reto* (Ecl 7,29 – LXX), vale dizer, capaz de satisfazer-se continuamente com a ciência do bem. Contudo, os próprios homens se embaraçaram com a elaboração de muitos raciocínios (Ecl 7,29 – LXX), tornando-se, como foi dito, seres conhecedores do bem e do mal. Assim, após sua prevaricação, Adão obteve a ciência do mal que antes não possuía, não perdendo, todavia, a ciência do bem, que anteriormente já recebera.

As palavras do Apóstolo manifestam com a maior clareza que, após a queda de Adão, o gênero humano não perdeu a ciência do bem: *Os pagãos, que não têm a lei, mas praticam naturalmente as coisas que são da lei, embora não tendo a lei, a si mesmos servem de lei. Eles mostram que o objeto da lei está gravado em seus corações, dando disto testemunho sua consciência e seus pensamentos que, alternadamente, se acusam e se defendem no dia em que Deus – segundo meu Evangelho – julgar, por Jesus Cristo, as ações secretas dos homens* (Rm 2,14-16).

Nesse mesmo sentido, o Senhor censura pelas palavras do profeta a cegueira dos judeus, não natural, mas voluntária, com que eles mesmos se armavam com obstinação. Assim, diz, pois: *Ouvi, ó surdos! Olhai e vede, ó cegos! Mas quem é cego senão o meu servo? Quem é surdo como o mensageiro que envio?* (Is 42,18-19).

E, temendo que se possa atribuir tal cegueira à natureza e não à vontade, ordena em outro lugar: *Fazei sair este povo que é cego, embora tenha olhos, este povo de surdos, apesar de ter*

ouvidos (Is 43,8). E insiste em outro lugar: *Eles têm olhos, mas não vêem, ouvidos, mas não ouvem* (Jr 5,21). O Senhor também diz no Evangelho: *Porque vêem sem ver e ouvem sem ouvir nem entender* (Mt 13,13). A profecia de Isaías se cumpriu em relação àquele povo. *Podeis ouvir certamente, mas não haveis de entender; podeis ver certamente, mas não podeis compreender. Embota o coração deste povo, torna pesados os seus ouvidos, tapa-lhe os olhos, para que não veja com os olhos, e não ouça com os ouvidos, e não suceda que o seu coração venha a compreender e que ele se converta e consiga a cura* (Is 6,9-10 – LXX). Finalmente para mostrar que eles eram capazes de fazer o bem, o Senhor censura os fariseus, dizendo-lhes: *Por que não julgais por vós mesmos o que é justo?* (Lc 12,57). Com certeza ele não os teria censurado deste modo, se não soubesse que eram capazes de discernir o que é justo.

Torna-se, pois, imprescindível de nossa parte evitarmos atribuir ao Senhor todo o mérito dos santos, de tal maneira que só iremos responsabilizar a natureza humana pelo que tem de mau e de perverso. Nesse caso, seríamos refutados pelo testemunho do sapientíssimo Salomão e, mais ainda, pelo próprio Senhor que assim se expressa, na oração que faz, quando se verifica o término da construção do templo: *Meu pai Davi teve a intenção de construir uma casa para o Nome do Senhor, Deus de Israel, mas o Senhor disse a meu pai Davi: Planejaste edificar uma casa para meu Nome e fizeste bem. Contudo, não serás tu que edificarás essa casa para meu Nome* (1Rs 8,17-19).

Esse pensamento e esse projeto do rei Davi seriam bons e inspirados por Deus, ou maus e devemos imputá-los ao homem? Se Davi concebera um bom projeto inspirado por Deus, por que Aquele que o inspirou, não lhe permitiu levá-lo a bom termo? Se era mau, e suscitado pela própria vontade humana, por que o Senhor o teria louvado? Não nos resta senão aceitar que se tra-

tava de um bom projeto e concebido pelo próprio homem.

Diariamente podemos estabelecer tais julgamentos em relação a nossos próprios pensamentos. Davi não recebeu o privilégio exclusivo de conceber por si mesmo bons pensamentos. Nossa natureza não foi condenada a jamais experimentar o sabor do bem ou formular algum pensamento reto.

Portanto, não podemos duvidar de que toda alma possua naturalmente as sementes de virtude depositadas em si mesma pela benevolência do Criador. Mas, se o auxílio divino não as incrementar, não poderão jamais chegar ao crescimento perfeito, porque segundo o bem-aventurado Apóstolo: *Aquele que planta nada é; aquele que rega nada é; mas importa tão-somente Deus que dá o crescimento* (1Cor 3,7).

O Pastor, no livro que parece ser de sua autoria, ensina com toda a clareza que o homem possui a liberdade de inclinar-se quer para um lado, quer para o outro. Nesse livro é mencionado que dois anjos estão vinculados a cada um de nós. Um bom e o outro mau, mas a opção de seguir a um ou a outro depende da nossa decisão. Assim sendo, resta sempre ao homem a liberdade de negligenciar ou amar a graça de Deus (cf. VIII,17).

Se assim não fosse, o Apóstolo não teria dado o seguinte conselho: *Trabalhai pela vossa salvação com temor e tremor* (Fl 2,12). Claro que não se teria expressado de tal modo se não estivesse certo de que depende de nosso livre arbítrio o zelo ou a negligência pela nossa salvação.

Mas, para que não acreditemos que podemos dispensar o socorro divino para a realização dessa obra magnânima, acrescenta: *É Deus quem opera em vós o querer e o agir, de acordo com sua vontade* (Fl 2,13).

Do mesmo modo adverte a Timóteo: *Não negligencies a graça que te foi dada* (2Tm 4,14), e ainda: *Por este motivo eu te exorto a reavivar a graça de Deus que há em ti* (2Tm 1,6).

O Apóstolo, ao escrever aos coríntios, adverte-os de que não se tornem indignos da graça de Deus, mediante obras não meritórias: *Visto que somos colaboradores dele, exortamos-vos a que não recebais a graça de Deus em vão* (2Cor 6,1).

Simão, por exemplo, recebeu-a em vão e, por isso, não lhe foi de nenhum proveito. Não obedeceu a Pedro quando por ele foi assim admoestado: *Arrepende-te, pois, dessa tua maldade e ora ao Senhor que possa te ser perdoado este pensamento do teu coração; pois eu te vejo na amargura do fel e nos laços da iniqüidade* (At 8,22-23).

Assim, de acordo com o que foi dito, Deus previne a vontade do homem. *A misericórdia de meu Deus me prevenirá* (Sl 58,11). Depois, novamente será a vez de nossa vontade prevenir a Deus quando, para nosso bem, ele tarda em nos atender a fim de provar nosso livre arbítrio: *Minha prece se eleva até vós desde a aurora* (Sl 87,14). E ainda: *Chego antes que a aurora e vos imploro* (Sl 118,147), e mais: *Os meus olhos antecipam as vigílias* (Sl 118,148). Ele nos chama e nos convida, quando diz: *O dia todo estendi as mãos a um povo desobediente e rebelde* (Rm 10,21). E também nós o convidamos, ao lhe dizer: *Clamo a vós, ó Senhor, sem cessar todo o dia* (Sl 87,10). Mas, como diz o profeta, Deus nos espera: *O Senhor espera para ter piedade de vós* (Is 30,18). E nós, também, o esperamos: *Esperando, esperei no Senhor e ele me olhou* (Sl 39,2), e ainda: *Esperei a vossa salvação, Senhor* (Sl 118,166). Deus também nos conforta, ao nos dizer através do profeta Oséias: *Eu os adverti e fortifiquei seus braços, mas eles meditam o mal contra mim* (Os 7,15). E também nos exorta a que nos fortifiquemos a nós mesmos: *Fortificai as mãos desfalecidas, robustecei os joelhos vacilantes* (Is 35,3).

E Jesus vai exortar: *Se alguém tem sede, venha a mim e beba* (Jo 7,37). E o profeta, por sua vez, clama ao Senhor: *À força de gritar estou cansado; minha garganta já ficou enrou-*

quecida. Os meus olhos já perderam sua luz, de tanto esperar pelo meu Deus! (Sl 68,4). E é certo que o Senhor está sempre em busca do homem, como bem nos demonstram as palavras do Cântico dos Cânticos: *Procurei-o e não o encontrei; chamei-o, mas ele não respondeu* (Ct 5,6). E também a esposa o procura, com lamentos carregados de lágrimas: *Durante as noites, em meu leito, busquei aquele que meu coração ama; procurei-o sem encontrá-lo* (Ct 3,1 – LXX).

13 - *Os esforços humanos não podem substituir a graça de Deus*

Assim, sempre a graça de Deus coopera com o livre arbítrio para o nosso bem, protegendo-o, auxiliando-o e defendendo-o. Algumas vezes a graça divina exige ou espera de nossa boa vontade algum empenho a fim de não parecer que concede seus dons a um indivíduo completamente fragilizado pela inércia e pelo ócio. De qualquer modo, a graça procura como pretexto as ocasiões em que o homem, tendo sacudido seu torpor e sua indolência, demonstre um mínimo de boa vontade e um certo alento a fim de que sua liberalidade não pareça irracional.

Todavia, mesmo então ela permanece gratuita. Porque, como conseqüência de um empenho tão pequenino e insignificante, ela recompensa com a imensa glória da imortalidade e os dons da eterna bem-aventurança com inestimável magnificência.

É bem verdade que a fé do ladrão crucificado foi por ele expressa em primeiro lugar (cf. Lc 23,40). Mas por isso não convém pensar que a bem-aventurança da entrada no paraíso não lhe tenha sido gratuitamente prometida.

Também não deveis acreditar que foi apenas por sua palavra de arrependimento: *Pequei contra o Senhor* (2Sm 12,13), e não pela misericórdia de Deus que o rei Davi foi perdoado de

seus dois crimes gravíssimos e mereceu ouvir do profeta Natã aquelas palavras: *O Senhor perdoou a tua iniqüidade e não morrerás* (2Sm 12,13).

Acrescentar o homicídio ao adultério foi obra de seu livre arbítrio. Receber a repreensão do profeta Natã foi obra da divina clemência; humilhar-se e reconhecer seu pecado foi fruto de sua vontade. Ter merecido em tão curto tempo o perdão de crimes tão abomináveis, foi dom da misericórdia do Senhor.

Que dizer de uma confissão tão breve e da incomparável recompensa da generosidade divina? O Apóstolo, considerando a grandeza da retribuição futura, assim se refere às inúmeras perseguições de que era vítima: *Com efeito, a insignificância de uma tribulação momentânea acarreta para nós um peso eterno e incomensurável de glória* (2Cor 4,17).

E declara também em outro passo: *Os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória futura que se manifestará em nós* (Rm 8,18).

Quaisquer esforços provenientes da fragilidade humana não poderiam ser comparados à futura recompensa, e o empenho demonstrado pelo homem não pode reduzir o papel da graça, porque, de fato, essa é sempre gratuita.

Eis por que, após atestar que foi pela graça de Deus que recebeu a dignidade apostólica, o mestre dos gentios proclama: *Pela graça de Deus sou o que sou* (1Cor 15,10). O Apóstolo, por sua vez, soube responder ao chamado da graça, uma vez que ele assim continua: *E a graça que Deus reservou para mim não foi estéril, a prova é que tenho trabalhado mais que todos eles, não propriamente eu, mas a graça de Deus comigo* (1Cor 15,10).

Ao dizer: *trabalhei*, refere-se ao esforço de seu próprio arbítrio, ao acrescentar: *não eu, mas a graça de Deus,* indica a força da proteção divina. Enfim, pela palavra: *comigo,* declara

que a graça cooperou não com um ocioso ou displicente, mas com alguém que se empenhou em um trabalho estafante.

14 - *Deus, ao enviar-nos as tentações, põe à prova a força de nosso livre arbítrio*

No livro de Jó, o atleta amado por Deus, quando o demônio o reivindica para um combate singular, notamos uma análoga ação da justiça divina.

Se Jó não houvesse lutado contra seu adversário com suas próprias forças, mas somente com a graça de Deus que o cobria com sua proteção, se ele houvesse suportado, sem o apoio da virtude de sua própria paciência, mas unicamente apoiado pelo socorro divino, o enorme peso daquelas múltiplas tentações inventadas pelo inimigo com tão cruel artimanha e tantas catástrofes, como o demônio não insistiria com maior razão naquela calúnia já anteriormente proferida: *É a troco de nada que Jó serve a Deus? Não cercaste como de uma muralha a sua pessoa, a sua casa e todos os seus bens? Mas estende tua mão e toca em tudo quanto ele possui; juro-te que te amaldiçoará em tua face!* (Jó 1,9-11 – LXX).

Mas o diabo não ousa, apesar de exímio caluniador, voltar àquela recriminação após a luta. E por tal procedimento ele confessa que não foi a força de Deus que o venceu, mas a do próprio Jó.

Contudo, por isso, não somos autorizados a acreditar que a graça faltou totalmente a Jó. Pois foi ela que deu ao tentador um poder proporcional à capacidade de resistência de Jó. A graça divina não o protege do ataque de modo a não deixar lugar à virtude humana, todavia, limita-se a fazer com que seu cruel inimigo não lhe retire a razão e a posse de si mesmo, para, em seguida, liquidá-lo pela desigualdade de inteligência e o peso de um combate insuperável.

Assim, Deus nos prova a fé para torná-la mais vigorosa e triunfante. O exemplo do Centurião do Evangelho nos apresenta a mesma lição. É evidente que o Senhor sabia que curaria seu servo pelo poder de sua palavra, preferiu, no entanto, oferecer sua presença corporal, dizendo: *Eu irei e o curarei* (Mt 8,7).

O outro, porém, sentindo crescer o ardor de sua fé, supera aquele oferecimento e exclama: *Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma só palavra e meu servo será curado* (Mt 8,8).

O Senhor, tomado de admiração, louva-o e o exalta mais que a todos os crentes de Israel, dizendo: *Em verdade vos digo: jamais encontrei tão grande fé em Israel* (Mt 8,10).

Mas não haveria glória nem merecimento se o Cristo houvesse louvado naquele homem tão-somente os dons que Ele mesmo lhe outorgara.

Lemos que a justiça divina ofereceu igualmente essa prova de fé ao mais ilustre dos patriarcas ao dizer: *Depois disso, Deus provou Abraão* (Gn 22,1 – LXX). Com efeito, não foi aquela fé inspirada pelo próprio Senhor, que Ele queria provar, mas a fé que Abraão, ele mesmo, era capaz de testemunhar livremente, uma vez que fora eleito e iluminado pelo Senhor.

Por conseguinte, não imerecidamente a firmeza de sua fé foi reconhecida e assim lhe foi dito, quando a graça de Deus, retirada um momento em virtude da provação, lhe foi devolvida: *Não estendas a tua mão contra o menino e não lhe faças nada. Agora eu sei que temes a Deus, pois não me recusaste teu próprio filho, teu filho único* (Gn 22,12 – LXX).

Talvez, também nós façamos a experiência desse gênero de tentação para que tenhamos o mérito da provação. No Deuteronômio, o Legislador prevê com clareza essa possibilidade. *Caso se levante no meio de ti um profeta ou um visionário, anunciando-te um sinal ou prodígio, e acontecer o sinal ou*

prodígio anunciado, e ele te disser: vamos, sigamos outros deuses – que te são desconhecidos – e prestemos-lhes culto, tu não ouvirás as palavras desse profeta ou desse visionário porque o Senhor vosso Deus vos estará pondo à prova para ver se o amais de todo o vosso coração e de toda a vossa alma (Dt 13,1-3). Pois, então, quando Deus houver permitido o aparecimento desse profeta ou visionário, irá ele proteger todos cuja fé deseja provar, de modo a não deixar lugar à liberdade, a fim de que eles lutem contra o tentador com suas próprias forças?

A justiça do Senhor não teria permitido que eles fossem tentados se não soubesse que eles seriam capazes de uma força de resistência igual à do ataque que receberiam, de sorte que poderiam, com toda a equidade, ser julgados culpados ou dignos de elogio, segundo sua atuação.

Em conformidade com tal doutrina, assim dizia o Apóstolo: *Portanto, quem julga estar de pé, tome cuidado para não cair. Não tendes sido provados além do que é humanamente suportável. Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além de vossas forças* (1Cor 10,12-13).

Pelas palavras: *Quem pensa estar de pé tome cuidado para não cair,* ele adverte para que sejam vigilantes em sua liberdade. Pois bem sabe o Apóstolo que, uma vez recebida a graça, depende de quem a recebeu, permanecer firme por seu zelo ou cair por sua negligência. Ao prosseguir: *Não tendes sido provados além do que é humanamente suportável,* ele censura a fraqueza e a inconstância que dominam as almas ainda não fortalecidas e as tornam impróprias para suportar os assaltos das potências malévolas contra as quais ele próprio luta, cotidianamente, como escreve aos efésios: *A nossa luta não é contra o sangue e a carne, mas contra os principados, as potestades, os dominadores deste mundo tenebroso, os espíritos malignos espalhados pelo espaço* (Ef 6,12). Contudo, ao acrescentar: *Deus,*

que é fiel, não permitirá que sejais tentados além do que é humanamente suportável (1Cor 10,13), certamente o Apóstolo não deseja que o Senhor não permita a tentação, mas que as pessoas não sejam tentadas além de sua capacidade de resistência.

A primeira advertência do Apóstolo, portanto, refere-se à condição do livre arbítrio humano, enquanto que a segunda alude à graça que modera os assaltos dessa mesma tentação.

Toda essa argumentação vem confirmar que a graça divina excita o livre arbítrio, mas não o protege, nem o defende, a ponto de não precisar recorrer às próprias forças no combate travado contra seus inimigos espirituais.

Caso saia vencedor, o homem aprenderá a reconhecer a graça de Deus; ao contrário, se for vencido, responsabilizará sua fragilidade.

Assim aprenderá a não contar com suas próprias forças, mas a recorrer sempre ao auxílio divino e a seu protetor.

Não se trata aqui de uma opinião pessoal, mas de testemunhos evidentes apoiados na Sagrada Escritura. Recordemos, com efeito, o que se lê no livro de Josué: *Estas são as nações que o Senhor deixou subsistir para provar por meio delas os israelitas, para ver se eles todos guardavam os preceitos do Senhor seu Deus, e aprendessem a combater* (Jd 3,1-2; 2,22). Busquemos entre as coisas humanas algo que tenha certa analogia com a incomparável clemência de nosso Criador; embora não pretendamos, de modo algum, encontrar qualquer igualdade com sua ternura. Tentaremos, no entanto, vislumbrar apenas uma mera semelhança com sua indulgente bondade. Suponhamos uma mãe amorosa e cheia de solicitude por seu filhinho. Durante muito tempo ela o carrega nos braços até que finalmente ele possa aprender a caminhar. Antes do mais, ela o leva a engatinhar. Depois, segurando-o pela mão, faz com que a criança se aprume para que possa apoiar os pés alternativamente. Em seguida, dei-

xa-o sozinho um instante, se o percebe inseguro, porém, toma-o logo pela mão, sustentando-lhe os passos hesitantes e evitando que venha a cair. Ou então ela o deixa cair suavemente para em seguida reerguê-lo. Agora, ei-lo que se tornou um rapazinho. Logo estará em plena força da adolescência e da maturidade. Então passará a encarregá-lo de pequenas tarefas a fim de exercitá-lo sem o oprimir, permitindo-lhe lutar com os companheiros.

Ora, nosso Pai que está nos céus sabe bem melhor a quem deve carregar em seu seio cheio de graça, e a quem deve exercitar no uso do livre arbítrio para, à luz de sua face, assegurar-lhe a virtude. Contudo, Ele ainda o socorre em seus trabalhos, escuta seus apelos, não o abandona quando este o suplica e chega mesmo a libertá-lo do perigo, embora o próprio agraciado nem sempre se dê conta.

15 - *A graça multiforme da vocação divina*

Dessa argumentação resulta claramente que *são inescrutáveis os julgamentos e insondáveis os caminhos de Deus* (Rm 11,33), pelos quais ele atrai o gênero humano para a salvação. No entanto, as vocações relatadas no Evangelho nos confirmam essa realidade. Nem André, nem Pedro, nem os outros apóstolos estavam preocupados com sua salvação quando Cristo os elegeu por uma graça espontânea de sua condescendência (cf. Mt 4,18).

Zaqueu, levado por um sentimento de fé, esforça-se para ver o Senhor e procura compensar sua pequena estatura, subindo em um sicômoro. O Senhor não só o acolhe, mas ainda, concede-lhe a bênção de hospedar-se em sua casa (cf. Lc 19,2 ss).

O Senhor também atrai Paulo que lhe é um obstinado opositor (cf. At 9,3ss). A um outro ele ordena que o siga tão inseparavelmente que chega a recusar-lhe o curto prazo para que sepulte o próprio pai (cf. Mt 8,21 ss). A Cornélio, que se dedica

continuamente à oração e à esmola, como recompensa, lhe é mostrado o caminho da salvação na figura de um anjo que lhe é enviado e que lhe ordena chamar Pedro a fim de aprender por seu intermédio as palavras de salvação para ele e todos os seus (cf. At 10).

Assim, a sabedoria multiforme de Deus propicia a salvação aos homens com inescrutável e variada piedade e, segundo a capacidade de cada um, concede a sua graça generosa.

Até mesmo, ao operar as curas, não o faz de maneira uniforme, segundo o poder de sua majestade divina sempre inalterável, mas prefere atuar de acordo com a medida de fé encontrada em cada um ou por ele mesmo concedida.

Ao leproso, que acredita que apenas a vontade do Cristo podia purificá-lo, ele diz: *Eu quero, sê purificado* (Mt 8,3). A um outro, que o suplica que vá até sua casa para ressuscitar a filha, impondo-lhe a mão, ele atende ao pedido e, entrando na casa, procede da maneira esperada (cf. Mt 9,18).

Mas a um terceiro que crê consistir a salvação no poder da palavra de Jesus, pois assim falou ao Senhor: *Dizei uma só palavra e meu servo ficará curado* (Mt 8,8), mediante sua palavra, devolve a saúde aos membros paralisados, dizendo: *Vai e seja feito conforme acreditaste* (Mt 8,13).

Aos que esperam a cura, tocando a fímbria de sua veste, concede generosamente o dom da saúde (cf. Mt 9,20). Mas não é apenas aos que pedem, que oferece a saúde. Também socorre, espontaneamente, os que já haviam perdido a esperança: *Queres ser curado?* (Jo 5,6), pergunta Ele, perscrutando os desejos de alguns, no intuito de lhes satisfazer a vontade: *Que queres que te faça?* (Mt 20,32). A uma outra, ignorante dos meios de alcançar o que deseja, indica, generoso: *Se creres, poderás ver a glória de Deus* (Jo 11,40). Em outros, tão intensamente derrama seu poder de cura que o evangelista chega a dizer: *Ele curava todas*

as enfermidades (Mt 14,14). Em relação a certas pessoas, o abismo de seus benefícios viu-se forçado a estancar-se, pois foi dito a seu respeito: *Jesus não pôde realizar milagres entre eles, por causa da incredulidade que encontrou* (Mc 6,5-6).

Eis como a liberalidade de Deus opera segundo a fé humana que reconhece. Pois ele diz a um: *Faça-se conforme a tua fé* (Mt 9,29), e a outro: *Vai! Seja feito conforme acreditaste* (Mt 8,13). E a um outro, ainda: *Seja feito como queres* (Mt 15,28). E novamente a alguém: *Tua fé te salvou* (Mc 10,52; Lc 18,42).

16 - *A graça divina excede os estreitos limites da fé humana*

Ninguém, contudo, se ponha a pensar que tais argumentos tenham por finalidade estabelecer que todo o fundamento da nossa salvação consiste no poder de nossa fé pessoal, conforme opinam alguns erradamente. Atribuindo todo o mérito ao livre arbítrio, afirmam tais pessoas que a graça de Deus é concedida segundo o merecimento de cada um. Ao contrário, nós declaramos que a graça de Deus transborda esse limite e muitas vezes ultrapassa as fronteiras da incredulidade humana.

É o que sucedeu, como convém recordar, com o funcionário real de que nos fala o Evangelho. Convencido de que seria mais fácil curar seu filho doente do que ressuscitá-lo, uma vez morto, apressa-se a implorar a presença do Senhor, dizendo: *Senhor, desce, antes que meu filho morra* (Jo 4,49). E o Cristo, que todavia, lhe censurara a incredulidade, responde: *Se não vedes sinais e prodígios, não acreditais* (Jo 4,48). Jesus, no entanto, não pauta sua atuação, segundo a fragilidade da fé daquele homem. Vai expulsar a febre letal, não com sua presença, mas por sua palavra poderosa: *Vai, teu filho vive* (Jo 4,50). Também na cura do paralítico, derrama sua graça com a mesma superabundância. Ao que pedira apenas para ser liberado das enfermidades que lhe atacavam o corpo, o Senhor começou por lhe

dar a saúde da alma: *Tem confiança, meu filho, teus pecados te são perdoados* (Mt 9,2).

E, nesse ínterim, como os escribas não quisessem acreditar em seu poder de perdoar os pecados dos homens, para confundi-los, por sua palavra devolve aos membros do paralítico a saúde de que estavam privados, dizendo: *O que é mais fácil dizer: Teus pecados te são perdoados, ou: levanta-te e anda? E para que saibais que, na terra o Filho do Homem tem o poder de perdoar os pecados* – ele diz ao paralítico – *levanta-te, pega a tua cama e vai para casa* (Mt 9,4-6).

Agiu da mesma maneira em relação ao doente que, deitado, esperava em vão havia trinta e oito anos, à beira da piscina, a cura pela movimentação das águas. Espontaneamente, demonstra a magnificência de sua liberalidade. De fato, querendo o Senhor induzi-lo a aceitar o remédio para sua saúde, interpela-o: *Queres ser curado?* (Jo 5,6). O enfermo, porém, lamenta a falta de qualquer ajuda humana: *Senhor, não tenho ninguém que me leve à piscina quando a água se movimenta* (Jo 5,7). O Senhor, então, perdoa sua incredulidade e sua ignorância; devolvendo-lhe a saúde, não do modo que esperara, mas da maneira que sua misericórdia determinara. E diz ao paralítico: *Levanta-te, pega a tua maca e vai para a tua casa* (Jo 5,8).

Mas que pode haver de tão maravilhoso nessas curas realizadas pelo poder do Senhor, uma vez que a graça divina operou verdadeiros prodígios por meio de seus servos? Quando Pedro e João entraram no Templo, um pobre homem, manco de nascença, incapaz de dar um passo, lhes pede uma esmola. Eles, porém, ao invés de lhes oferecerem as reles moedas solicitadas, concederam-lhe a possibilidade de caminhar. E o coxo, que esperara a consolação de uma simples esmola, foi enriquecido com o dom da cura não esperada. De fato, assim se expressou Pedro: *Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho te dou: em nome*

de Jesus Cristo de Nazaré, levanta-te e anda (At 3,6).

17 - *A insondável providência de Deus*

Fundamentados em tais exemplos evangélicos, podemos reconhecer, com toda a evidência, as diversas e inúmeras maneiras e os insondáveis caminhos pelos quais Deus procura a salvação do gênero humano. Ele próprio impulsiona a boa vontade de alguns que já se encontram cheios de zelo, para que cheguem a um fervor ainda mais intenso. E em outros, mesmo que não o desejem, Ele procura inspirar sentimentos bem intencionados. Assim, ora nos ajuda a realizar as boas intenções já formuladas, ora nos inspira as primícias de santas aspirações, propiciando-nos não só a capacidade de iniciarmos as boas obras, como também dando-nos a força de nelas perseverar.

Daí se deduz que, ao orarmos, nós o invocamos não apenas como protetor e salvador, mas também, como nosso socorro e sustentáculo, já que o Senhor é o primeiro a nos chamar e nos atrair à salvação. Mesmo quando disso não temos consciência, ele é nosso protetor e salvador. Todavia, quando vem em auxílio de nossos esforços, acolhendo-nos e protegendo-nos, sempre que a ele recorremos, devemos reconhecê-lo como nosso socorro e refúgio.

Considerando, pois, o espírito de liberalidade multiforme que se revela nessa providência de Deus, o bem-aventurado Apóstolo se sente como que mergulhado num oceano imenso e profundo da divina compaixão e exclama: *Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis seus juízos e impenetráveis seus caminhos! Quem, com efeito, conheceu os caminhos do Senhor?* (Rm 11,33-34).

A admiração da ciência divina reduzia a um estado de temor um homem como o doutor dos gentios. Como poderia

alguém, pois, considerar possível à razão humana medir a profundeza daquele infinito abismo?

Sim, quem quer que seja que presuma compreender ou explicar com perfeição as ações de Deus, pelas quais opera a salvação dos homens, além de impugnar a formulação do Apóstolo, com audácia sacrílega, afirma que os juízos de Deus são penetráveis ao olhar humano e seus caminhos passíveis de reconhecimento. Ora, o mesmo Senhor testemunha contra tais pessoas: *Meus pensamentos não são os vossos, e vosso modo de agir não é o meu, diz o Senhor; mas tanto quanto o céu domina a terra, tanto é superior à vossa a minha conduta e meus pensamentos ultrapassam os vossos* (Is 55,8-9).

O Senhor, querendo expressar por meio de uma comparação com o afeto humano, todo o amor que incansavelmente nos dedica, não encontrou em toda a criação melhor exemplo do que a ternura de um coração materno, e assim falou: *Pode uma mulher esquecer-se de seu filhinho? Não ter ternura pelo fruto de suas entranhas?* (Is 49,15). Mas não contente com essa comparação, ele a transcende imediatamente, dizendo: *E, mesmo que ela o esquecesse, eu não te esqueceria nunca* (Is 49,15).

18 - *Os Santos Padres demonstraram que o livre arbítrio não é suficiente para a salvação*

Para aqueles que se deixam guiar pela luz da experiência e não pela eloqüência das palavras, e sabem medir a magnitude da graça e a limitação do livre arbítrio tal verdade torna-se irrefutável. *A corrida não é para os ágeis, nem a batalha para os bravos, nem o pão para os prudentes, nem a riqueza para os sábios* (Ecl 9,11 – LXX), mas *é o mesmo Espírito que produz todas essas coisas e as distribui como lhe apraz* (1Cor 12,11).

Portanto, uma fé segura e uma quase perceptível experiência de Deus nos demonstram que, segundo o Apóstolo, o Criador

do universo opera tudo em todos, com o sentimento do mais compassivo dos pais e do mais benigno dos médicos.

Ora ele nos inspira o desejo da salvação e nos infunde o ardor de uma boa intenção; ora nos incute a força de concretizarmos as boas ações, levando-nos à perfeição das virtudes. Algumas vezes nos salva de uma ruína iminente ou nos impede de uma queda vertiginosa, mesmo a nosso contragosto, outras, nos propicia as ocasiões e circunstâncias favoráveis à salvação, impedindo, também, nossos esforços mais violentos para consumar nossos impulsos fatais.

Alguns, espontaneamente, correm para ele que logo os acolhe. A outros que lhe resistem, ele atrai, forçando-os a assumirem uma boa disposição.

Mas sejamos conscientes de que nem sempre tudo nos é concedido por Deus, principalmente quando perseveramos em resistir às suas inspirações.

Todo o processo da nossa salvação deve ser atribuído à graça divina e não a nossos atos meritórios. São as próprias palavras do Senhor que nos ensinam tal verdade, ao afirmar: *Reconhecereis vossa má conduta pela qual vos tornastes impuros e sentireis desgosto de vós mesmos pelo mal que cometestes. E sabereis que eu é que sou o Senhor, quando eu proceder convosco em atenção ao meu nome e não em consideração aos vossos erros e vossos costumes corrompidos, ó casa de Israel* (Ez 20,43-44).

Assim, todos os Santos Padres católicos que aprenderam o aperfeiçoamento do coração, não em virtude de vãs discussões, mas pela prática das boas obras, determinaram alguns princípios.

Primeiro: é pelo dom de Deus que surge em nós o desejo de todo o bem, mas nossa liberdade permanece livre de inclinar-se para um ou outro lado.

Segundo: é por efeito da graça que praticamos as virtudes, mas sem que nosso livre arbítrio seja a isso coagido.

Terceiro: uma vez adquirida a virtude, perseverar na mesma ainda é um dom de Deus, embora nossa liberdade, empenhada nesse esforço não se torne prisioneira.

O Deus do universo opera tudo em todos, mas isso consiste em excitar, proteger e fortalecer nosso livre arbítrio e não em tolher o que ele mesmo nos outorgou.

Portanto, qualquer hábil conclusão, proveniente de uma hábil e humana argumentação, que pareça contradizer tal sentimento, deve ser evitada e não adotada, porque põe em risco a perda da fé. Porque a fé não se origina da inteligência, mas sim a inteligência da fé, porquanto está escrito: *Se não credes, não podeis compreender* (Is 7,9 – LXX). E, ainda, se Deus opera tudo em todos, como explicar que, simultaneamente, tudo seja atribuído ao livre arbítrio? A inteligência e a razão humanas são incapazes de compreender plenamente tal verdade.

Após o bem-aventurado Queremom nos ter assim revigorado com o pão de sua doutrina, não mais sentimos o cansaço de tão penosa viagem.

XIV

PRIMEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE NESTEROS

A CIÊNCIA ESPIRITUAL

1 - *Palavras do abade Nesteros sobre a ciência própria dos religiosos*

A ordem com que prometi relatar as conferências de nossos Pais, e também os acontecimentos de nossa viagem, levam-me, neste momento, a expor as instruções que nos foram transmitidas pelo abade Nesteros, homem notável sob todos os aspectos e possuidor de uma consumada ciência espiritual.

Como havíamos memorizado algumas passagens da Sagrada Escritura, das quais muito desejávamos penetrar o sentido, o abade Nesteros, tendo-o percebido, esclareceu-nos com as seguintes palavras: "Existem no mundo inúmeras variedades de ciências e tão diferentes quantas são as artes e as profissões. Embora quase todas sejam inúteis, pois apenas servem aos interesses da vida presente, nenhuma todavia dispensa, para a compreensão de seu conteúdo doutrinal, um método próprio e recursos adequados, graças aos quais oferece às pessoas empenhadas a possibilidade de aprendizagem.

Se, pois, as artes profanas, em seu ensinamento, seguem métodos específicos e bem definidos, quanto mais nossa religião, com mais forte razão, não deveria adotar um método e um ordenamento bem seguros, uma vez que tem por finalidade a contem-

plação arcana dos mistérios invisíveis, não aspirando a nenhum bem temporal, mas visando, apenas, às recompensas eternas?

Nossa concepção religiosa abrange, pois, duas ciências: a primeira, πραχτιχή, correspondente à parte ativa (isto é, à ascese) que se adquire pela correção dos costumes e a purificação dos vícios. A segunda, a θεωρητιχή, (a teoria), que consiste na contemplação das coisas divinas e no conhecimento dos mais sagrados mistérios.

2 - *A aprendizagem da ciência espiritual*

Ao que deseja alcançar a teoria, urge que adquira, em primeiro lugar, por seu zelo e suas virtudes, a ciência prática. Pois é possível adquirir-se a prática sem a teoria, mas é impossível chegar-se à teoria sem passar primeiro pela prática. São dois degraus metodicamente dispostos para que a fragilidade humana possa galgá-los, elevando-se aos mais altos patamares.

Subindo-os gradativamente, como dissemos, poderemos chegar à contemplação. Caso, porém, negligenciemos o primeiro degrau, jamais alcançaremos o segundo. É em vão que aspiraremos à contemplação de Deus, se não soubermos evitar a contaminação dos vícios: *Pois o Espírito de Deus odeia a perfídia e nunca habitará um corpo sujeito ao pecado* (Sb 1,5 e 4).

3 - *A prática da perfeição se fundamenta em dois requisitos*

A prática da perfeição se fundamenta em dois princípios: o primeiro, consiste em conhecer a natureza dos vícios e o método para extirpá-los. O segundo, em discernir a ordem das virtudes e adequar a alma de tal forma a essa prática, que ela passe a obedecer não com o esforço de um escravo, como se a isso fosse obrigada, mas com alegria e docilidade, como se estivesse a alimentar-se de um bem natural, encontrando suas

delícias em trilhar esse caminho estreito e difícil.

De fato, como poderemos chegar ao conhecimento das virtudes, que é o segundo grau da ciência prática e à contemplação dos mistérios celestes, que é o estágio mais elevado da teoria, se não compreendermos a natureza desses vícios e não nos comprometermos com a sua erradicação?

Torna-se, pois, evidente que é necessário, antes do mais, vencer as dificuldades menores antes de aspirar a ascender a patamares superiores. Pois, quem não pode compreender as coisas inatas em seu íntimo, como poderá compreender as que lhe são estranhas? Convém, portanto, saber que é bem mais penosa a erradicação dos vícios que a aquisição das virtudes. O que digo não é resultado de uma convicção pessoal, mas são palavras do Criador que, bem conhecendo as condições de suas criaturas, por isso mesmo nos declara, através de seu profeta: *Dou-te hoje poder sobre as nações e sobre os reinos para arrancares e demolires, para arruinares e destruíres, para edificares e plantares* (Jr 1,10).

A destruição das coisas nocivas vem expressa por quatro termos: *arrancar, demolir, arruinar e destruir*, enquanto a aquisição da virtude e da justiça se exprime, apenas, por dois vocábulos: *edificar e plantar*. Do que se deduz com clareza que é mais difícil arrancar e erradicar os vícios entranhados no corpo e na alma, do que edificar e plantar as virtudes espirituais.

4 - *A vida ativa se direciona para diversas profissões e interesses*

Já expliquei que a *prática,* embora se fundamente em dois pontos principais, ramifica-se, depois, em diversas profissões e interesses. Alguns desses interesses orientam seus esforços para os segredos do deserto e a pureza de coração, como outrora o fizeram Elias e Eliseu e, nos nossos tempos, Antão e os outros que se propuseram a seguir-lhes o exemplo. Sabemos que esses

fizeram a experiência de uma grande intimidade com Deus no silêncio da solidão.

Muitos, porém, dedicaram seus esforços e seu zelo à instrução dos irmãos e à direção de seus mosteiros como, recentemente, o abade João que governou o grande mosteiro próximo à cidade de Thmuis, e tantos outros monges, dos quais podemos de maneira semelhante recordar as virtudes e os milagres dignos dos tempos apostólicos.

Alguns, também, se consagraram à piedosa tarefa de fundar hospitais onde trataram os estrangeiros, exercendo aquela caridade que tornou Abraão e Lot, tão agradáveis a Deus no passado, e no presente, o bem-aventurado Macário, homem de infinita doçura e paciência, que dirigia o hospital de Alexandria com tal virtude que em nada se tornou inferior a quantos viveram na solidão do deserto.

Assim, alguns se dedicaram aos cuidados dos enfermos, outros preferiram a defesa dos miseráveis e oprimidos, uns, ao ensino dos ignorantes, outros, à distribuição de esmolas aos pobres. E todos alcançaram, por seu zelo e sua piedade, um lugar entre os homens mais santos e admiráveis.

5 - *A perseverança na profissão abraçada*

É extremamente útil e conveniente que cada qual, de acordo com o estado de vida que escolheu ou segundo a medida da graça de Deus que lhe foi confiada, se esforce com todo o ardor e solicitude em alcançar a perfeição na obra empreendida. E, mesmo admirando as virtudes dos outros em suas diferentes opções, jamais abandone a que escolheu, pois, como ensina o Apóstolo: A Igreja é um só corpo que tem diversos membros (cf. Rm 12,4 ss), *cada qual com uma função diferente, assim nós, em Cristo, temos um só corpo e cada um de nós é membro um dos outros, e temos dons diferentes, segundo a graça que*

nos foi dada. É o dom de profecia? Profetizemos em proporção com a fé recebida. É o dom do serviço? Prestemos esse serviço. É o dom de ensinar? Dediquemo-nos ao ensino. É o dom de exortar? Exortemos. Quem distribui donativos, faça-o com simplicidade. Quem preside, presida com solicitude e quem se dedica a obras de misericórdia, faça-o com alegria (Rm 12,6-8).

Um membro não pode reivindicar o ministério dos outros. Nem os olhos podem substituir as mãos, nem o nariz, nem os ouvidos. Todos também não podem ser apóstolos, nem profetas, nem doutores, nem se expressar em línguas diferentes, nem ter o dom da interpretação (cf. 1Cor 12,28).

6 - *A inconstância dos fracos*

Acontece com freqüência que os que ainda não estão bem seguros na profissão abraçada, ouvindo louvores a outros que vivem em condições diferentes, sentem-se emulados por tais louvores e desejam segui-los e imitá-los imediatamente.Tais impulsos, porém, são inúteis, pois a fragilidade humana impossibilita a um só homem adquirir todas as virtudes que acabamos de mencionar, pois, quem as quisesse acumular, expor-se-ia, ao persegui-las, a não conseguir qualquer delas com perfeição, e acabaria por se prejudicar em lugar de lucrar com tantas modificações e variações.

São muitos os caminhos que levam a Deus. Que cada um persevere, portanto, até o fim, nessa via em que já entrou e nela permaneça com indefectível fidelidade até alcançar a perfeição.

7- *Um exemplo do exercício da castidade que demonstra que nem todas as práticas convêm a todos os indivíduos*

Além do prejuízo que causaria ao monge tal inconstância que, devido à sua fragilidade de espírito, o levaria a experimentar

diversas práticas diferentes da sua, esse procedimento o conduziria a um risco mortal, pois uma prática que santifica a um, pode levar outro, que o queira imitar por presunção, à própria perdição.

Por isso, daremos um exemplo do que pode acontecer a alguém que desejasse imitar a virtude de certo homem ao qual o abade João costumava se referir, apenas para que seus religiosos o pudessem admirar, mas nunca para que o imitassem. Certo dia, aquele santo abade viu alguém em trajes seculares que lhe vinha ao encontro para oferecer-lhe as primícias de sua colheita. Nessa ocasião, estava junto ao abade um possesso atormentado por um demônio dos mais cruéis que além de resistir a todos os exorcismos do abade já lhe declarara que jamais iria obedecer-lhe. Tão logo, porém, o possesso viu o recém-chegado, foi tomado por tal pavor que fugiu, pronunciando o nome daquele homem com profundo respeito. Nesse momento, o ancião tomado de grande admiração pela evidência da graça recebida, sentia aumentar sua perplexidade, principalmente por estar o citado homem em vestes seculares. Assim, começou a sondá-lo cuidadosamente sobre suas condições de vida e sua profissão.

O recém-chegado disse ao abade ser um homem que vivia no século, estar comprometido pelo casamento e morar no campo. O bem-aventurado João, no entanto, refletindo sobre tão grande graça e virtude, procurava, com maior interesse, desvendar o segredo daquela vida.

O homem acabou por dizer-lhe que vivia no campo, do trabalho de suas mãos e não praticava qualquer virtude. Apenas, todas as manhãs, antes de começar sua labuta, e à tarde, antes de voltar à casa, entrava na igreja para agradecer a Deus por lhe ter dado seu pão cotidiano. Também jamais tocara em sua colheita, antes de oferecer ao Senhor suas primícias e seu dízimo. Nunca conduzira seus bois através da seara alheia, antes de os

haver açaimado, temendo causar algum dano a seu próximo, por sua negligência, por mínima que fosse.

Mas, como tais informações não parecessem suficientes ao abade João para explicar tão grande graça concedida, e como insistisse em conhecer o segredo daquele mérito, um respeitoso receio apossou-se daquele homem que, não obstante, acabou por confessar que há doze anos atrás ele desejara tornar-se monge, mas obrigado pela vontade imperiosa de seu pai, viu-se constrangido a se casar. Desde então, porém, ele vivia com sua mulher como se fora sua irmã, tendo ela conservado sua virgindade, sendo que até agora com ninguém partilhara aquele segredo. Ao ouvir esse relato, o abade foi tomado de maior admiração ainda. E não se omitiu de dizer, diante daquele lavrador, que bem compreendia por que o demônio, que mesmo a ele havia resistido, não suportara a presença daquele visitante. Pois acreditava o abade que, ele próprio, sem riscos, não poderia pretender a tamanha virtude, não apenas no ardor de sua juventude, mas mesmo agora, na sua idade provecta. O abade João sempre teve em grande admiração aquele fato, mas nunca o propôs à imitação de nenhum dos seus monges. Ele sabia que muitas experiências, capazes de levar alguns à perfeição, podem conduzir outros à desgraça. Porque nem todos podem pretender receber determinadas graças que Deus destinou a outras pessoas.

8 - *A ciência espiritual*

Voltemos, porém, à exposição da ciência espiritual, que motivou nossa preleção. De fato, a prática, como anteriormente já mencionamos, se aplica a diversas profissões e diferentes condições de vida, enquanto a teoria compreende apenas duas partes: uma que se destina à interpretação histórica da Sagrada Escritura e a outra à inteligência espiritual. Por isso, Salomão,

ao enumerar a multiforme graça da Igreja, acrescentou: *Ela não teme a neve em sua casa, porque toda sua família tem vestes duplas* (Pr 31,21 – LXX).

Por sua vez, a ciência espiritual compreende três gêneros: a tropologia, a alegoria e a anagogia, segundo o que nos afirmam os Provérbios: *Escrevei essas coisas em três caracteres sobre a extensão de vosso coração* (Pr 22,20 – LXX).

O gênero histórico se refere ao conhecimento das coisas passadas e visíveis. O Apóstolo fala historicamente, ao declarar: *Está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da mulher livre. O da escrava nasceu segundo a carne e o que nasceu da mulher livre foi filho da promessa* (Gl 4,22-23). O que segue, porém, pertence ao gênero alegórico, uma vez que o Apóstolo mostra que aquele acontecimento é, de fato, figura de outro mistério que se iria realizar posteriormente.

E a esse respeito, ensina: *Esses fatos têm o sentido alegórico, pois essas mulheres representam as duas Alianças. A primeira, Agar, que vem do monte Sinai, gera filhos para a escravidão. Porque Sinai é um monte da Arábia, mas corresponde à Jerusalém atual, que é escrava com seus filhos* (Gl 4,24-25).

Em seguida, o Apóstolo passa ao sentido anagógico. A anagogia parte do mistério espiritual, para, em seguida, elevar-se aos segredos do céu mais sublimes e sagrados. Assim, ele afirma: *A Jerusalém do alto, ao contrário, é livre e é nossa mãe, pois está escrito: Rejubila-te, estéril, que não dás à luz, prorrompe em gritos de alegria, tu que não sentes as dores do parto, porque os filhos da mulher abandonada são mais numerosos do que os da mulher que tem marido* (Gl 4,26-27).

A tropologia nos apresenta a interpretação moral, que tem por escopo a correção dos costumes e a formação ascética. Como se entendêssemos uma como a expressão da vida ativa, e a

outra como ciência contemplativa ou ainda como se quiséssemos interpretar Jerusalém e Sião como figuras da alma do homem, segundo a palavra: *Louva o Senhor, Jerusalém, louva o teu Deus, Sião* (Sl 147,12).

Podemos, pois, concluir que de uma única configuração é possível deduzir quatro interpretações. De modo que a única e mesma Jerusalém pode ter quatro acepções diferentes. No sentido histórico, será a cidade dos judeus; segundo o sentido alegórico, a Igreja de Cristo, no sentido anagógico, a cidade celeste, *que é a mãe de todos nós* (Gl 4,26), e, por fim, no sentido tropológico, a alma do homem, que algumas vezes é louvada e outras censurada pelo Senhor.

Desses quatro gêneros de interpretação, vejamos o que diz o Apóstolo: *Ora, irmãos, suponhamos que eu me apresente entre vós falando em línguas: em que vos serei útil, se não vos comunicar nem revelação, nem conhecimento, nem profecia, nem ensinamento?* (1Cor 14,6).

A *revelação* diz respeito à alegoria que manifesta, ao explicar, segundo o sentido espiritual, as verdades ocultas sob o relato histórico.

Assim, por exemplo, se tentarmos desvendar o sentido das seguintes palavras: *Nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem e todos passaram pelo mar; na nuvem e no mar todos foram batizados em Moisés; todos comeram do mesmo alimento espiritual e todos beberam da mesma bebida espiritual; de fato, bebiam de uma rocha espiritual que os acompanhava. Essa rocha era Cristo* (1Cor 10,1-4). Deveríamos ver nessa passagem uma alegoria que prefigura o corpo e o sangue de Cristo que recebemos diariamente.

A *ciência*, também mencionada pelo Apóstolo, faz parte da tropologia, que nos faz discernir com prudência a utilidade e a honestidade das coisas que dependem de um julgamento

prático, isto é, cuja avaliação fica a nosso próprio critério. Como quando nos mandam julgar se *convém a uma mulher ter a cabeça coberta quando ora ao Senhor* (1Cor 11,13). Esse tipo de interpretação, como já explicamos, comporta uma avaliação moral.

A *profecia*, citada pelo Apóstolo em terceiro lugar, refere-se à anagogia, que dá ao discurso uma interpretação das coisas invisíveis e futuras, como no seguinte texto: *Irmãos, não queremos deixar-vos na ignorância a respeito dos mortos, para que não fiqueis tristes como os outros, que não têm esperança. Com efeito, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, cremos também que Deus, por meio de Jesus, levará com ele todos os que adormeceram. Eis o que temos a vos dizer, de acordo com o ensinamento do Senhor: nós, os vivos, se ficarmos aqui na terra até a vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que tiverem morrido, pois o Senhor mesmo, à voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus, descerá do céu. Então acontecerá, em primeiro lugar, a ressurreição dos que morreram em Cristo* (1Ts 4,12-15). Esse foi, pois, um texto de exortação anagógica.

A *doutrina* se atém à simples exposição histórica, sem que a ela se acrescente qualquer sentido, além do que se deduz das próprias palavras. Assim, quando Paulo escreve: *De fato, eu vos transmiti primeiramente o que eu mesmo tinha recebido, a saber: que o Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ao terceiro dia foi ressuscitado, segundo as Escrituras, e apareceu a Cefas* (1Cor 15,3-5). E também, quando afirma: *Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei* (Gl 4,4-5). E ainda: *Escuta, Israel, o Senhor teu Deus é o único Senhor* (Dt 6,4).

9 - *Deve-se partir da ciência ativa para ascender até a espiritual*

Portanto, se alimentais o projeto sincero de alcançar a

luz da ciência espiritual, levados não pelo desejo de uma leviana vanglória, mas inspirados por uma graça recebida para a vossa purificação, entusiasmai-vos, primeiramente por aquela bem-aventurança do Evangelho: *Bem-aventurados os puros de coração porque eles verão a Deus* (Mt 5,8), a fim de que possais atingir também aquela de que fala o anjo a Daniel: *Os que tiverem sido instruídos fulgirão como o brilho do firmamento, os que tiverem introduzido muitos nos caminhos da justiça luzirão como as estrelas, com um perpétuo resplendor* (Dn 12,3).

Encontramos, também, em outra profecia, as seguintes palavras: *Acendei em vós a luz da ciência enquanto tendes tempo* (Os 10,12 – LXX).

Percebo em vós um grande interesse pela leitura. Conservai-o. E, com máximo entusiasmo, apressai-vos para adquirir a plenitude daquela ciência prática, isto é, a ética, sem a qual a pureza da contemplação estaria fora de alcance, porque ela não virá através da doutrina dos mestres, mas só será concedida aos que se tornarem perfeitos pela eficácia de sua própria conduta, como uma espécie de recompensa por nossa fadiga e nosso empenho.

Não é através da meditação da lei que alguém adquire a sua compreensão, pois ela será dada como fruto da operosidade, e quem a recebe pode cantar com o salmista: *De vossa lei eu recebi a inteligência* (Sl 118,104). Portanto, os que eliminaram suas paixões, podem exclamar, cheios de confiança: *A vós, Senhor, salmodiarei, e pelo caminho reto quero seguir* (Sl 100,1-2).

Na verdade, só é capaz de compreender as palavras que canta quem tem o coração puro e trilha o caminho da inocência. Se quereis, pois, preparar em vosso coração um santuário sagrado de ciência espiritual, purificai-vos, primeiramente, da impureza dos vícios e despojai-vos de qualquer influência das coisas mundanas. Porque é impossível a uma alma ocupada, mesmo que superficialmente, com as coisas terrenas, merecer o

dom da ciência ou a capacidade de produzir frutos espirituais ou de aproveitar as leituras sagradas.

Atentai, todos vós, principalmente e de modo especial, tu, João Cassiano, uma vez que tua juventude tornará mais difícil ainda a observância das recomendações que farei. Se queres, pois, que tua aplicação à leitura e teu entusiasmo pelo trabalho não sejam vãos, guarda um profundo silêncio.

É este o primeiro passo a ser dado na vida prática: receber as instruções e deliberações dos anciãos com a alma atenta, mas em absoluto silêncio, empenhando-te em guardá-las em teu coração, apressando-te em colocá-las em prática, e não em te tornares o mestre de outros. Dessa última tendência nasce, de fato, a funesta presunção, enquanto do silêncio se originam os frutos da ciência espiritual.

Nas conferências dos anciãos não ouses interferir, a menos que seja para perguntar o que te seria prejudicial ignorar, ou indispensável conhecer.

Não faças como alguns que, a fim de vangloriar-se e ostentar sua sapiência, questionam uma doutrina que já conhecem perfeitamente.

Não é possível para alguém, que estuda para conseguir os louvores dos homens, obter algum dia o dom da verdadeira ciência. Pois, quem está dominado pela paixão da vanglória é necessariamente escravo de vários outros vícios e, particularmente, da soberba. Porque alguém, uma vez vencido na luta travada na vida prática e moral, jamais obterá a ciência espiritual que dela se origina.

Sede, pois, em todas as ocasiões, prontos para ouvir, mas morosos para falar (Tg 1,19). Por temer que te sirva a advertência de Salomão: *Viste um homem precipitado no falar: há mais esperança num tolo do que nele* (Pr 29,20 – LXX). Não tenhas a presunção de ensinar a alguém qualquer coisa que já não o tenhas

praticado. Também nisso é preciso seguir a ordem que o Senhor instituiu e seu exemplo. Pois dele foi dito: *Jesus primeiro fez, depois ensinou* (At 1,1). Cuida em não te precipitares, dando ensinamentos sobre algo que ainda não praticaste, para não seres incluído no número daqueles mencionados pelo Senhor no Evangelho: *Portanto, fazei e observai tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações, pois dizem, mas não fazem. Amarram fardos pesados e os põem sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos nem com um dedo se dispõem a movê-los* (Mt 23,3-4). E ainda: *Aquele, portanto, que violar um só destes mandamentos menores e ensinar os homens a fazerem o mesmo, será chamado o menor no Reino dos Céus* (Mt 5,19). Mas, então, o que acontecerá com aquele que ousa ensinar os mais graves e numerosos preceitos, os quais ele mesmo, contudo, negligencia? Não mais podemos considerá-lo o menor no Reino dos Céus, mas o primeiro no suplício do inferno.

É imprescindível, pois, que evites imitar os que, tendo adquirido uma grande loquacidade e perícia na linguagem, simulam possuir a ciência espiritual que discutem com habilidade, pois sabem dissertar com elegância sobre qualquer assunto que lhes apraza e, por isso, iludem os que não aprenderam a discernir o verdadeiro caráter de tal ciência. Ora, uma coisa é expressar-se com facilidade e brilho em seu discurso, outra, é penetrar até o âmago o sentido das coisas celestes e contemplar com o olhar do coração purificado os mistérios ocultos e profundos. Esses mistérios, todavia, embora nenhum ensinamento humano possa explicar, as almas puras, pela iluminação do Espírito Santo, são capazes de apreender.

10 - *A escola da verdadeira ciência*

Se quiseres adquirir a verdadeira ciência das Sagradas Escrituras, apressa-te, primeiramente, em alcançar uma profunda

e inabalável humildade de coração. Pois será ela que te irá conduzir não a uma ciência capaz de te inflar de vaidade (cf. 1Cor 8,1), mas àquela que te iluminará na perfeição da caridade, pois é impossível a uma alma que não se acha purificada obter o dom da ciência espiritual.

Evita, pois, que o teu zelo pela instrução, em lugar de te conseguir as luzes da ciência e a glória eterna prometida pela aquisição da verdadeira doutrina, não se torne instrumento de perdição pelo orgulho que em ti despertará.

Depois, é necessário que empregues todos os esforços para te desembaraçares de todas as preocupações terrenas a fim de te dedicares à leitura das Escrituras com assiduidade, ou melhor, sem trégua, até que essa meditação contínua penetre teu espírito e o transforme em sua própria imagem, tornando-o semelhante à Arca da Aliança que contém as duas tábuas de pedra (cf. Hb 9,4-5), vale dizer, a salvação da dúplice Aliança, símbolo da força eterna dos dois Testamentos.

Como a urna de ouro, ela conserva o memorial puro e fiel, que guarda em si com solidez indefectível toda a doçura do maná espiritual, pão dos anjos, e a natureza celeste das santas verdades. Ali se encontra, ainda, a vara de Aarão, que para nós representa o estandarte da salvação, sinal de nosso Sumo Pontífice, nosso Senhor Jesus Cristo, cuja memória sempre renasce para nós. Pois é Ele a verdadeira vara que, após ter sido cortada da raiz de Jessé, renasceu para nós mais viva e verdejante do que nunca (cf. Is 11,1).

Todos esses símbolos são protegidos por dois querubins. Graças à plenitude da ciência histórica e espiritual – pois a palavra *querubim* significa plenitude da ciência – esses querubins preservarão continuamente o propiciatório de Deus, vale dizer, a paz da alma, defendendo-a contra os assaltos dos espíritos das trevas. Assim, a alma elevada até tornar-se não só a arca da Aliança

sagrada, mas ainda o reino sacerdotal, pelo amor indissolúvel da pureza absorvida pelo conhecimento espiritual, e por seu invencível amor à pureza, realizará o mandamento sacerdotal dado pelo Legislador: *Não sairá do santuário de seu Deus e não o profanará* (Lv 21,12). Referem-se tais palavras ao coração purificado em que o Senhor prometeu fazer sua constante morada: *Em meio deles habitarei e caminharei* (2Cor 6,16).

Eis por que nos devemos empenhar na contínua leitura das Sagradas Escrituras, decorando-as diligentemente, pois essa meditação perene nos proporcionará um duplo fruto. Em primeiro lugar, enquanto nosso espírito estiver ocupado com a leitura e o estudo, os maus pensamentos não têm oportunidade de envolver a alma em suas artimanhas. Além disso, se nossa memória está aplicada na memorização daqueles textos, já tantas vezes repassados, mas ainda não totalmente compreendidos, é porque, talvez, não estivéssemos, no momento da leitura, com a necessária liberdade de espírito. Mais tarde, contudo, liberados de qualquer solicitação exterior, e no silêncio da noite, esse sentido oculto, nos será revelado durante o sono pelo Senhor.

11 - *Os múltiplos sentidos da Sagrada Escritura*

À medida que, através daquele estudo, nosso espírito se renova, também a Escritura parece se apresentar sob outro aspecto, e a beleza das coisas sagradas e a compreensão de seu sentido mais profundo começam também a se desvendar para nós. Na realidade, ela se ajusta à capacidade da inteligência humana que está a perscrutá-la. Ao homem carnal, ela aparece com um sentido terreno, mas ao homem espiritual, apresenta-se com o sentido divino. Por isso, aqueles que anteriormente a viam envolta em nuvens espessas, não são capazes de lhe sondar as subtilezas e lhe admirar a luminosidade.

Um exemplo poderá esclarecer ainda mais essa verdade.

Para isso, que me seja permitido citar um único testemunho da lei, que nos irá mostrar que todos os preceitos divinos, sem exceção, se aplicam a todo o gênero humano, segundo o estado a que chegou cada um.

Está prescrito na Lei: *Não cometereis adultério* (Ex 20,14). O homem carnal, ainda sujeito a paixões vergonhosas, observa esse mandamento simplesmente ao pé da letra. Mas, aquele que já se desvinculou dessa conduta degradante e das afeições impuras vai observar tal preceito de um modo espiritual. Isto é, vai procurar libertar-se dos cultos idolátricos, como de qualquer outra superstição pagã, tais os augúrios e presságios, a observação dos sinais dos dias e dos tempos e das conjecturas tiradas de certas palavras ou de certos nomes, que vão conspurcar a simplicidade de nossa fé. É desse tipo de impureza que se diz que Jerusalém se maculou, quando o profeta a censura de haver pecado *sobre as colinas elevadas, e à sombra dos bosques frondosos* (Jr 3,6).

E Deus, novamente pela boca de seu profeta, a repreende: *Que eles se levantem e te salvem, aqueles que preparam o mapa do céu e observam os astros, que comunicam a cada mês como irão as coisas* (Is 47,13). E, em outro texto, o Senhor também reprova essa fornicação a seu povo com estas palavras: *O espírito de fornicação os perde e eles se prostituem, afastando-se de seu Deus* (Os 4,12).

Àquele que já se libertou desses dois tipos de impureza, ainda falta um terceiro que deve evitar e que consiste nas superstições judaicas de que fala o Apóstolo: *Observais os dias, os meses, as estações e os anos* (Gl 4,10), e ainda adverte: *Por que vos submeteis a proibições do tipo: Não pegues, não proves, não toques!* (Cl 2,21).

Sem dúvida esse texto se refere a superstições legais; portanto, se alguém as seguir, irá se separar do Cristo e não se-

rá digno de ouvir as palavras do Apóstolo: *Fui eu que vos desposei a um único esposo, o Cristo, apresentando-vos a ele como uma virgem pura* (2Cor 11,2).

Ao contrário, serão dirigidas a ele, estas outras palavras do mesmo Apóstolo: *Receio, porém, que como Eva foi enganada pela astúcia da serpente, assim também vossos pensamentos sejam desviados da simplicidade e da pureza exigidas para o seguimento de Cristo* (2Cor 11,3).

Quem tiver conseguido escapar à sordidez de tal fornicação deverá, além disso, se preservar da quarta impureza, que é o adultério, referente à profissão herética, assim anunciada pelo Apóstolo: *Sei que, após minha partida, surgirão entre vós lobos ferozes que não pouparão o rebanho. Além disso, do vosso próprio meio, aparecerão homens com doutrinas perversas que arrastarão discípulos atrás de si* (At 20,29-30).

Quem puder evitar essas faltas deverá temer uma fornicação ainda mais subtil, que consiste na leviandade e na divagação do espírito. Não me refiro especialmente aos pensamentos torpes, mas a qualquer pensamento inútil ou vazio de Deus, que se torna para o homem perfeito uma vergonhosa impureza.

12 - *Como podem ser esquecidos os poemas seculares*

Germano: No entanto, perturbado no início por grande emoção, não me foi possível evitar um profundo gemido. Meu Pai, disse eu, o que acabas de explicar com tantos pormenores, deixam-me em maior desânimo do que o experimentado até agora. Além das inúmeras misérias que tiranizam geralmente as almas frágeis, sinto em mim um outro obstáculo à minha salvação que consiste na minha cultura literária.

Por medíocre que seja tal cultura, todavia, ou pelo empenho de meus mestres, ou por meu interesse pelas leituras, de tal forma essas ocuparam meu espírito, que este, agora, se en-

contra completamente impregnado pelas obras dos poetas, pelas fábulas frívolas e pelos relatos de combate, com os quais ocupei o espírito desde minha primeira infância e em minha juventude. Até quando me entrego à meditação e à oração, salmodiando ou implorando o perdão dos pecados, eis que a lembrança inconveniente dos poemas outrora estudados, de seus heróis e combates perturba minha imaginação, como fantasmas que me ludibriam a mente, impedindo que minha alma se liberte para a contemplação das coisas celestes. E, mesmo derramando muitas lágrimas diariamente, não consigo afugentar tais recordações.

13 - *Como podemos desembaraçar a alma das dificuldades*

Nesteros: O mesmo mal que te faz temer a impossibilidade de adquirir a pureza de coração, pode servir-te de instrumento para alcançá-la.

Esse empenho, esse interesse que disseste dedicar ao estudo profano, urge, agora, aplicá-los na leitura e na meditação da Sagrada Escritura. Pois teu espírito ficará necessariamente ocupado com tais frivolidades literárias, até que as tenhas afugentado por novos estudos. Todavia, substituindo aqueles poemas efêmeros e terrestres, tua mente será capaz de produzir frutos espirituais e divinos.

Conseguindo, porém, que essas idéias novas se enraízem profundamente em teu espírito e se transformem em seu alimento, aqueles pensamentos anteriores pouco a pouco se irão dissipar e acabarão por desaparecer. O espírito do homem não pode ficar vazio de pensamentos e, enquanto não se ocupar com coisas espirituais, será inevitável que se embarace com o que aprendeu anteriormente. Se não encontrar interesses novos aos quais possa recorrer e dedicar-se, será impossível que não se vincule de novo às idéias que o ocuparam e nas quais meditou assiduamente desde a infância.

Assim, para que a ciência espiritual se firme com solidez em ti e para que não seja algo de efêmero em tua vida, como acontece com aqueles que não se empenham na própria instrução, mas que apenas se deixam influenciar superficialmente pelo ensinamento de outros, à semelhança dos que aspiram um leve perfume exalado no ar, é indispensável, para que tal ciência penetre no âmago de tua alma e aí permaneça visível e indelével, observar, com toda a solicitude, o seguinte procedimento: quando, durante uma conferência, for tratado um assunto que conheces com perfeição, nunca escutes com desdém aquilo que já sabes, ao contrário, aceita-o com agrado em teu coração, com aquele interesse e respeito que sempre merece a palavra de Deus. Assim deves agir, quer estejas ouvindo quer estejas anunciando a desejável palavra de salvação.

Por mais freqüente que seja a exposição das coisas sagradas, uma alma, que de fato esteja sedenta da verdadeira ciência, jamais se sentirá saciada ou aborrecida com a sua repetição. Ao contrário, ela lhe parecerá sempre inédita e cada dia mais desejável. Assim, quanto mais a alma se alimentar daquela palavra, mais ávida ficará por sua escuta e, portanto, a usará para firmar-se cada vez mais nas verdades que aprendeu.

Um sinal evidente de uma alma tíbia e orgulhosa consiste em receber com indiferença e fastio o remédio oferecido pelas palavras de salvação, por mais assídua que seja a freqüência com que as escuta. Como diz a Escritura: *Quem tem o apetite saciado, calca aos pés o favo de mel; para o faminto, porém, o amargo parece doce* (Pr 27,7 – LXX).

Se acolheres com zelo tais ensinamentos, se os esconderes no íntimo do coração, e os meditares em silêncio, no futuro, amadurecidos em profundas reflexões e aperfeiçoados na tranqüilidade da paciência, serão esses semelhantes a certos vinhos generosos e aromáticos capazes de alegrar o coração do homem.

Podes então derramá-los do receptáculo de tua alma como precioso licor, e eles então irão fluir de tua experiência, como de um manancial perene, suas águas, impregnadas de virtudes, distribuídas em canais permanentes e inesgotáveis.

Irá suceder, assim, o que os Provérbios anunciam a respeito do homem que desse modo observou o que lhe foi ensinado: *Bebe a água do teu poço e das correntes de tua cisterna. Derramar-se-ão tuas fontes por fora e teus arroios nas ruas* (Pr 5,15-16 – LXX).

E, de acordo com a palavra do profeta Isaías: *Serás como um jardim bem irrigado, como um manancial de águas inesgotáveis. Reerguerás as ruínas antigas, reedificarás sobre os alicerces seculares; chamar-te-ão o reparador das brechas, o restaurador das moradias em ruínas* (Is 58,11-12).

Também te será dada a bem-aventurança prometida pelo mesmo profeta: *Aquele que te instrui não se esconderá mais, e verás com teus olhos aquele que te ensina. Ouvirás com teus ouvidos estas palavras: É aqui o caminho, anda por ele, sem te desviares, quer para a direita, quer para a esquerda* (Is 30,20-21).

Acontecerá, assim, que não só a orientação de teu coração e seu empenho, como também as distrações e desvios de teu pensamento transformar-se-ão numa santa e contínua meditação da lei divina.

14 - *A alma não purificada é incapaz de dar ou receber a ciência espiritual*

Como já dissemos, é impossível conhecer ou ensinar tais coisas a menos que delas se tenha uma real experiência. Como alguém, sem tal conhecimento, poderia conceber essa ciência e também comunicá-la? Pois, caso tenha a presunção de discorrer sobre esse assunto, sua palavra seria vazia, ineficaz e chegaria

aos ouvidos dos que o escutam sem lhes penetrar o coração, pois não estaria apoiada nas boas obras, nem brotaria do tesouro de uma boa consciência uma vez que se trata do melancólico fruto da negligência e da estéril vaidade.

De fato, é impossível a uma alma impura adquirir a verdadeira ciência espiritual, por maior que seja sua assiduidade à leitura. Ninguém confiaria a um vaso infecto um perfume nobre, um mel excelente, um licor precioso. Pois seria muito mais fácil ao vaso, já corrompido por uma exalação desagradável, estragar o perfume, do que o perfume comunicar ao vaso qualquer aroma ou suavidade. Pois o que é puro se corrompe muito mais rapidamente, do que se purifica o que já está corrompido. Assim se o vaso de nosso coração já não estiver completamente purificado da contaminação fétida dos vícios, ele não será digno de acolher o perfume da bênção, que o profeta compara *ao óleo que desce da cabeça até a barba de Aarão e que escorre sobre as fimbrias de sua veste* (Sl 132,2).

Na verdade, esse coração não poderá conservar inalterada a ciência espiritual ou as palavras da Escritura, pois: *Suas palavras são mais doces do que o mel, o mel que sai dos favos* (Sl 18,11).

De fato, que relação poderia haver entre a justiça e a iniqüidade, que sociedade, entre a luz e as trevas, que acordo, entre o Cristo e Belial? (2Cor 6,14-15).

15 - *Objeção: Muitos que não têm o coração puro possuem a ciência; ao contrário, muitos santos não a possuem*

Germano: Essa afirmação não nos parece fundada sobre a verdade, nem apoiada em raciocínio assaz plausível. Todos os que recusam a fé em Cristo ou a corrompem, por opiniões inverídicas e falsidade dogmática, não têm o coração puro. Como, pois, acontece que muitos judeus, heréticos, e mesmo

católicos, enredados em muitos vícios, conseguem um perfeito conhecimento das Escrituras, enquanto uma multidão incalculável de santos, todos com o coração perfeitamente purificado de qualquer mácula, praticam uma religião que se satisfaz com a simplicidade da fé e vivem na ignorância dos segredos de uma ciência mais profunda?

Como se sustenta, então, essa conclusão de que a ciência espiritual está condicionada à pureza do coração?

16 - *Os homens maus não podem possuir a verdadeira ciência*

Nesteros: Não se pode compreender bem minha doutrina se não forem diligentemente examinadas todas as suas ilações. Já nos referimos a esse tipo de pessoas, que nada mais têm que certa loquacidade no discurso, certa desenvoltura de expressão, mas, por outro lado, são incapazes de penetrar o sentido profundo e os mistérios que encerra a Escritura. Pois a verdadeira ciência só é possuída pelos verdadeiros adoradores de Deus e não pelo povo do qual se disse: *Escutai bem, povo insensato e sem inteligência: vós que tendes olhos para não ver e ouvidos para não ouvir* (Jr 5,21). E de novo: *Porque rejeitaste a ciência, eu te rejeitarei por minha vez, e não suportarei que desempenhes as funções de meu sacerdócio* (Os 4,6). Pois já foi dito que *todos os tesouros da sabedoria e da ciência estão ocultos em Cristo* (Cl 2,3). Então, como acreditar que aquele que não se esforçou na busca do Cristo, ou que, após tê-lo encontrado, blasfemou com boca sacrílega, ou maculou sua fé com obras impuras possa ter adquirido a verdadeira ciência? Ora, *o Espírito de Deus odeia a astúcia e não habita em um coração que se escravizou ao pecado* (Sb 1,5 e 4).

Assim, não há outro meio de se chegar à ciência espiritual, senão a conformação à seguinte norma, tão elegantemente expressa por um dos profetas: *Semeai para vós a justiça e colhei*

a esperança da vida; acendei para vós as luzes da ciência (Os 10,12 – LXX). Primeiramente, cumpre semear por causa da justiça, vale dizer, propagar nossa perfeição ascética mediante as obras de justiça. Depois, convém que colhamos os frutos das virtudes espirituais, expulsando os vícios carnais. Por tal método poderemos acender em nós a luz da ciência. O salmista também nos manda seguir esse critério, ao ensinar: *Feliz o homem sem pecado em seu caminho, que na lei do Senhor Deus vai progredindo! Bem-aventurado os que perscrutam seus preceitos.* Portanto, ele não começou por dizer: *Felizes os que perscrutam seus preceitos* para acrescentar: *Feliz o homem sem pecado em seu caminho*, mas começa dizendo: *Feliz o homem sem pecado em seu caminho* (Sl 118,1-2). Mostrando, assim, com clareza, que ninguém pode compreender a palavra de Deus, a menos que, purificado, já não tenha trilhado o caminho da conversão em Cristo.

Os homens que mencionastes não estão em condições de possuir aquela ciência negada aos que não se empenharam na pureza de coração. Conhecem, porém, uma ciência falsa que não merece esse nome e que é dita – ψευδώνυμον. É a essa que o bem-aventurado Apóstolo se refere: *Timóteo, guarda o depósito, evita o palavreado vão e ímpio, e as contradições de uma falsa ciência* (1Tm 6,20). Que em grego, assim se escreve: τὰς ἀντιθέσις τῆς ψευδωνύμου γνώσεως.

Quanto às pessoas que parecem ter adquirido uma certa ciência e que se aplicam ao estudo da Sagrada Escritura, sem abandonar os vícios carnais, são muito bem definidas pelos Provérbios, na seguinte passagem: *Um anel de ouro no focinho de um porco, tal é a mulher formosa e insensata* (Pr 11,22 – LXX). Pois, de que serviria a um homem conseguir adornar-se com a beleza das palavras escriturísticas, se acaba por atolar-se na estrada dos vícios, maculando suas obras e seus sentidos no

lodo das paixões? A ciência que é um ornamento para quem a usa corretamente, ao contrário, cobre de vergonha os que a profanam. Por isso, para tais pessoas não somente não serve de adorno como ainda pode levá-las à maior ignomínia pela sordidez da lama em que chafurdam.

Pois o louvor não é belo na boca do pecador (Sir 15,9). E Deus também interroga, pelo profeta: *Como ousas repetir os meus preceitos e trazer minha Aliança em tua boca?* (Sl 49,16). Os Provérbios aludem a essas almas que não se fixaram no temor do Senhor, – o qual se define *como o fundamento da ciência e da sabedoria* – (Pr 15,33 – LXX). Podem até se ter esforçado para descobrir o sentido das Escrituras por uma meditação constante, no entanto: *Para que serve o dinheiro na mão do insensato, uma vez que ele não pode comprar a sabedoria?* (Pr 17,16 – LXX).

A verdadeira ciência espiritual de que tratamos é tão diferente da ciência profana, com tanta freqüência maculada pelo vício, que muitas vezes a vimos brilhar em pessoas simples que ignoravam a eloqüência e mal sabiam ler. É o que foi comprovado a respeito dos apóstolos e de tantos santos homens. Em nada se assemelhavam esses a certas árvores cuja vegetação luxuriante as cobre de folhas inúteis. Eles, ao contrário, vergam sob o peso dos verdadeiros frutos da ciência espiritual. É a respeito de tais homens que está escrito nos Atos dos Apóstolos: *Os interrogadores ficavam admirados vendo a segurança com que Pedro e João falavam, pois sabiam que eram pessoas simples e sem instrução* (At 4,13).

Portanto, se desejas respirar aquele perfume incorruptível, empenha-te, primeiro, com todas as tuas forças para obter do Senhor uma castidade perfeita. Pois ninguém alcança a ciência espiritual se já não dominou as paixões sensuais e, sobretudo, os desejos voluptuosos. Pois, *no coração do homem bom repousa a sabedoria* (Pr 14,33). E mais: *Quem teme o Senhor en-*

contrará a ciência e a justiça (Sir 32,20).

O bem-aventurado Apóstolo também nos ensina que para chegar à ciência é preciso observar a ordem prescrita. Na verdade, ao querer enumerar todas as virtudes, explicando, ainda, a sua sucessão, isto é, a relação que existe entre elas, indicando-nos a origem e a conseqüência existente entre essas, assim escreve: *Pelas vigílias, pelos jejuns, pela castidade, pela ciência, pela longanimidade, pela bondade, pelo Espírito Santo e pela caridade sincera* (2Cor 6,5-6).

Nessa ordem em que apresenta as virtudes, o Apóstolo pretende demonstrar que existe uma seqüência entre elas, pois das vigílias e dos jejuns se deve passar à castidade; da castidade à ciência; da ciência à longanimidade; da longanimidade à bondade, da bondade ao Espírito Santo; do Espírito Santo à recompensa de uma caridade perfeita.

Quando, mediante essa doutrina e essa ordem chegares à ciência espiritual, certamente possuirás, como já afirmei, uma doutrina não estéril e insegura, mas vivenciada e fértil em frutos. Confiarás, então, a semente da palavra de salvação ao coração de teus ouvintes, e o orvalho abundante do Espírito Santo a fará germinar e frutificar, segundo a promessa do profeta: *O Senhor dará chuvas às sementes onde quer que a semeares, e o pão que produzirá será farto e substancial* (Is 30,23).

17 - *A quem se deve revelar o caminho da perfeição*

Cuida, também, para que, ao teres adquirido tais conhecimentos pelo estudo e por uma laboriosa experiência e, ao haveres alcançado a idade madura, não te deixes levar, por um desejo de vanglória, comunicando-os ao acaso a homens indignos por sua maneira de viver. Irias, assim, incorrer na culpa indicada pelo sapientíssimo Salomão: *Não conspires, ó ímpio, contra a casa do justo, nem te deixes seduzir porque estás saciado* (Pr 24,15

– LXX), e também: *Não convém ao insensato viver entre delícias* (Pr 19,10 – LXX). E, ainda: *Não há necessidade de sabedoria onde falta o bom senso* (Pr 18,2 – LXX). E, mais: *O insensato não gosta das palavras de prudência, porque embora compreenda não obedece* (Pr 29,19 – LXX).

Também está escrito: *Não fales ao ouvido do insensato, para que ele não ridicularize a sabedoria de tuas palavras* (Pr 23,9 – LXX). E ainda: *Não deis as coisas santas aos cães, nem lanceis as vossas pérolas aos porcos, para não acontecer que as pisem aos pés e, acometendo-vos, vos despedacem* (Mt 7,6).

Assim, é necessário que escondas aos indignos os mistérios das verdades espirituais para poderes cantar com Davi, totalmente seguro: *Guardo em meu coração vossas palavras, a fim de não pecar contra vós* (Sl 118,11).

Caso me perguntes a quem deves ensinar os segredos da Sagrada Escritura, o sapientíssimo Salomão te ensinará: *Dai a bebida forte àquele que desfalece, o vinho àquele que tem amargura, que ele beba e esquecerá sua miséria e já não se lembrará de suas mágoas* (Pr 31,6-7 – LXX). Vale dizer: àqueles cuja compunção pela vida passada abate pela mágoa e a tristeza, derrama com fartura a alegria da ciência espiritual, à semelhança de *um vinho que alegra o coração do homem* (Sl 103,15). Reanima-os por palavras salutares para que não caiam no desespero, e não se vejam esmagados pelo peso da angústia e *não sucumbam a uma excessiva tristeza* (2Cor 2,7).

Quanto aos que vivem na tibieza e na negligência, nenhum sofrimento lhes atinge o coração, pois deles é dito: *Aquele que vive suavemente e sem sofrimento acabará na miséria* (Pr 14,23 – LXX).

Então, com o maior zelo que te for possível, evita deixar-te levar pelo amor da vanglória, a fim de que possas estar incluído no elogio que o profeta faz de *quem não empresta seu dinheiro*

com usura (Sl 14,5). A palavra do Senhor é assim definida pela Escritura: *As palavras do Senhor são verdadeiras como a prata totalmente depurada, sete vezes depurada pelo fogo* (Sl 11,7). Logo, aquele que a espalha por amor ao elogio dos homens procede como quem empresta seu dinheiro com usura. Portanto, não só não merecerá qualquer elogio, como ainda atrairá para si os suplícios eternos.

Na verdade, preferiu dissipar o dinheiro de seu Senhor para garantir uma vantagem temporal, a colocá-lo para render, como está escrito: *Devias ter depositado meu dinheiro no banco, para que, ao voltar, eu recebesse com juros o que me pertence* (Mt 25,27).

18 - *As causas que tornam infrutífera a doutrina espiritual*

A ineficácia da doutrina espiritual resulta de duas causas. Ou quem ensina não tem experiência do que deseja comunicar, e suas palavras, portanto, não passam de um ruído vazio para o auditório, ou seus ouvintes são perversos e cheios de vícios com um coração endurecido que se fecha à salutar e santa doutrina do homem espiritual. É a respeito de tais pessoas que o profeta declara: *Embota o coração deste povo, ensurdece-lhe os ouvidos, fecha-lhes os olhos, de modo que não veja nada com os olhos, não ouça com os ouvidos, para que não suceda que seu coração venha a compreender, que ele se converta e consiga a cura* (Is 6,10 – LXX).

19 - *Mesmo os indignos, às vezes, recebem a graça da ciência espiritual*

Todavia, a admirável prodigalidade de nosso Deus, *que deseja a salvação de todos os homens e também que cheguem ao conhecimento da verdade* (1Tm 2,4), permite, às vezes, que

mesmo aquele que, por não ter uma vivência irrepreensível, não se tornou digno de pregar o Evangelho, consiga a graça da ciência espiritual, para a salvação de muitos outros.

Isso nos leva, naturalmente, a explicar em uma conferência semelhante a esta, os diversos modos pelos quais o Senhor concede o carisma das curas para expulsão dos demônios. Mas reservemos tal instrução para esta tarde, depois que tivermos tomado algum alimento. Pois a alma recebe sempre, com mais facilidade, o que lhe é dado paulatinamente e sem excessiva fadiga corporal.

XV

SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE NESTEROS

Os Carismas Divinos

1 - *Discurso do abade Nesteros sobre a tríplice causa dos milagres*

Após a sinaxe da tarde, sentamo-nos ambos sobre duas esteiras, como é costume entre os monges, e ficamos à espera da instrução prometida.

Por respeito ao venerável ancião, durante algum tempo, permanecemos em silêncio. O abade Nesteros, porém, tomou a iniciativa de rompê-lo e o fez com o seguinte discurso: "A ordem dos argumentos da palestra anterior exige que examinemos a natureza dos carismas espirituais. Ensina-nos a tradição dos antigos que tais carismas podem se revestir de três formas. Na verdade, o primeiro motivo do dom da cura está no fato de que esse carisma acompanha e mostra os méritos e a santidade dos justos e eleitos. Os apóstolos, por exemplo, e multidões de santos operaram milagres e prodígios pelo poder do Senhor que lhes ordenou: *Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça deveis dar* (Mt 10,8).

O segundo motivo provém do fato de que Deus, para a edificação da Igreja e para recompensar a fé dos enfermos, e também daqueles que apresentam seus doentes, concede, por

vezes, a realização de milagres, embora através de intermediários que amiúde são pessoas pecadoras ou pouco dignas. Sobre tais pessoas o Senhor fala no Evangelho: *Naquele dia, muitos me dirão: Senhor, Senhor, não foi em teu nome que profetizamos? Não foi em teu nome que expulsamos demônios? E não foi em teu nome que fizemos muitos milagres? Então, eu lhes direi: Jamais vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade* (Mt 7,22-23). Ao contrário, quando falta a fé aos doentes ou àqueles que os apresentam, Deus não permite, mesmo aos santos, a realização do milagre. O evangelista Lucas comenta a esse respeito: *E Jesus não podia realizar ali nenhum milagre por causa da incredulidade deles* (Mc 6,5-6).[1]

Foi nessa mesma ocasião que o Senhor declarou: *Havia igualmente muitos leprosos em Israel no tempo do profeta Eliseu, todavia, nenhum deles foi purificado a não ser o sírio Naamã* (Lc 4,27).

Enfim, o terceiro motivo das curas deve-se, tão-somente, a um jogo de ilusões e artifícios do demônio que, mediante esses sinais, pretende fazer com que pessoas envolvidas em crimes manifestos sejam admiradas e consideradas como servos de Deus.

Para os espíritos malignos esse é um meio de persuadir os outros a que imitem seus próprios vícios. Assim, abre-se uma porta à crítica e compromete-se a própria santidade da religião. No mínimo, o que poderá acontecer a quem se julga com o dom da cura e tem o coração inflado pelo orgulho é tornar-se vítima de uma queda por demais deplorável.

Acontece, assim, que os demônios invocam o nome daquelas pessoas cuja completa ausência de santidade e de qualquer fruto espiritual eles bem conhecem e simulam que estão sendo

---

[1] Esta citação escriturística aqui atribuída a Lc na verdade pertence a Mc 6,5-6.

afugentados daqueles corpos, que já lhes pertenciam, como se seus méritos os queimassem de maneira insuportável.

Acerca de tais pessoas, porém, é dito no Deuteronômio: *Caso se levante do meio de ti um profeta ou um visionário, anunciando-te um sinal ou um prodígio, e suceder o sinal ou o prodígio que anunciou e te disser: vamos seguir outros deuses – que te são desconhecidos – e prestemos-lhes culto, tu não ouvirás as palavras desse profeta ou desse visionário, porque o Senhor vosso Deus vos põe à prova para ver se o amais de todo o vosso coração e de toda a vossa alma* (Dt 13,1-3). E também está escrito no Evangelho: *Surgirão falsos Cristos e falsos profetas, que apresentarão grandes sinais e prodígios de modo a enganar, se possível, até mesmo os eleitos* (Mt 24,24).

2 - *Em que devemos admirar os santos*

Assim, jamais devemos admirar as pessoas por causa de seus milagres, mas, de preferência, examinar se elas se tornaram perfeitas pela correção de seus vícios e pela conversão de seus costumes. Isso não se obtém pela fé professada por um outro ou por motivos exteriores, mas pela graça dispensada a cada pessoa em proporção com seu zelo.

Tal é a ciência prática a que o Apóstolo dá o nome de caridade e que, de acordo com sua autoridade, devemos preferir às línguas dos anjos e dos homens, e mesmo à plenitude da fé, capaz de transportar montanhas. Segundo o mesmo Apóstolo, tal virtude é superior a todas as ciências e a todas as profecias, inclusive à distribuição dos bens aos pobres ou à própria glória do martírio (cf. 1Cor 13,1-3). Pois, após ter enumerado todos os carismas, Paulo declara: *A um o Espírito dá a mensagem de sabedoria, a outro a palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito, a outro o mesmo Espírito dá a fé, a outro, ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro o po-*

der de operar milagres (1Cor 12,8-10). No entanto, ao falar sobre a caridade, o Apóstolo a coloca acima de todos os dons, declarando: *Passo a mostrar-vos um caminho superior a todos os outros* (1Cor 12,31).

Assim, ele nos mostra com a máxima clareza que a suma perfeição e a bem-aventurança não consistem em operar maravilhas, mas dependem da pureza da caridade. De fato, todos os outros carismas estão destinados a desaparecer no fim dos tempos, enquanto a caridade irá permanecer eternamente (cf. 1Cor 13,8). Por isso nunca vimos nossos Pais muito empenhados na realização de milagres.

Ao contrário, mesmo quando o Espírito Santo lhes havia concedido essa graça, nunca desejavam exercer tal carisma, a menos que a isso os obrigasse uma necessidade extrema e inevitável.

3 - *O morto ressuscitado pelo abade Macário*

É o caso de nos lembrarmos do abade Macário, o primeiro monge a habitar o deserto da Cétia e que, certo dia, ressuscitou um morto.

Com efeito, certo herege, seguidor da pérfida doutrina de Eunômio, tentava perverter, pela subtileza de sua dialética, a sinceridade da fé de alguns homens, chegando mesmo a iludir muitos deles. Foi então que determinados católicos, profundamente abalados por aquela gravíssima subversão, suplicaram ao abade Macário que viesse libertar a simplicidade da fé dos egípcios daquele naufrágio de infidelidade.

À chegada de Macário, o herético procurou vencer aquele homem simples e ignorante, atacando-o com os artifícios de sua dialética e as dificuldades dos silogismos aristotélicos. O bem-aventurado Macário, porém, interrompeu imediatamente todo aquele falatório com uma palavra apostólica: *O Reino de Deus*

não consiste em palavras, mas em poder (1Cor 4,20). Vamos, pois, até as sepulturas e invoquemos o nome do Senhor sobre o primeiro morto que encontrarmos. Mostraremos, assim, nossa fé através das obras, como está escrito (cf. Tg 2,14), e o testemunho divino irá indicar com toda a evidência onde estão as marcas da verdadeira fé. Não será, pois, mediante disputas vazias, mas por meio do poder dos sinais e do julgamento daquele a quem não se pode enganar que manifestaremos a verdadeira fé. Ouvindo tais palavras, o herético constrangido diante do povo que o cercava, simula imediatamente aceitar a condição que lhe é proposta, assegurando que se submeteria à prova exigida no dia seguinte.

No dia marcado, todos afluem ao lugar designado, ávidos por contemplar o espetáculo. Contudo o herege, aterrorizado pela consciência de sua infidelidade, foge, abandonando até o próprio Egito.

O bem-aventurado Macário, em companhia do povo reunido, após tê-lo esperado até a hora nona, compreendeu que ele havia evitado aquele encontro, em virtude de sua má consciência. Tomando, então, consigo aquela multidão, que o herege arrastara para o mau caminho, dirigiu-se ao cemitério em que o encontro fora aprazado.

No Egito existe um costume, adotado por seus habitantes em conseqüência das inundações do rio Nilo que, durante grande parte do ano, deixam toda a extensão territorial coberta pelas águas, como se fosse um mar imenso, por onde só se pode transitar de barco. Assim, por não permitirem as águas que os mortos sejam sepultados na planície, após serem embalsamados com perfumes, são transportados para grutas que se encontram em lugares mais elevados que o resto do solo. Sem esse cuidado, a permanente umidade ali existente impediria cavar a terra para a sepultura, e a força da inundação rejeitaria logo os corpos, aca-

bando por arrastá-los.

O bem-aventurado Macário, tendo parado junto a uma das sepulturas mais antigas, assim falou: "Homem, se aquele herege, aquele filho da perdição tivesse vindo aqui comigo, e se eu te houvesse chamado, invocando o nome de Cristo, tu te terias levantado diante de toda esta multidão que quase foi pervertida por sua heresia?" O morto, levantando-se, respondeu afirmativamente com um "sim".

O abade Macário, então, interrogou-o a respeito de sua vida: quem tinha sido, quando vivera e se conhecera o nome de Cristo. O morto respondeu que vivera na época dos mais antigos reis e que nunca ouvira o nome de Cristo. "Dorme em paz, retrucou Macário, para seres ressuscitado com todos os outros, no fim dos tempos e segundo tua condição".

Assim, aquela virtude e aquela graça, se dependessem apenas do venerável abade, teriam permanecido ocultas, se a necessidade de toda a província e se seu devotamento e sincero amor ao Cristo não o tivessem impelido a realizar tal milagre. Pois, claro que ele não o fez por ostentação da vanglória, mas pelo amor do Cristo e para o bem de todo o povo.

O Livro dos Reis nos mostra o bem-aventurado Elias agindo do mesmo modo, para salvar a fé de todo um povo, colocada em perigo pelos artifícios dos falsos profetas. Por esse motivo, pediu que o fogo do céu descesse sobre as vítimas colocadas sobre a lenha.

4 - *O milagre realizado pelo abade Abraão sobre o seio de uma mulher*

Convém lembrar ainda os grandes feitos do abade Abraão, cognominado ἁπλοῦς, isto é, o simples, em virtude de sua simplicidade e inocência.

Tendo ele saído do deserto a fim de fazer uma colheita no

Egito, durante os dias da Qüinquagésima, isto é, os cinqüenta dias que seguem a Páscoa, foi abordado por uma mulher que levava nos braços uma criança semimorta por falta de leite. Aos prantos, a mulher começou a suplicá-lo. Apiedado, o venerável ancião fê-la beber um copo d'água sobre o qual fizera o sinal da cruz. Mal acabara ela de beber a água, que de seu seio, antes ressequido, começou a jorrar leite com fartura.

5 - *A cura de um coxo pelo mesmo abade Abraão*

O mesmo abade, indo certa vez a uma aldeia, foi cercado por um grupo de pessoas que se divertiam à sua custa. Para escarnecê-lo, mostraram-lhe um homem cujo joelho contraído já há muitos anos, impedia de andar, obrigando-o a rastejar-se. "Abade Abraão, disseram para tentá-lo os que o ridicularizavam, se és o servo de Deus, restitui a esse homem a antiga saúde, para que possamos crer que o nome de Cristo, que tu cultuas, não é invocado por ti em vão".

Imediatamente o abade, inclinando-se, segurou o pé enrijecido, e esticou-o, invocando o nome de Cristo. Ao contato de sua mão, o joelho ressequido e curvado endireitou-se, e o enfermo, reconquistando o uso de suas pernas, já há muito esquecido, começou a andar cheio de alegria.

6 - *Não devemos julgar os méritos de uma pessoa pelos milagres que realiza*

Assim, aqueles homens veneráveis não se vangloriavam pela realização de tais prodígios. Ao contrário, confessavam que seus méritos pessoais não prevaleciam e que estavam atuando unicamente em virtude da misericórdia do Senhor. Se eram admirados por seus milagres, recusavam a glória humana, citando as palavras do Apóstolo: *Homens, por que vos admirais assim?*

Ou por que fixais os olhos em nós, como se por nosso próprio poder ou piedade tivéssemos feito este homem andar? (At 3,12).

Segundo aqueles santos varões, não deviam ser considerados por tais milagres, mas de acordo com as virtudes que haviam adquirido à custa de empenho e operosidade.

Acontece, porém, como acima já havíamos mencionado, que homens de espírito perverso e de fé corrompida podem expulsar demônios e realizar milagres em nome do Senhor. Os apóstolos se queixaram ao ver essas coisas, dizendo: *Mestre, vimos alguém expulsar demônios em teu nome e quisemos impedi-lo porque ele não te segue conosco* (Lc 9,49). Jesus, porém, disse: *Não o impeçais, pois quem não é contra vós, está a vosso favor* (Lc 9,50). Mas, quando, no fim dos tempos tais pessoas disserem: *Senhor, Senhor, não foi em teu nome que profetizamos e em teu nome que expulsamos demônios e em teu nome que fizemos muitos milagres?* (Mt 7,22). Jesus atesta que responderá: *Nunca vos conheci, afastai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade* (Mt 7,23).

Assim, para que esses homens, aos quais ele próprio concedeu o dom dos milagres, não se envaideçam por tal carisma, o Senhor adverte com as seguintes palavras: *Não vos alegreis porque os espíritos se vos submetem; alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão inscritos no céu* (Lc 10,20).

7 - *Para os homens carismáticos, a virtude não consiste em operar prodígios, mas em praticar a humildade*

Enfim, o autor de todos os milagres e prodígios, ao convidar os discípulos para que acolham sua doutrina, indica ele próprio, com a maior clareza, a seus mais fiéis e verdadeiros seguidores o que devem observar com o mais profundo zelo. *Vinde e aprendei de mim* não a expulsar demônios pelo poder do alto, não a curar leprosos, não a restituir a vista aos cegos,

não a ressuscitar os mortos, porque, embora algumas vezes eu realize tais milagres por intermédio de meus servidores, não cabe à condição humana participar da glória devida unicamente a Deus. *Vós, porém,* insiste o Senhor: *aprendei de mim porque sou manso e humilde de coração* (Mt 11,28-29).

Eis, pois, o que todos são capazes de aprender e praticar. Quanto a fazer milagres e sinais, nem sempre é necessário, nem convém a todos, nem a todos é concedido.

A humildade, portanto, é a mestra de todas as virtudes, o fundamento inabalável do edifício celeste, o dom por excelência do Salvador. E só aquele que procura seguir o Senhor, não em seu poderio e seus prodígios, mas em sua humildade e paciência, é capaz de realizar, sem perigo de envaidecimento, todos os milagres operados por seu Mestre. Quanto àquele que se mostra impaciente para comandar os espíritos malignos, curar os doentes e se fazer admirar pelo povo pelos prodígios que realiza, embora em suas operações invoque o nome de Cristo, esse não pode ser seu discípulo porque sua alma soberba não segue o Mestre da humildade.

O Salvador, no momento de voltar ao Pai, queria deixar para os discípulos uma espécie de testamento e por isso lhes disse: *Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros. Como vos amei, amai-vos também uns aos outros* (Jo 13, 34). E acrescentou em seguida: *Nisso reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros* (Jo 13,35).

E Jesus está certo ao advertir que sem a humildade e a mansidão não se pode chegar a esse amor.

Por isso, nossos antepassados jamais julgaram perfeitos e imunes à vanglória os monges que se gabavam diante dos homens de seus carismas de exorcistas e, cheios de jactância e ostentação, divulgavam entre seus admiradores a graça que eles haviam merecido ou que acreditavam ter recebido.

Mas, na verdade, *aquele que se apóia na mentira alimenta-se de vento e persegue um pássaro a voar* (Pr 10,4). Indubitavelmente, acontecer-lhe-á o que está escrito nos Provérbios: *Assim como se reconhecem com facilidade os ventos, as nuvens e a chuva, também se reconhecerá o que se glorifica de um falso dom* (Pr 25,14 – LXX).

Por conseguinte, se alguém operar milagres em nossa presença, não o devemos louvar por tais sinais, mas pela santidade de seus costumes. Não nos interessa indagar se os demônios lhe são submissos, mas se possui os sinais da caridade de que nos fala o Apóstolo (cf. 1Cor 13,4ss).

8 - *É mais digno de admiração repelir os próprios vícios do que expulsar demônios dos corpos dos outros*

De fato, é um milagre mais admirável extirpar da própria carne a chama da luxúria que expulsar espíritos impuros dos corpos alheios; um sinal mais prodigioso conter pela paciência os impulsos violentos da ira que comandar as potências do ar. Pois é de maior valia rechaçar do próprio espírito a tristeza devoradora dos corações, que libertar o corpo de febres e de outras enfermidades. Enfim, sob muitos aspectos, é uma virtude superior e mais nobre sanar os males da própria alma do que curar as doenças alheias. Quanto mais a alma se eleva acima do corpo, tanto mais sua cura é superior; porque quanto mais é preciosa e excelente a substância, tanto mais grave e deplorável seria sua ruína.

9 - *Uma vida íntegra é superior à realização de milagres*

Foi a respeito dessas curas exteriores que Jesus falou aos bem-aventurados apóstolos, advertindo-os: *Não vos alegreis porque os espíritos se vos submetem; alegrai-vos, antes, porque*

vossos nomes estão escritos no céu (Lc 10,20).

Pois não foi graças ao poder dos apóstolos que se verificavam as curas, mas pela invocação do nome de Jesus. Por isso, o Senhor os exortava a que não reivindicassem a bem-aventurança ou a glória por causa desses sinais devidos exclusivamente ao poder de Deus, mas se empenhassem apenas naquela pureza de vida e de coração que lhes mereceria a inscrição de seus nomes no céu.

10 - *Revelação sobre a experiência da castidade perfeita*

Pelo testemunho de muitos e pelos oráculos divinos, podemos provar o que dissemos anteriormente. Eis, pois, o que pensava o bem-aventurado Pafnúcio a respeito dos prodígios que despertam a admiração e da graça da pureza. Ou, melhor, sobre o que veio a saber a esse respeito pela revelação de um anjo. Aquele santo abade passara tantos anos em tão grande austeridade, que se considerava completamente imune a todas as armadilhas da concupiscência carnal, tanto mais que sabia que vencera o demônio em todos os assaltos abertamente travados contra ele.

Certo dia, desejando preparar, para alguns santos varões que viriam visitá-lo, uma refeição à base de lentilhas, chamada *athera,* uma chama que escapara do forno queimou-lhe a mão.

Esse incidente contristou-o profundamente, pois dizia consigo mesmo: "Por que o fogo me ataca, uma vez que o próprio demônio já cessou suas investidas bem mais cruéis contra mim? No terrível dia do julgamento final, quando o fogo inextinguível e inquiridor dos méritos de cada um me penetrar, como não me fará ele sua presa, se esse fogo extrínseco e transitório não me poupou?"

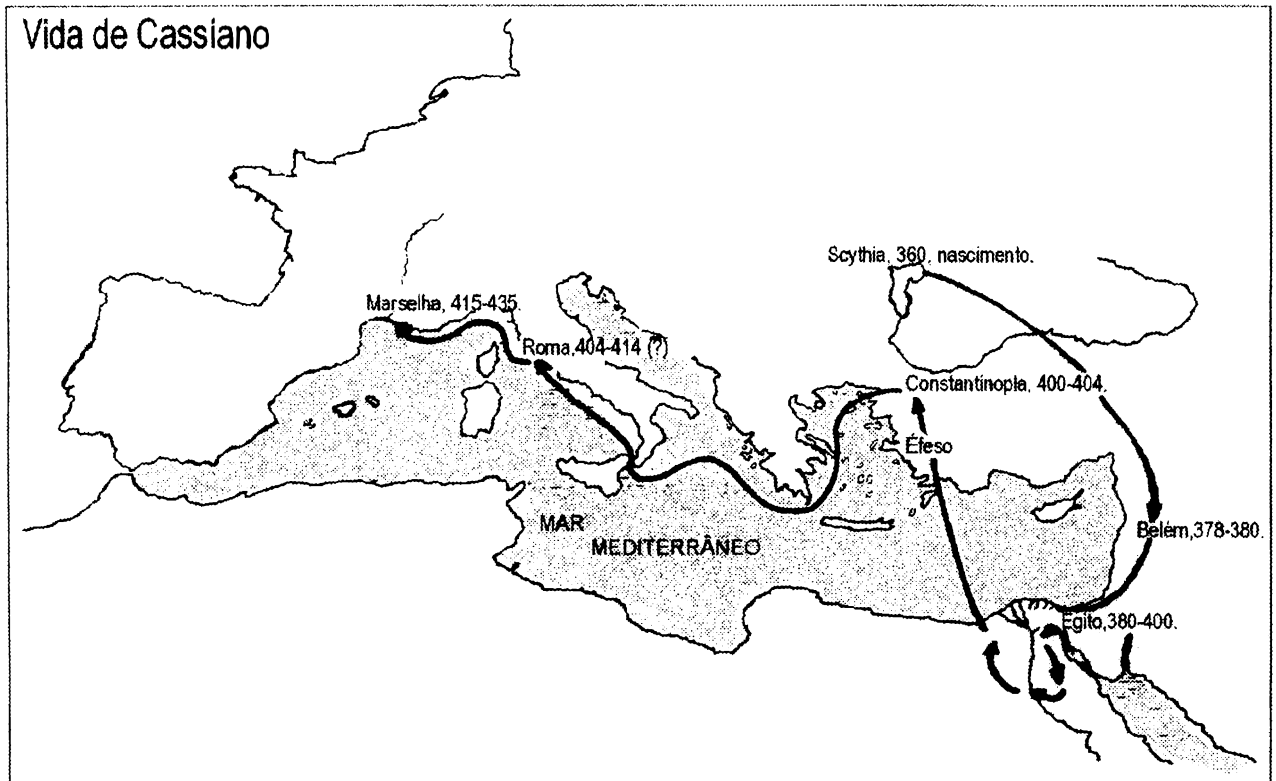
Perturbado por pensamentos tão tristes, acabou por adormecer. Apareceu-lhe então um anjo do Senhor que o interpelou

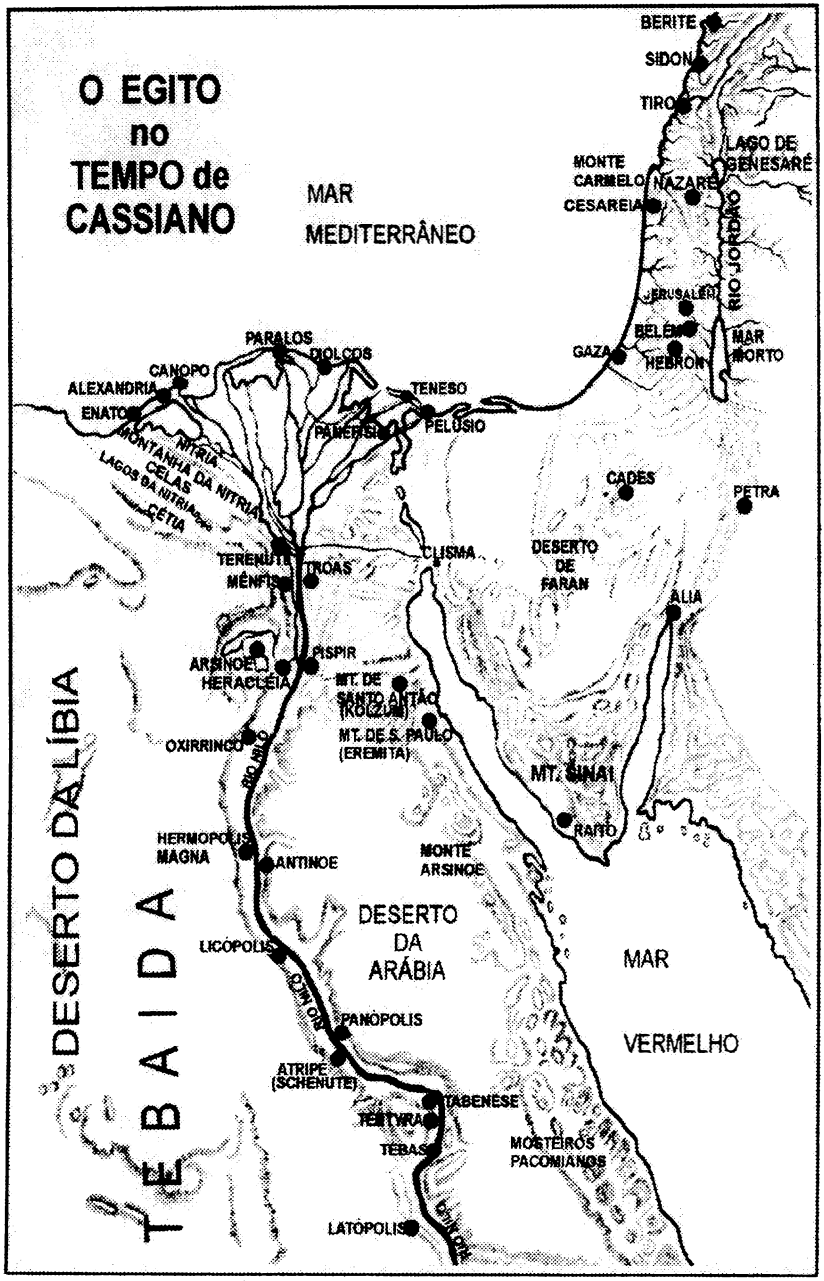
com as seguintes palavras: "Por que estás triste, Pafnúcio? Se o fogo terreno investe contra ti, é porque a chama de tua concupiscência interior ainda não está totalmente extinta. Enquanto tais raízes estiverem vivas dentro de ti, esse fogo terreno não te deixará usufruir da verdadeira paz. Portanto, só não sentirás mais suas instigações quando, pela experiência que te mostrarei, reconheceres que todos os estímulos carnais estão completamente destruídos em tua alma. Vai, pois, e procura uma jovem de grande beleza que esteja despida. Se puderes tocá-la, sentindo teu coração isento de qualquer emoção e, experimentando tua tranqüilidade interior inabalada, então, o contato com aquela chama visível te será tão suave e inofensivo como o foi na fornalha para os três jovens da Babilônia."

O ancião, abatido por aquela revelação, não se atreveu a fazer aquela experiência, mas interrogou sua consciência, examinou a pureza de seu coração e concluiu que sua castidade ainda não tinha a perfeição exigida para poder submeter-se àquela prova.

Não me devo admirar, pensou o ancião, se mesmo após ter vencido as investidas dos espíritos impuros, eu me ressinta dos efeitos do fogo que eu julgava serem menos cruéis que os ferocíssimos ataques demoníacos. No entanto, é uma virtude mais sublime e uma graça mais elevada ser capaz de extinguir a concupiscência carnal do que subjugar os assaltos do demônio ou expulsá-los dos corpos dos possessos, afugentando-os com o sinal da cruz ou com a invocação do nome do Senhor, porque os espíritos malignos nos assaltam apenas pelo exterior.

Aqui o abade Nesteros terminou sua exposição sobre a verdadeira doutrina dos dons carismáticos, mas ainda continuou seus ensinamentos, acompanhando-nos até a cela do abade José, que distava da sua cerca de seis milhas.


Vida de Cassiano
Scythia, 360, nascimento.
Marselha, 415-435.
Roma,404-414 (?)
Constantinopla, 400-404.
Éfeso
MAR
MEDITERRÂNEO
Belém,378-380.
Egito,380-400.


O EGITO
no
TEMPO de
CASSIANO
MAR
MEDITERRÂNEO
BERITE
SIDON
TIRO
LAGO DE
GENESARÉ
MONTE
CARMELO
NAZARÉ
CESAREIA
RIO JORDÃO
JERUSALÉM
BELÉM
GAZA
HEBRON
MAR
MORTO
PARALOS
DIOLCOS
CANOPO
ALEXANDRIA
ENATON
TENESO
PELUSIO
PAMEFESIS
MONTANHA DA NITRIA
NITRIA
CELAS
LAGOS DA NITRIA
CETIA
CADES
PETRA
TERENUTE
MÉNFIS
TROAS
CUSMA
DESERTO
DE
FARAN
ALIA
PISPIR
ARSINOE
HERACLEIA
MT. DE
SANTO ANTÃO
(KOZZAM)
MT. DE S. PAULO
(EREMITA)
OXIRRINCO
RIO NILO
MT. SINAI
RAITO
HERMOPOLIS
MAGNA
ANTINOE
MONTE
ARSINOE
DESERTO
DA
ARÁBIA
MAR
VERMELHO
LICÓPOLIS
PANOPOLIS
ATRIPE
(SCHENUTE)
TABENESE
TENTYRA
TEBAS
MOSTEIROS
PACOMIANOS
LATÓPOLIS
DESERTO DA LÍBIA
T E B A I D A

ÍNDICE DAS CONFERÊNCIAS

VIII - SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE SERENO

Os Principados

pág.	cap.	
13	1.	A hospitalidade do abade Sereno
14	2.	Diversidade que notamos entre os espíritos malignos
14	3.	Resposta sobre a multiplicidade de alimentos de que trata a Sagrada Escritura
17	4.	Sobre a dupla opinião que se pode formar no entendimento das Sagradas Escrituras
18	5.	A resposta à questão que se propõe deve ser aceita livremente
18	6.	Deus nada criou de mau
19	7.	A origem dos principados ou potestades
20	8.	A queda do diabo e dos anjos
21	9.	A queda do demônio começou com a sedução de Eva
22	10.	Resposta em que se explica a queda do demônio
23	11.	A punição de quem engana e de quem se deixa enganar
24	12.	São muitos os demônios e grande é a perturbação que provocam no mundo
25	13.	As potências adversas fomentam entre si as mesmas hostilidades que empreendem contra os homens
26	14.	Origem dos termos "principados" e "potências" atribuídos aos espíritos malignos
27	15.	Motivo pelo qual as santas virtudes celestes receberam o nome de anjos e arcanjos
28	16.	A submissão dos demônios a seus príncipes, segundo a visão de um irmão

29	17.	A cada homem sempre estão vinculados dois anjos
30	18.	A diferença da maldade existente nos espíritos que nos são hostis é provada por dois filósofos
31	19.	Os demônios nada podem fazer contra os homens se, primeiramente, não se apoderarem de suas mentes
32	20.	Indagação sobre os anjos apóstatas que, segundo o Gênesis, se uniram às filhas dos homens
32	21.	Resposta à questão apresentada
36	22.	Objeção: Por que se pode imputar como culpa a união dos descendentes de Seth com as filhas de Caim, se ainda não fora proibida por uma lei explícita?
37	23.	Desde o início do mundo, os homens são passíveis de julgamento e de punição pela desobediência à lei natural
39	24.	Aqueles que pecaram antes do dilúvio foram castigados com justiça
40	25.	Como se deve entender a palavra evangélica: O diabo é mentiroso como seu pai

IX - PRIMEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE ISAAC

A Oração

pág.	cap.	
43	1.	Introdução à conferência
43	2.	Palavras do abade Isaac sobre a qualidade da oração
45	3.	De que modo a oração deve tornar-se pura e sincera
46	4.	A mobilidade da alma comparada com uma pena ou com uma pequena asa
47	5.	Causas que oneram a alma
49	6.	A visão que um ancião teve acerca da operosidade descontrolada de um irmão
51	7.	Pergunta-se: Será mais difícil conceber os bons pensamentos ou concebê-los?
52	8.	Resposta: As diferentes modalidades de prece
53	9.	As quatro modalidades de prece

53 10. A ordem das diversas modalidades de prece
54 11. As súplicas
54 12. A promessa ou oração votiva
55 13. A intercessão
55 14. A ação de graças
56 15. Discute-se se tais formas de oração são necessárias a todos e devem ser rezadas concomitantemente ou se separadas e individualmente
57 16. Que modalidades de oração devemos preferir?
58 17. As quatro formas de oração oferecidas pelo Senhor
59 18. A oração do Senhor
61 19. Venha a nós o vosso reino
62 20. Seja feita a vossa vontade
63 21. O pão supersubstancial ou cotidiano
63 22. Perdoai-nos as nossas ofensas
65 23. Não nos induzais em tentação
66 24. Nada mais devemos pedir além do que se encontra na oração do Senhor
66 25. A natureza de uma oração mais sublime
67 26. As diversas causas da compunção
68 27. As diversas formas de compunção
68 28. Por que o dom das lágrimas não está em nosso poder?
69 29. São diversos os sentimentos de compunção que provocam as lágrimas
70 30. As lágrimas não devem ser provocadas quando não brotam espontaneamente
71 31. Conceito do abade Antão sobre a natureza da oração
71 32. Indícios de que a oração foi ouvida
72 33. Objeção: A confiança de ser atendido é exclusividade dos santos
72 34. As diversas causas que tornam atendidas nossas orações
76 35. A oração que deve ser feita na própria cela e de portas fechadas
77 36. A vantagem da oração breve e silenciosa

X - SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE ISAAC

A Oração

pág.	cap.	
79	1.	Introdução
79	2.	O costume vigente no Egito de anunciar a data da Páscoa
80	3.	O abade Sarapião e a heresia do antropomorfismo em que caiu em virtude de sua simplicidade
82	4.	Retorno perante o abade Isaac e questionamento sobre o erro em que incidiu o abade Sarapião
83	5.	Resposta sobre a origem da heresia antropomórfica
84	6.	Porque Jesus Cristo aparece a cada um de nós na humildade ou na glória
85	7.	Em que consiste nosso fim e a perfeita bem-aventurança
86	8.	Pergunta sobre a disciplina da perfeição pela qual se consegue alcançar a lembrança constante de Deus
89	9.	A eficácia da inteligência reforçada pela experiência
89	10.	O método da oração contínua
95	11.	A oração perfeita que se alcança pelo método já exposto
99	12.	Como conservar imutáveis os pensamentos espirituais
99	13.	A mobilidade dos pensamentos
100	14.	Como é possível adquirir a estabilidade do coração e dos pensamentos

XI - PRIMEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE QUEREMOM

A perfeição

pág.	cap.	
105	1.	A cidade de Tenessos
106	2.	O bispo Arquébio
106	3.	Descrição do deserto em que habitavam Queremom, Nesteros e José
107	4.	O abade Queremom e o pretexto alegado para recusar a conferência solicitada

108 5. Nossa resposta
109 6. Resposta do abade Queremom: os três meios de combater os vícios
110 7. Os degraus pelos quais se ascende à perfeição da caridade
112 8. Superioridade dos que renunciam ao vício pela prática da caridade
113 9. A caridade transforma o escravo em filho, conferindo-lhe simultaneamente a imagem e semelhança de Deus
115 10. A perfeição da caridade consiste em orar pelos inimigos. Indício pelo qual se reconhece que a alma ainda não está purificada
116 11. Porque se diz que são imperfeitos os sentimentos de temor e de esperança
117 12. Os diferentes graus da perfeição
119 13. O temor que nasce da magnitude da caridade
122 14. A castidade perfeita
122 15. Queremom adia a explicação solicitada

XII - SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE QUEREMOM

A Castidade

pág. cap.
123 1. Palavras do abade Queremom sobre a castidade
124 2. O corpo de pecado e seus membros
126 3. Necessidade de mortificar a fornicação e a impureza
127 4. Para a obtenção da pureza da castidade não é suficiente o empenho do homem
128 5. Utilidade dos assaltos carnais
130 6. A paciência extingue a chama da impureza
133 7. Os diferentes graus da castidade
135 8. Os que não têm a experiência da castidade não podem tratar de sua natureza nem de seus efeitos
138 9. Pergunta-se: Será possível guardar a castidade durante o sono?
138 10. O sono não poderia prejudicar os que são castos

139 11. Existe grande diferença entre a continência e a castidade
142 12. As maravilhas particulares operadas por Deus em favor dos santos
144 13. Apenas os que a experimentaram sabem como a castidade é aprazível
145 14. Pergunta: Qual o tipo de abstinência e em quanto tempo se pode chegar à perfeita castidade?
146 15. Resposta: O tempo necessário para se reconhecer que a perfeita castidade é uma virtude possível
147 16. A meta e o remédio da castidade

XIII - TERCEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE QUEREMOM

A PROTEÇÃO DE DEUS

pág. cap.
149 1. Introdução
149 2. Por que não se atribui o mérito da virtude ao zelo de quem a pratica?
150 3. Não é apenas a perfeição da castidade que não existe sem o auxílio de Deus. Pode-se dizer o mesmo em relação a qualquer outro bem.
152 4. Objeção: Como fizeram os pagãos para guardar a castidade sem a graça de Deus?
152 5. Resposta acerca da pseudo castidade dos filósofos
154 6. Sem a graça de Deus qualquer esforço torna-se inútil
156 7. O plano primordial de Deus e sua cotidiana providência
157 8. A graça de Deus e o livre arbítrio
159 9. A eficácia da nossa boa vontade e o valor da graça de Deus
161 10. A fragilidade do livre arbítrio
162 11. Pergunta-se: A graça de Deus precede ou acompanha a nossa boa vontade?

164 12. A boa vontade não deve ser exclusivamente atribuída nem ao livre arbítrio nem ao homem
169 13. Os esforços humanos não podem substituir a graça de Deus
171 14. Deus, ao enviar-nos as tentações, põe à prova a força de nosso livre arbítrio
175 15. A graça multiforme da vocação divina
177 16. A graça divina excede os estreitos limites da fé humana
179 17. A insondável providência de Deus
180 18. Os Santos Padres demonstraram que o livre arbítrio não é suficiente para a salvação

XIV - PRIMEIRA CONFERÊNCIA DO ABADE NESTEROS

A Ciência Espiritual

pág. cap.

183 1. Palavras do abade Nesteros sobre a ciência própria dos religiosos
184 2. A aprendizagem da ciência espiritual
184 3. A prática da perfeição se fundamenta em dois requisitos
185 4. A vida ativa se direciona para diversas profissões e interesses
186 5. A perseverança na profissão abraçada
187 6. A inconstância dos fracos
187 7. Um exemplo do exercício da castidade que demonstra que nem todas as práticas convêm a todos os indivíduos
189 8. A ciência espiritual
192 9. Deve-se partir da ciência ativa para ascender até a espiritual
195 10. A escola da verdadeira ciência
197 11. Os múltiplos sentidos da Sagrada Escritura
199 12. Como podem ser esquecidos os poemas seculares
200 13. Como podemos desembaraçar a alma das dificuldades

202 14. A alma não purificada é incapaz de dar ou receber a ciência espiritual
203 15 Objeção: Muitos que não têm o coração puro possuem a ciência; ao contrário, muitos santos não a possuem
204 16. Os homens maus não podem possuir a verdadeira ciência
207 17. A quem se deve revelar o caminho da perfeição
209 18. As causas que tornam infrutífera a doutrina espiritual
209 19. Mesmo os indignos, às vezes, recebem a graça da ciência espiritual

XV - SEGUNDA CONFERÊNCIA DO ABADE NESTEROS

Os Carismas Divinos

pág. cap.
211 1. Discurso do abade Nesteros sobre a tríplice causa dos milagres
213 2. Em que devemos admirar os santos
214 3. O morto ressuscitado pelo abade Macário
216 4. O milagre realizado pelo abade Abraão sobre o seio de uma mulher
217 5. A cura de um coxo pelo mesmo abade Abraão
217 6. Não devemos julgar os méritos de uma pessoa pelos milagres que realiza
218 7. Para os homens carismáticos, a virtude não consiste em operar prodígios, mas em praticar a humildade
220 8. É mais digno de admiração repelir os próprios vícios do que expulsar demônios dos corpos dos outros
220 9. Uma vida íntegra é superior à realização de milagres
221 10. Revelação sobre a experiência da castidade perfeita

OUTRAS PUBLICAÇÕES DAS EDIÇÕES SUBIACO

- VIDA DE SANTO HONORATO
(Sermão de Santo Hilário e a Vida dos Padres do Jura)

- CONCORDÂNCIA DA REGRA DE SÃO BENTO
(latim)

- A PROCURA DE DEUS
Esther de Waal - 4ª edição

- TRATADO SOBRE A ORAÇÃO
Tertuliano, S. Cipriano, Orígenes - 2ª edição

- LIVRO DE VIDA MONÁSTICA, CAMINHO DO EVANGELHO
Roger Visseaux, osb

- A REGRA DE SÃO BENTO - formato de bolso - bilíngüe
Tradução de D. João E. Enout,osb - 3ª edição

- A REGRA DE SÃO BENTO - formato de bolso
Tradução de D. Basílio Penido,osb - 2ª edição

- A REGRA DE SÃO BENTO APLICADA À VIDA DE SEUS OBLATOS E OBLATAS
Ivone Faria (Ir. Joana Evangelista,Obl.osb)

- OS VOTOS NA RB
Ir. Lídia Tavares de Lemos,osb

- DUAS LEITURAS DA VIDA DE SÃO BENTO
D. A. Vogüé,osb – D. Anselm Grün,osb – 2ª edição

- DEUS FALA AO TEU CORAÇÃO
(espiritualidade bíblica)
D. Eduardo de Souza Schulz,osb

- O IDEAL MONÁSTICO E A VIDA CRISTÃ
DOS PRIMEIROS DIAS
D. Germain Morin,osb

- CONFERÊNCIAS – Volume I (1 a 7)
João Cassiano

- GERTRUDES DE HELFTA – VIDA E EXERCÍCIOS
ESPIRITUAIS

- ENSINAMENTOS ESPIRITUAIS DE DOROTEU DE
GAZA

- FONTES – OS MÍSTICOS CRISTÃOS DOS
PRIMEIROS SÉCULOS
Olivier Clément

- CADERNOS DE HISTÓRIA MONÁSTICA – Volume I
Introdução – Organização: D. Justino de A. Bueno,osb

- SABEDORIA QUE BROTA DO COTIDIANO
Viver a Regra de São Bento hoje
Ir. Joan D. Chittister,osb

- ENSINAMENTOS DE UM ABADE
D. Abade Joaquim de Arruda Zamith,osb

- *LECTIO DIVINA* ONTEM E HOJE
Guigo II, cartuxo, Enzo Bianchi, Giorgio Giurisato,
Albert Vinnel - 3ª ed. aumentada

- VIDA E MILAGRES DE SÃO BENTO – Segundo
Livro dos Diálogos de São Gregório Magno - 5ª edição

- UMA *LECTIO DIVINA* NA BÍBLIA E COM A BÍBLIA
I. P. Iglésias,osb

- OS MÍSTICOS CISTERCIENSES DO SÉCULO XII
D. Bernardo Bonowitz - Organizador

- SALMOS PARA SENTIR E SABOREAR AS COISAS
INTERNAMENTE
Pe. Benjamím Gonzaléz Buelta,sj

- A GLÓRIA DE DEUS É O HOMEM VIVO
Uma herança da Igreja primitiva
Pe. Leonardo Meulenberg

- APTO A GANHAR ALMAS
Direção espiritual no contexto monástico - 2ª edição revista
e aumentada
D. Bernardo Bonowitz,ocso

ASSINE A **REVISTA BENEDITINA**
Publicação bimestral de espiritualidade monástica

Solicite o nosso catálogo e
receba informações sobre nossos lançamentos:

EDIÇÕES SUBIACO

telefone (xx)32-3216-2814
fax (xx)32- 3215-8738
publicacoesmonasticas@yahoo.com.br
Rua Prof. Coelho e Souza, 95
36016-110 - Juiz de Fora - MG - Brasil
Outubro - 2006